

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

GISÉLIA BRITO DOS SANTOS

**NASALIDADE NA COMUNIDADE DE FALA DE FORTALEZA DOS
NOGUEIRAS - MA**

Goiânia
2009

GISÉLIA BRITO DOS SANTOS

**NASALIDADE NA COMUNIDADE DE FALA DE FORTALEZA DOS
NOGUEIRAS - MA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás/Faculdade de Letras como parte dos requisitos para a obtenção do grau de mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Sueli de Aguiar

Goiânia
2009

GISÉLIA BRITO DOS SANTOS

**NASALIDADE NA COMUNIDADE DE FALA DE FORTALEZA DOS
NOGUEIRAS - MA**

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre, aprovada em 16 de dezembro de 2009, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª. Dra. Maria Sueli de Aguiar - UFG
(Presidente)

Prof. Dr. Sinval Martins de Sousa Filho - UFG
(Membro)

Profª. Dra. Maria Cristina Figueiredo - UFSC
(Membro)

Ao meu pai, Estevão, e à minha mãe, Maria Zélia.

Aos meus irmãos e às minhas irmãs, especialmente, Stéllia.

À minha amiga e companheira de caminhada, Maria Célia.

Ao meu amor, José Demétrio.

AGRADECIMENTOS

Eu te exalto meu Deus, meu Rei, e bendigo o teu nome
para sempre e eternamente. Vou te bendizer todos os
dias e louvar o teu nome para sempre e eternamente.
(Sl, 145)

Obrigada, meu Deus, pela minha vida e pela vida plena que me oferece. Obrigada, Senhor, pelas manifestações constantes de tua presença e de teu amor em minha vida.

Obrigada, mãe, obrigada, pai, pelo amor incondicional de todos os dias, de todas as horas, da vida toda.

Obrigada, minhas queridas irmãs: Maria José, pelo trabalho de transcrição fonográfica de parte do *corpus*; Estevina, obrigada pelos conselhos, pelas sábias orientações e pela companhia agradável na visita à comunidade Taboca; Obrigada, Stéllia, pela amizade e pela acolhida de sempre; Obrigada, Márcia, pelo apoio materno que você sempre me ofereceu. Obrigada meus irmãos, Gonzaga, Aurélio, Marcos, Marcelo e Juscelino, pelo amor, pela acolhida, incentivo e pelos laços fraternos que nos unem. Agradeço, especialmente a você, Juscelino, por me acompanhar na última visita à comunidade Taboca e por tantos outros favores que sempre me fez. Carlos Eduardo, meu afilhado, obrigado pela alegria que você trouxe para a nossa família.

Obrigada, José Demétrio, meu amor, pela companhia, paciência e tolerância com minha ausência e com os quilômetros que nos separam fisicamente. Obrigada por seu amor. Agradeço também a sua família, pelo carinho e pela acolhida que sempre me deram.

Obrigada, Maria Célia, minha grande amiga e educadora, pelo apoio que tens me dado desde a graduação. Sou grata a você e a sua família por tudo.

Obrigada, meus amigos, os de agora e os mais remotos, todos marcaram minha vida e todos contribuíram de alguma forma para que eu seja o que sou hoje.

Obrigada, minha querida orientadora, Maria Sueli de Aguiar, pelo carinho e pela paciência. Obrigada pelas conversas, pelos conselhos, pelas orientações e pelas palavras sábias que sempre tem a oferecer.

Obrigada, professores do programa de pós-graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras, Maria Cristina Dalacorte, Cristiane Cunha e Vânia Casseb pela orientação nas disciplinas, em especial, professor Sebastião Milani, pelas sugestões oferecidas para melhoria deste trabalho.

Obrigada, professor Sinval Filho, pelas sugestões, orientações e material de pesquisa que me ofereceu desde a qualificação. Seu apoio foi muito relevante para a conclusão deste trabalho.

Obrigada, professora Maria Cristina, por ter aceito o convite de participar da banca examinadora.

Obrigada, minhas amigas e colegas de disciplina, especialmente Lisa, Ester, Ana Lourdes, a nossa parceria, os grupos de estudo, as pesquisas que fizemos juntas, tudo foi muito proveitoso e inesquecível.

Agradeço a vocês, Polina e Mariani, pelas risadas, brincadeiras, companhia e pela paciência, quando eu me ausentava das tarefas de casa.

Obrigada, minha tia Sebastiana e sua família, pela acolhida e pela família abençoada que encontrei em vocês.

Obrigada, minhas primas, pelo apoio que me deram aqui em Goiânia.

Obrigada, professora Suzan Figueiredo, pelas aulas de inglês instrumental que muito me ajudaram na seleção de mestrado.

Obrigada, Diocese de Balsas, em especial a Dom Franco Masserdotti (*in memorian*), Pedrina, Doracy, Núbia, Aparecida, Renilda, Amélia, Lúcio, Manoel, Eanes, Pe. Sebastião Leite, Pe. Batista, todos os funcionários, pelo tempo que vivemos, trabalhamos, erramos e aprendemos juntos.

Obrigada, paróquia de Fortaleza dos Nogueiras, berço de minha educação religiosa e cristã. Sou muito feliz por tudo que aprendi, vivi e descobri com os demais membros dessa comunidade cristã. Agradeço, especialmente, ao Sr. Agenor Pinheiro, pelo grande apoio na escolha e indicação das comunidades rurais que visitei; às irmãs Franciscanas, a Neuda e a todos que de alguma forma contribuíram para meu crescimento. Agradeço de forma especial a Marlon França, que me acompanhou na primeira etapa das visitas.

Sou grata a todos os professores que já tive, desde a primeira, minha mãe, aos da graduação. Quero agradecer, especialmente aos meus professores da Escola Municipal Marcelino Machado. A educação que recebi de vocês muito contribuiu para o que hoje sou e sei.

Agradeço aos meus colegas das Escolas Municipais Deputado F. Coelho e José Bernardino. À Prefeitura Municipal de Balsas, em especial, à Secretaria de Educação, pela concessão de minha licença para fazer o mestrado.

Agradeço à Universidade Estadual do Maranhão pelo convite para ministrar disciplinas no Programa de Qualificação de Docentes e à professora Maria Célia por ter me convidado para substituí-la nessa universidade. Foi uma oportunidade muito boa de aquisição e prática de conhecimentos. Obrigada a todos os meus alunos pela troca de conhecimentos que fizemos em sala de aula e fora dela.

Obrigada aos meus informantes, sem os quais esta pesquisa não seria realizada, muito obrigada pelas conversas, por terem me acolhido e permitido que eu gravasse nossas conversas. Que Deus os recompense.

Obrigada a Sra. Raimunda, Sr. Joaquim e Carla que me acolheram na comunidade Taboca e que muito contribuíram para meu acesso aos informantes da Taboca, Piaçaba e Poço.

Obrigada a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

A todos vocês que citei nesse agradecimento e a todos que não pude citar, a minha eterna gratidão por fazerem parte de minha vida. Saibam que o mérito que agora é meu carrega muito do mérito que é de vocês, minha amizade, minha educação, minha vida.

Historia vero testis temporum, lux veritatis,
vita memoriae, magistra vitae, nuntia
vetustatis est.

Cícero

A história é testemunha dos tempos, luz da
verdade, memória da vida, mestra da vida,
mensageira do passado.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da nasalidade na comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras-MA, em que são utilizados os postulados da teoria estruturalista e da teoria gerativista para a apresentação dos fonemas nasais na língua portuguesa do Brasil e, especificamente, no *corpus* analisado. Os informantes da pesquisa são pessoas com baixa escolaridade, que sempre viveram na zona rural e que têm a partir de 60 anos. Utilizamos a pesquisa de campo para a coleta dos dados, a transcrição fonográfica para o registro e o método descritivo analítico para analisá-los. O referencial teórico apresenta questões relacionadas à Fonética, especialmente à Fonética Articulatória; à Fonologia, com destaque para a Fonologia Linear; e à Morfologia com questões relacionadas à definição e à formação de palavras, particularmente à formação dos graus diminutivo e aumentativo. Apresentamos um apanhado histórico dos fonemas consonânticos e vocálicos, em que enfocamos os fonemas nasais e as suas transformações, desde o latim ao português. No que diz respeito ao português brasileiro, descrevemos a nasalidade a partir da concepção de fonemas nasais de Camara Jr. (1970), do conceito de espraçamento progressivo e regressivo e do tratamento da nasalidade dentro da sílaba. O foco principal de análise é o espraçamento progressivo e regressivo da ressonância nasal, a partir dos três fonemas consonânticos nasais do português /m/, /n/ e /ɲ/ em palavras gramaticais e em palavras fonológicas. Para essa análise, foram considerados os aspectos intralinguísticos como ambiente fonético-fonológico, tonicidade, estrutura da sílaba, fronteiras de palavras, palavra fonológica e palavra gramatical. Tratamos da nasalidade nos diminutivos e aumentativos e, por fim, apresentamos algumas regras de nasalização progressiva e regressiva com base no modelo de traços de Chomsky e Halle (1968 apud MATZENAUER, 2005).

Palavras-chave: nasalidade, nasalização progressiva e regressiva, português brasileiro, comunidade de fala fortanogueirense.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the nasality in the speech community of Fortaleza Nogueiras-MA, in which the postulates of the structuralism and generative theory are used to present nasal phonemes in the Portuguese language in Brazil and particularly in the analyzed *corpus*. The informants of this research are people with low formal education, who have always lived in rural areas, and they are over 60 years old. The Field Research was used in the data collection, phonographic transcription in the record, and the analytical descriptive method to analyze them. The theoretical framework presents issues related to Phonetics, mainly the Articulatory Phonetics; the Phonology, especially the Linear Phonology; and Morphology, with issues related to the definition and formation of words, particularly in diminutive and augmentative degree. We present a historical overview of consonants and vowel phonemes, in which we have focused the nasal phonemes, and their transformations, from Latin to Portuguese. With respect to Brazilian Portuguese, we describe the nasality from the conception of nasal phonemes of Camara Jr. (1970), also the progressive and regressive spreading concepts and the nasality treatment within the syllable. The main focus for this analysis is the progressive and regressive spreading of nasal resonance, from the three nasal consonant phonemes, that belongs to the Portuguese language / m /, / n / e /ɲ/ in grammatical and phonological words. For this analysis, it was considered the intralingual aspects as phonetic-phonological environmental, stress, syllable structure, words boundaries, grammatical and phonological words. We have discussed the nasality in the formation of diminutives and augmentative degrees and, lastly, we have presented some progressive and regressive nasalization rules, based on the features model proposed by Chomsky and Halle (1968 apud MATZENAUER).

Keywords: nasality, progressive and regressive nasalization, Brazilian Portuguese, Fortanogueirenses community speech.

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
LISTA DE QUADROS	12
SÍMBOLOS CONVENCIONAIS, DIACRÍTICOS E ABREVIATURAS USADAS	13
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
1.1 MÉTODO DE ANÁLISE	20
1.2 A COLETA DE DADOS	20
1.3 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS LINGUÍSTICOS	21
1.4 OS INFORMANTES	22
1.5 AS COMUNIDADES RURAIS VISITADAS	24
1.6 O MUNICÍPIO PESQUISADO	26
CAPÍTULO 2 - FONÉTICA E FONOLOGIA: UMA BREVE APRECIÇÃO	27
2.1 FONÉTICA ARTICULATÓRIA	29
2.2 FONOLOGIA	30
2.2.1 Fonologia linear	31
2.2.2 Fonologia não-linear	35
2.3 ATONICIDADE E TONICIDADE	36
2.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PALAVRA	37
2.4.1 Etimologia do termo “palavra”	37
2.4.2 Algumas definições de “palavra” na linguística	38
2.4.2.1 Palavra fonológica	40
2.4.2.2 Palavra gramatical	40
2.5 FORMAÇÃO DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	41
CAPÍTULO 3 - FONEMAS NASAIS DO PORTUGUÊS	44
3.1 HISTÓRICO DOS FONEMAS DO PORTUGUÊS	44
3.1.1 Sistema consonantal	44
3.1.2 Sistema vocálico	45
3.2 HISTÓRICO DOS FONEMAS NASAIS	48
3.2.1 Nasais em posição inicial	49
3.2.2 Nasais em posição medial	50
3.2.3 Nasais em posição final	52
3.2.4 Nasais geminadas	53
3.2.5 Grupos consonantais	54
3.2.6 Fonemas vocálicos nasalizados	58
3.3 NASAL VERSUS NASALIZADO	60
3.3.1 Abordagem estruturalista da nasalidade	64
3.3.1.1 A nasalidade em Saussure e em Camara Jr.	66
3.3.2 Abordagem gerativista da nasalidade	68
3.4 NASALIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	71
3.5 NASALIDADE NA SÍLABA	74

CAPÍTULO 4 – OS SEGMENTOS NASAIS NA COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA	78
4.1 ANÁLISE DO ESPRAIAMENTO PROGRESSIVO E REGRESSIVO DA NASALIDADE	78
4.1.1 Espraiamento progressivo	80
4.1.1.1 Espraiamento progressivo a partir de /m/	81
4.1.1.2 Espraiamento progressivo a partir de /n/	85
4.1.1.3 Espraiamento progressivo a partir da palatal /ɲ/	86
4.1.1.4 Espraiamento progressivo em palavras fonológicas	89
4.1.2 Espraiamento regressivo	93
4.1.2.1 Espraiamento regressivo a partir de /m/	93
4.1.2.2 Espraiamento regressivo a partir de /n/	95
4.1.2.3 Espraiamento regressivo a partir de /ɲ/	97
4.1.2.4 Espraiamento regressivo em palavras fonológicas	100
4.2 NASALIDADE NO AUMENTATIVO E NO DIMINUTIVO	103
4.2.1 Nasalidade nos diminutivos	103
4.2.2 Nasalidade nos aumentativos	106
4.3 REGRAS FONOLÓGICAS DE NASALIZAÇÃO PROGRESSIVA E REGRESSIVA	107
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 112
 REFERÊNCIAS	 116
 ANEXOS	 122
ANEXO 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido	123
ANEXO 2 - Ficha de identificação do informante	125
ANEXO 3 - Recortes dos dados utilizados	126
ANEXO 4 - Fotos	132
ANEXO 5 - Mapas	144
Estadual	144
Divisão regional do Maranhão	145
Região sul do Maranhão	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Matriz fonológica dos fonemas consonânticos do português	33
Quadro 2 – Matriz fonológica dos fonemas vocálicos do português	34
Quadro 3 – Sistema consonantal latino.....	45
Quadro 4 – Sistema consonantal do português.....	45
Quadro 5 – Fonemas vocálicos do latim clássico e do latim vulgar.....	46
Quadro 6 – Fonemas vocálicos do português	47
Quadro 7 – Fonemas vocálicos diante de nasais.....	47
Quadro 8 – Fonemas vocálicos pretônicos.....	48
Quadro 9 – Fonemas vocálicos postônicos.....	48
Quadro 10 – Fonemas vocálicos átonos finais.....	48
Quadro 11 – Nasalização progressiva a partir de /m/.....	85
Quadro 12 – Nasalização progressiva a partir de /n/.....	86
Quadro 13 – Nasalização progressiva a partir de /ɲ/.....	89
Quadro 14 – Nasalização progressiva na palavra fonológica.....	91
Quadro 15 – Nasalização regressiva a partir de /m/.....	95
Quadro 16 – Nasalização regressiva a partir de /n/.....	97
Quadro 17 – Nasalização regressiva a partir de /ɲ/.....	100
Quadro 18 – Nasalização regressiva na palavra fonológica	101

SÍMBOLOS CONVENCIONAIS, DIACRÍTICOS E ABREVIATURAS USADAS

I - Símbolos fonéticos usados na transcrição dos dados

Para a descrição dos fonemas que caracterizam a comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras-MA, utilizamos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional –AFI, disponível no programa *Speech Analyzer* e *Speech Manager*, baixado do portal do *Summer Institute of Linguistics*. Informamos que os sinais diacríticos, as abreviaturas e demais convenções são usados o mínimo possível para facilitar a leitura do texto por aqueles que não estão familiarizados com essas convenções Fonéticas.

- **Fonemas vocálicos**

1. anterior alto
 - [i] oral
 - /i/ [ɪ] oral reduzido
 - [ĩ] nasalizado
2. anterior médio-alto
 - /e/ [e] fechado oral
 - [ẽ] nasalizado
3. anterior médio-baixo
 - /ɛ/ [ɛ] aberto oral
4. central
 - [a] baixo oral
 - /a/ [ə] médio oral
 - [ã] médio nasalizado
 - [ɐ] baixo oral reduzido
5. posterior alto
 - [u] oral
 - /u/ [ũ] nasalizado
 - [ʊ] oral reduzido
6. posterior médio-alto
 - /o/ [o] fechado oral
 - [õ] nasalizado
7. posterior médio-baixo
 - /ɔ/ [ʊ] aberto oral

8. posterior baixo
/ɑ/ [ɑ] aberto oral

• **fonemas consonânticos**

1. oclusivos

/p/	[p]	bilabial surdo
/b/	[b]	bilabial sonoro
/t/	[t]	dental surdo
	[tʃ]	africado surdo
/d/	[d]	dental sonoro
	[dʃ]	africado sonoro
/k/	[k]	velar surdo diante do fonema /a/
	[c]	palatal surdo diante dos fonemas /ε/, /e/ e /i/
	[q]	uvular surdo diante dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/
/g/	[g]	velar sonoro diante do fonema /a/
	[ʒ]	palatal sonoro diante dos fonemas /ε/, /e/ e /i/
	[ɣ]	uvular sonoro diante dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/

2. fricativos

/f/	[f]	labiodental surdo
/v/	[v]	labiodental sonoro
/x/	[x]	velar surdo diante do fonema /a/
	[ç]	palatal surdo diante dos fonemas /ε/, /e/ e /i/
	[χ]	uvular surdo diante dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/
	[h]	glotal surdo
/s/	[s]	alveolar surdo
/z/	[z]	alveolar sonoro
/ʃ/	[ʃ]	alveopalatal surdo
/ʒ/	[ʒ]	alveopalatal sonoro

3. nasais

/m/	[m]	bilabial sonoro
/n/	[n]	dental sonoro
	[ɲ]	palatal sonora
	[ŋ]	velar sonora

4. lateral

/l/	[l]	alveolar aproximante sonoro
	[ɬ]	alveolar fricativo surdo
	[ʎ]	palatal aproximante sonoro

5. vibrante

/r/	[r]	alveolar sonoro
	[ɾ]	retroflexo flepe sonoro
	[ɻ]	retroflexo aproximante

[l] alveolar lateral flepe

6. semivocálicos

/w/ [w] velar sonoro
/j/ [j] palatal sonoro

II - Sinais diacríticos

˘ breve
- longa
: alongamento
∅ casa vazia
~ nasalização
> torna-se
< provém de
// transcrição fonológica
[] transcrição Fonética
* forma hipotética
j palatalizada
! tonicidade na sílaba seguinte

III - Abreviaturas e lista de convenções no corpo do trabalho e na transcrição dos dados

c. f. conforme
V vogal (fonema vocálico)
VN vogal nasal (fonema vocálico nasal)
N arquifonema nasal
NA nasalização por assimilação
NF nasalização fonológica
C consoante (fonema consonântico)
P pesquisadora
I informante
... pausa curta
? interrogação
! exclamação

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, realizamos uma análise descritiva da nasalidade na comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras-MA, sob a perspectiva da Fonologia Linear, com uma abordagem estruturalista e gerativista. Investigações acerca desse fenômeno, na língua portuguesa, são muito frequentes e cheias de divergências, pois o reconhecimento da nasalidade nos fonemas /m/, /n/ e /ɲ/ é geral entre os autores da linguística, enquanto que a nasalidade dos fonemas vocálicos é ponto de controvérsias entre muitos autores, pois há os que consideram que no português há fonema vocálico nasal, tais como Battisti (1997) e os que acreditam que existem apenas fonemas vocálicos nasalizados, tais como Camara Jr. (1970). Esse autor assegura que não há fonema vocálico nasal no português, apenas fonema nasalizado pelo elemento consonântico nasal, o qual é representado pelo arquifonema /N/. Existem também autores que discordam do linguista brasileiro quanto à existência do arquifonema nasal. Para Lopez¹ (1979 apud MONARETTO et. al., 2005), na posição de travamento de sílaba, os fonemas nasais são especificados como coronais. Na perspectiva de nasalização apresentada por Camara Jr. (1970), a língua portuguesa tem três fonemas consonânticos nasais e dois tipos de nasalização dos fonemas vocálicos: i) uma que ocorre na mesma sílaba, com o fonema nasal na posição de coda, chamada de nasalização fonológica: *tampa, senta, canga*; e outra que ocorre em sílabas diferentes, com o fonema nasal em posição de ataque, que é chamada nasalização por assimilação: *ãna, cêna, comunidade*.

Esta pesquisa assume, portanto, a postura teórica de Camara Jr. (1970) acerca dos fonemas nasais na língua portuguesa e realiza-se com base no objetivo geral que é descrever e analisar o processo de nasalização da comunidade de fala da zona rural do município de Fortaleza dos Nogueiras. Tem como objetivos específicos: i) mostrar os traços fonético-fonológicos de nasalidade que estão presentes nessa comunidade de fala, bem como quais os ambientes nos quais ela acontece; ii) identificar a produtividade da nasalização e o que há de conservação e de inovação do fenômeno estudado em relação ao português histórico e ao latim vulgar. A realização desses objetivos visa responder à pergunta de pesquisa que norteia este trabalho: “Quais os processos de funcionamento da nasalidade na comunidade de fala pesquisada?”

¹¹ LOPEZ, Barbosa S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese* (cariocan dialect). Tese (Doutorado, PhD) – Los Angeles: University of California, 1979.

Trabalhamos com a abordagem histórica (diacrônica) no levantamento da história dos fonemas nasais e nasalizados na língua portuguesa, a partir do latim, com a apresentação de dados históricos, dessas duas línguas, encontrados nas obras de autores como Coutinho (1976), Nunes (1989), Tarallo (1990) e Williams (1994). A partir desses dados, evidenciamos as mudanças que ocorreram em relação aos fonemas nasais no percurso histórico da língua portuguesa. Na perspectiva sincrônica, analisamos os dados com enfoque no espriamento da ressonância nasal aos fonemas vocálicos que estão anteriores e posteriores ao fonema consonântico nasal, na palavra gramatical e na palavra fonológica.

A escolha da Linguística Histórica como campo de pesquisa justifica-se por essa ser uma disciplina que permite ao estudioso, à luz do passado, explicar e/ou dar pistas para a compreensão do presente e uma possível previsão para o futuro das línguas. Além de fornecer dados históricos, essa disciplina oferece meios para o trabalho linguístico tanto diacrônico quanto sincrônico. Utilizamos ainda os pressupostos teóricos da Fonética e da Fonologia para a descrição e análise dos fonemas nasais e da Morfologia, a qual fornece subsídios para a análise da nasalidade nas palavras derivadas com os morfemas de diminutivo e de aumentativo e em palavras fonológicas.

Optamos por fazer a pesquisa com a comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras por esta ser uma cidade tipicamente interiorana e por estar à margem de grandes desenvolvimentos e por isso conservar palavras antigas (algumas arcaicas) ou mesmo palavras latinas (latim vulgar) que ainda são usadas nas orações e rezas (ladainhas), principalmente por boa parte das comunidades religiosas da zona rural. Muitos dos habitantes dessa comunidade tiveram pouco ou nenhum contato com a cultura letrada, fato que pode contribuir para uma aproximação das palavras por eles usadas com as palavras da primeira fase da língua portuguesa ou mesmo com palavras do próprio latim vulgar. Esse fato contribuir para a preservação da língua em seus aspectos tradicionais ou para a inovação da língua com traços muito particulares de um povo.

Os aspectos linguísticos da fala no sul do Maranhão ainda carecem de pesquisas e estudos, pois há pouquíssimos trabalhos sobre aspectos linguísticos da língua portuguesa nessa região. O nosso trabalho, o primeiro linguístico-histórico realizado na região de Fortaleza dos Nogueiras, contribui para a pesquisa e levantamento das variedades da língua portuguesa faladas nas diversas regiões do Brasil. Ele oferece dados para registros e análises dos fenômenos da fala do povo sul maranhense e, ainda, serve de base teórica a pesquisas de outros estudantes ou pesquisadores que queiram conhecer mais o processo de nasalização, em particular, na referida comunidade de fala.

Esta pesquisa também faz parte de um projeto da Universidade Federal de Goiás, intitulado “A linguística e a história da colonização de Goiás”, com ampliação para Tocantins, Maranhão e Minas Gerais, coordenado pela Professora Dra. Maria Sueli de Aguiar, da Faculdade de Letras. Esse projeto tem o objetivo de documentar e descrever os processos linguísticos da língua falada nos estados citados acima, e assim contribuir com o atlas linguístico de Goiás, Minas Gerais, Tocantins e Maranhão.

A nossa dissertação está estruturada em seis partes, sendo que a primeira é a introdução, em que apresentamos, resumidamente, o trabalho. No primeiro capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na elaboração e realização dessa pesquisa, tais como a apresentação do método de análise adotado, dos informantes, da coleta de dados, das comunidades rurais visitadas, da transcrição dos dados linguísticos e do município pesquisado. No segundo e terceiro capítulos, apresentamos o suporte teórico que fundamenta a nossa pesquisa. O segundo, intitulado “Fonética e Fonologia: uma breve apreciação”, apresenta noções sobre a Fonética, especialmente sobre a Fonética Articulatória, e sobre a Fonologia e suas subdivisões em Fonologia Linear e Não-Linear. Nesse capítulo, apresentamos também, alguns pressupostos teóricos acerca da palavra, suas definições e a sua formação, especificamente dos diminutivos e aumentativos no português brasileiro. O terceiro capítulo intitulado “Fonemas nasais do português” apresenta um histórico dos fonemas do português, especialmente dos nasais, ressaltando a posição na qual eram empregados no latim e a transformação que eles sofreram na formação da língua portuguesa. Apresentamos ainda questões que envolvem os termos *nasal* e *nasalizado*; discorremos sobre a abordagem estruturalista, com Saussure (2006) e Camara Jr. (1970) e sobre a abordagem gerativista de Moraes e Wetzels (1992) acerca da nasalidade; por fim, discutimos a nasalidade na sílaba e no português brasileiro. No quarto capítulo, apresentamos a análise de dados da comunidade de fala fortanogueirense, com especial enfoque ao espriamento progressivo e regressivo da ressonância nasal dos fonemas consonânticos /m/, /n/ e /ɲ/ aos vocálicos. Fazemos também uma análise da nasalidade no diminutivo e no aumentativo e, por fim, apresentamos algumas regras de nasalização progressiva e regressiva que se aplicam aos dados analisados, a partir da teoria gerativa com o conjunto de traços do modelo de Chomsky e Halle (1968 apud MATZENAUER, 2005). Nas considerações finais, apresentamos algumas considerações sobre o fenômeno descrito e algumas questões “não resolvidas” que levantamos a partir da análise de dados, e, finalmente, as referências que deram suporte básico e complementar para a realização deste trabalho.

CAPÍTULO 1

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para justificar um estudo histórico-comparativo da nasalidade na fala regional de Fortaleza dos Nogueiras, faz-se necessário, primeiramente, esclarecer o que é a Linguística Histórica, linha de pesquisa que fundamenta este trabalho.

A Linguística Histórica é um ramo da linguística que trata da interpretação das mudanças fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais que ocorrem em uma língua ou em um grupo de línguas, ao longo do tempo (SILVA, 2008). Essa linha de pesquisa divide-se em dois campos: o primeiro, chamado linguística histórica *latu sensu*, que trabalha com textos datados e localizados; o segundo, linguística histórica *stricto sensu*, que tem como objetivo pesquisar as mudanças ocorridas em uma língua e verificar como essas mudanças ocorrem. A linguística histórica *stricto sensu* subdivide-se em “linguística histórica sócio-histórica” e “linguística diacrônica associal”. A primeira considera a mudança a partir de princípios linguísticos e extralinguísticos, levando em conta os caracteres sociais. A segunda considera, principalmente, os caracteres intralinguísticos da mudança (SILVA, 2008).

Neste trabalho, temos como suporte de análise a linguística histórica *strictu sensu* em sua ramificação diacrônica associal, pois mostramos, a partir da comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras, algumas mudanças ocorridas na língua portuguesa local e como essas mudanças ocorrem, a partir da perspectiva intralinguística. Utilizamos também dos pressupostos da Fonética e Fonologia visto que não temos como analisar as mudanças fonéticas e fonológicas ocorridas historicamente em uma língua sem fazermos uso do escopo dessas disciplinas. Buscamos suporte teórico na Morfologia para a definição do que é e de como se formam as palavras, pois fazemos uma análise da nasalidade em palavras no diminutivo e no aumentativo. Para melhor situar nosso *corpus*, a seguir, fazemos uma breve exposição dos procedimentos metodológicos que são utilizados na realização da análise.

1.1 MÉTODO DE ANÁLISE

Nosso método de análise é o descritivo analítico com o qual fazemos, a partir da transcrição fonográfica e fonética, a análise fonológica das ocorrências dos segmentos nasais e do fenômeno da nasalidade em si. A descrição dos dados baseia-se nos parâmetros estruturais ou fatores linguísticos, como ambiente fonético-fonológico, tonicidade, estrutura silábica, fronteiras de palavras e palavra fonológica e gramatical, para que sejam possíveis as explicações do espriamento progressivo e regressivo da ressonância nasal. Após essa análise descritiva, fazemos o cruzamento de alguns dados da comunidade de fala pesquisada com dados históricos do latim e do português histórico para evidenciar quais fenômenos se repetem e quais são inovadores em relação à nasalidade.

Os dados do português histórico e/ou do latim vulgar que utilizamos são os encontrados nos trabalhos de linguística histórica e nas áreas afins que lidam com dados históricos da língua, tais como: Nunes (1989), Williams (1994), Ferreira Netto (2001), Tarallo (1990) e Coutinho (1976).

Após a análise dos dados de fala do sertanejo fortanogueirense e do cruzamento desses com dados históricos, fazemos uma amostragem da atual situação dos segmentos nasais e dos fenômenos de nasalidade, com destaque no que houve de inovação e de conservação na comunidade de fala pesquisada em relação ao português histórico e ao latim.

1.2 A COLETA DE DADOS

Este estudo da nasalidade em Fortaleza dos Nogueiras foi realizado por meio da pesquisa de campo, pois, conforme Johnstone (2000), esse é um método eficaz porque possui rigor na veracidade dos dados e pelos resultados que apresenta. E ainda, como ressalta Bauer (2002, p. 189), “é um método conveniente e estabelecido de pesquisa social”.

A visita aos informantes ocorreu em duas etapas. A primeira aconteceu em julho de 2008, em que foram feitas cinco entrevistas em cinco localidades diferentes. Na segunda etapa, janeiro de 2009, foram realizadas onze entrevistas em três comunidades.

Feito um primeiro contato e após a seleção dos informantes para a pesquisa, aplicamos como técnica de coleta de dados linguísticos da fala dos fortanogueirenses, a

entrevista face-a-face, que realizou-se após o consentimento do informante. As entrevistas foram gravadas em MP3, com o fim de se fazer uma gravação de qualidade para que a transcrição dos dados ocorresse da forma mais fidedigna possível. Elas aconteceram na localidade natural dos informantes, com assuntos que proporcionavam espontaneidade na fala, que envolviam questões emocionais, o que segundo Tarallo (1989) é relevante para esse tipo de pesquisa.

Utilizamos um diário de campo para os registros que excederam às gravações, mas que foram fundamentais para uma posterior interpretação dos dados. Procuramos estimular a fala espontânea dos entrevistados e evitar o quanto possível interferência de nossa parte, para que eles demonstrassem, com naturalidade, a forma peculiar da fala da região.

Após as entrevistas, preenchemos uma ficha de identificação do informante, com os dados pessoais e outras informações relevantes à pesquisa e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido elaborado pelo pesquisador, com base nas normas estabelecidas pelo Conselho de Ética em pesquisa da Universidade Federal do Goiás. Esse documento foi assinado em duas vias, uma para o pesquisador e a outra para o sujeito entrevistado.

1.3 TRANSCRIÇÃO DOS DADOS LINGUÍSTICOS

Depois de gravadas, as entrevistas foram transcritas fonograficamente, possibilitando a observação realmente científica dos sons nasalizados e de outros não nasalizados conforme a necessidade da análise.

Os dados colhidos constituíram os *corpora*, os quais são a base de análise e investigação para o estudo da nasalidade na fala desta região.

Na transcrição fonográfica foram adotadas algumas convenções:

- i) A nasalidade fonológica no interior e no final de palavra é representada por *m* ou *n*, conforme o padrão ortográfico da língua portuguesa.

Amarravum < *amarravam*, *um* < *um*, *quëim* < *quem*

Contramïnada < *contaminada*, *cũiecentu* < *conhecendo*, *marãïensi* < *maranhense*

- ii) A nasalidade por assimilação em todos os ambientes é representada por /~/.

*bãñãñã < banana, ãã < uma, fiã < tinha, fãmia < família, ãñĩmau < animal
bẽãlí < bem ali, prãmim < para mim, gadĩ < gadinho, fejëũzi < feijãozinho*

- iii) Os fonemas /e/ e /o/ em posição átona são representados por /i/ e /u/, respectivamente, exceto em casos em que a pronúncia for /e/ e /o/.

Mĩñĩnũ < menino, gadu < gado, intĩndĩmentu > entendimento, genti < gente

- iv) Os ditongos tônicos que sofreram monotongação são representados pelo fonema correspondente com o acento circunflexo. Se o monotongo for nasalizado, usa-se o til sobre ele.

Istudô < estudou, ficô < ficou, ôto < outro, maizõmenu < mais ou menos

- v) Os verbos no infinitivo são transcritos sem o /r/, apenas com o acentoônico necessário.

Chegá < chegar, trabaiá < trabalhar, bebê < beber, cumê < comer, saí < sair

- vi) A vocalização resultante do grupo palatal *nh* é representada por *i*, sempre que ocorrer a despalatalização.

marãĩensi < maranhense, cũĩecendu < conhecendo

- vii) Para melhor compreensão da leitura da transcrição fonográfica, as semivogais *i* e *u* são transcritas dessa forma. As representações *j* e *w* são utilizadas apenas na transcrição fonética.

Mũĩtu < muito, antõĩ < antonio, bẽĩm < bem, tẽĩm < tem

A transcrição Fonética baseia-se no IPA (International Phonetic Alphabet). Os símbolos fonéticos são apresentados entre colchetes e os fonológicos entre barras oblíquas. Essas transcrições são utilizadas para exemplificar as ocorrências que são analisadas.

1.4 OS INFORMANTES

Os parâmetros sociais adotados para a escolha dos informantes foram a idade, a baixa rotatividade, a baixa escolaridade, a origem e o lugar de moradia (zona rural). Os informantes têm a partir de sessenta anos, pois conforme Chambers² (1995 apud SANTIAGO,

² CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

2005) os adultos modificam muito pouco a fala, logo, nessa faixa etária há mais conservação de traços linguísticos. Optamos por pessoas que nasceram e sempre viveram na região, que viajaram pouco e que tiveram pouco contato com a zona urbana da cidade e com a cultura letrada. Esse é um fator importante de conservação da língua, pois conforme Rodrigues *et. al.* (s/d), as pessoas que não têm acesso à escola “tendem a manter os hábitos adquiridos na fase de aquisição e definição de seu vernáculo”.

Os informantes são trabalhadores rurais, lavradores e pequenos proprietários de terras; homens e mulheres que nasceram, sempre viveram e ainda residem na zona rural - na região pesquisada ou em regiões vizinhas. Eles tiveram pouco ou nenhum contato com a cultura letrada. São pessoas simples que vivem do trabalho braçal ou da aposentadoria de um idoso da família. A maioria dos informantes é aposentada, mas ainda exerce a função de lavrador, apesar da idade, o que para eles é motivo de orgulho e de satisfação: o cultivo do próprio alimento e o cuidado com a terra.

A vida toda! In da hoji trabaiu assim mermu, divagazĩ, óia, dicoca.

É, cortãnu matu.

A vida toda! Ainda hoje trabalho assim mesmo, devagarzinho, olha, de cócoras.

É, cortando mato (IO).

Mais... Trabaiandu puque trabaiu mermu. Eu num tẽu condiçãũ di agĩ seim trabaiá. Tẽu qui trabaiá até u dia qui Deus determiná. Qui sô evangeli, trabaiu na roça, mais trabaiu na roda di Deus também.

Mas... trabalhando porque trabalho mesmo. Eu não tenho condição de agir sem trabalhar. Tenho que trabalhar até o dia que Deus determinar. Porque sou evangélico, trabalho na roça, mas trabalho na roda de Deus também (IM).

A visita aos informantes realizou-se em duas etapas. Na primeira, os informantes mostraram um pouco de resistência à conversa. Naquela região houve muitos golpes aplicados contra os idosos por pessoas desconhecidas que tomaram empréstimos nos bancos, em nome dos aposentados. Isso dificultou a pesquisa em um primeiro momento, porque nem sempre as pessoas queriam conversar, fornecer seus nomes ou falar da própria vida, com receio do que pudesse ser feito com essas informações. Outro problema foi o período político para eleição de prefeitos e vereadores – julho/2008. Quando o pesquisador chegava, logo vinha a pergunta se era alguma coisa relacionada à política. Depois da apresentação do pesquisador, do nome da família dele, dos seus objetivos naquele trabalho, havia uma melhor aceitação e a conversa fluía tranquilamente.

No segundo momento, a receptividade foi maior e as conversas foram mais espontâneas, pois além da indicação de um líder religioso e comunitário, a pesquisadora contou com a recepção e com o apoio de uma família da localidade pesquisada.

As conversas com os informantes foram realizadas nas próprias casas deles ou em seus lugares de trabalho. Os diálogos ocorreram em um clima amistoso em que os assuntos abordados foram sobre a própria família, a história local e questões pessoais como saúde e religião. Nas primeiras comunidades pesquisadas, os assuntos eram sempre esses. Nas comunidades Taboca, Piaçaba e Poço, além destes assuntos, o que mais motivava a conversa, principalmente dos homens, era a passagem dos “revoltosos” por aquela comunidade.

Elir chegarrum era nũa casa assim. Bẽim si u donu da carra... fĩã dieru, já vium informadu. Elis percurrarru puru dũeru. Si elir dissessi que nãũ, “num tẽim nãũ”, elis evadium, entrarrum, abria as caxa tudĩ, pãĩarra u dũeru qui fĩã. Chegarra bĩãĩ, fĩã um animali bom. Elir riãum cum ãanimali réi cansadu... elis pãĩarrum essi i soltarru aqueli magu réi bẽãĩ. Chegarra biãĩ, fĩã um magotãũ de gadu, elir vĩum cum fomi, puchavum ãã vaca daquelar, passavu u caceti, matarra, tirarrus pedaçu qui fĩã, uzotu ficarru bẽãĩ. I fossi um falá! Eles chegavam era em uma casa assim. Bem, se o dono da casa... tivesse dinheiro, (eles) já vinham informados. Eles procuravam (pergutavam) pelo dinheiro. Se eles dissessem que não, “não tem não”, eles invadiam, entravam, abriam as caixas todinhas, apanhavam o dinheiro que tinha. Chegavam bem aí, tinha um animal bom. Eles vinha com o animal velho, cansado... eles apanhavam esse e soltavam aquele magro velho, bem aí. E fosse um falar! Eles todos armados. O jeito que tinha era aquietar-se, ficar quietinho, não dizer nada (IF).

Eles falavam das histórias que ouviram dos antepassados, relacionadas à violência que os integrantes do movimento dos “revoltosos” - provindos da Coluna Prestes - faziam com as famílias locais.

Conforme sugere Johnstone (2000), o nome dos colaboradores será mantido em sigilo, para isso, será usado o nome *informante*, seguido das letras do alfabeto de A a Q no corpo do texto. As referências aos informantes são feitas a partir da letra *I*, seguida da letra indicativa de cada um. Nos anexos, junto à foto dos informantes, serão colocadas as iniciais dos nomes de cada um.

1.5 AS COMUNIDADES RURAIS VISITADAS

As comunidades rurais foram escolhidas seguindo o critério de localização, ou seja, foram selecionadas aquelas que estão geograficamente mais distantes da zona urbana.

Com a ajuda de um agente de comunidade, que fez um esboço do mapa da zona rural do município, escolhemos as comunidades localizadas ao norte, limite com a zona rural dos municípios de Formosa da Serra Negra, Mirador e São Raimundo das Mangabeiras. Ressaltamos que a sugestão feita pelo agente teve como base o trabalho de orientação e mapeamento realizado pela Igreja Católica, na zona rural da cidade.

Na primeira parte da pesquisa, em julho de 2008, as comunidades visitadas foram: Alto Lindo, Passagem de Pedra, Gameleira, Matinha e Cachimbo. Nessa etapa, contamos com a colaboração de um motociclista, que conhecia os locais e as pessoas a serem visitados.

As primeiras localidades visitadas são próximas umas das outras, sendo que a primeira, Alto Lindo, fica a 20 km da cidade e Cachimbo, última comunidade visitada, fica a 37 km. Entre a primeira e a última comunidade distam 17 km, em que estão situadas Passagem de Pedra, Gameleira e Matinha. A comunidade Cachimbo faz fronteira com a zona rural da cidade de São Raimundo das Mangabeiras.

No segundo momento, ocorrido em janeiro de 2009, o transporte utilizado para chegar às localidades rurais foi o “carro de linha³”. Contamos com a companhia de outra pessoa, que nos auxiliou na maioria das visitas. Essa etapa foi mais demorada; por isso, ficamos hospedados na comunidade Taboca, na casa de um casal já conhecido que nos indicou as pessoas a quem podíamos visitar, seguindo o critério da idade, da baixa rotatividade e da origem. Na maioria das visitas, fomos acompanhados pela filha do casal, o que facilitou o acesso aos locais e o diálogo com os moradores.

As comunidades visitadas nessa etapa foram: Piaçaba, que fica a 52 km de Fortaleza dos Nogueiras; Taboca, que fica a 60 km; e Poço, a 62 km, todas na mesma direção.

A comunidade Taboca faz limite com a zona rural das cidades de Mirador, São Raimundo das Mangabeiras e com Formosa da Serra Negra.

Todas as comunidades visitadas são formadas por pessoas que vivem da agricultura e da pecuária. Elas são, em sua maioria, pertencentes a uma mesma genealogia familiar.

³ Esta é uma expressão regional que se refere ao transporte coletivo que tem um itinerário fixo.

1.6 O MUNICÍPIO PESQUISADO

Fortaleza dos Nogueiras está situada a 534,6 km de São Luís, capital do Estado do Maranhão. Possui cerca de 11.578 habitantes, segundo o censo de 2007 (c.f. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Possui uma área de 1.664 km², sendo 52,43% dessa área urbana e 47,57% rural. O índice de desenvolvimento humano é de 0.637, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2000). Parte da população é assalariada ou vive do comércio; a outra parte, os residentes da zona rural, vive da agropecuária e agricultura com o plantio de arroz, feijão, milho e mandioca.

Emancipada em 1961, fora fundada por uma família de fazendeiros que lá trabalhou e espalhou seus descendentes.

Fortaleza dos Nogueiras está entre uma das cidades mais pobres e subdesenvolvidas do sul do Maranhão, com um índice de analfabetismo ainda muito grande. Boa parte da população vive no campo e tem na fala o jeito tipicamente sertanejo. As pessoas que residem na cidade carregam também consigo este jeito simples de falar, com vocábulos coloquiais e próprios da região.

O município possui algumas escolas estaduais de ensino fundamental e duas de ensino médio. Possui uma extensão da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA com o Programa de Qualificação de Docentes – PQD, uma extensão da Educação à Distância Continuada – EADCON e agora está sendo implantado o programa “Universidade Para Todos” do Governo Federal. Todos esses programas oferecem licenciatura na área de letras, educação e das ciências exatas.

A falta de outras opções de cursos universitários trouxe, como consequência, a migração de jovens para outros lugares à procura de outros cursos e de outras oportunidades de emprego, pois o campo maior de trabalho em Fortaleza é o comércio, apesar de pequeno, e os concursos públicos oferecidos pela prefeitura.

CAPÍTULO 2

FONÉTICA E FONOLOGIA: UMA BREVE APRECIÇÃO

Iniciamos este capítulo com uma apresentação das definições de Saussure (2006 [1916]) acerca da Fonética e da Fonologia, passamos pelas ideias mattosianas e, em seguida, mostramos as definições mais recentes de alguns autores brasileiros, como Camara Jr. (1970) e Cagliari (2002), a respeito dessas disciplinas. Fizemos também uma breve apresentação da atonicidade e tonicidade com base nas ideias de Camara Jr. (1970) e Collischonn (2007) e, finalmente, apresentamos algumas considerações acerca da palavra, seu processo de formação, especialmente da formação do grau diminutivo e aumentativo.

A Fonética e a Fonologia são definidas e diferenciadas por Saussure no capítulo primeiro da obra *Curso de linguística geral* (2006 [1916]), o qual trata das espécies fonológicas. Nele, é apresentada a importância do estudo dos sons, que para o autor é o primeiro passo para a verdade do “fazer linguística”, uma vez que os sons são estudados através deles mesmos. A Fonética, *a priori*, é definida como a fisiologia dos sons. Porém, o estudioso substitui esse termo por Fonologia, pois para ele a Fonética sempre designou e deve continuar designando “o estudo das evoluções dos sons” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 42). Essa disciplina então é definida como uma ciência histórica, dinâmica no tempo e estuda os fatos e as mudanças sonoras, enquanto a Fonologia é atemporal, uma vez que a articulação dos sons é sempre a mesma, não muda.

Com as definições dessas disciplinas, Saussure (2006 [1916]) apresenta a linguística da língua e a linguística da fala; a primeira abarca os estudos fonéticos e a segunda, os estudos da fala, portanto, a própria Fonologia. Ele atribui aos fonologistas não só o estudo da fonação, mas dos caracteres acústicos, pois esses dados estão presentes quando se trata de assuntos fonológicos. A impressão acústica possibilita a delimitação e a identificação dos fonemas (sons) em meio a um conjunto de sons enunciados. Os fonemas são definidos como “a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 51).

Para Camara Jr. (1977) a Fonética lida com a parte física dos sons produzidos pelo aparelho fonador. Como disciplina, ela se firmou no final do século XIX com os

trabalhos do alemão E. Sievers, do inglês H. Sweet, do francês P. Passy e do português G. Viana. O brasileiro Camara Jr. (2008) a define, diferentemente de Saussure, como a ciência geral dos sons da fala, o que para o genebrino é tarefa da Fonologia, pois à Fonética cabe somente o estudo da evolução dos sons.

A Fonologia foi criada pelos estudiosos do Círculo Linguístico de Praga, sob a influência das ideias de Saussure e de Sapir, como uma ciência linguisticamente mais rigorosa com o estudo dos fonemas. Em princípio, foi denominada fonêmica, termo preferido por Camara Jr. (1970), pois para ele o nome Fonologia é menos preciso para fazer a descrição fonológica de uma língua. O termo Fonologia foi dado por Trubetzkoy⁴ (1938 apud CAMARA JR., 2008) que define a Fonética como uma ciência da natureza que estuda os sons da fala humana e a Fonologia como uma parte da ciência da linguagem que tem como objeto de estudo os fonemas.

Camara Jr. (1977), com base nos estudos de Pike, afirma que é na Fonética – com o estudo natural do que é falado e ouvido em uma língua – que a fonêmica tem que se apoiar, pois “a ciência do valor dos sons na linguagem não pode dispensar o quadro geral das realidades físicas referentes aos sons vocais” (PIKE⁵ 1954 apud CAMARA JR., 1977, p. 52). Com a Fonética experimental acústica é que podemos ter uma descrição precisa dos traços fônicos, e, assim, definirmos e classificarmos os sons.

Pode-se dizer que a Fonética e a Fonologia são dois ramos de estudo que se interessam, grosso modo, pelos sons das línguas. A primeira é uma ciência que tem caráter descritivo, preocupa-se com os sons da fala, estuda os aspectos articulatórios, acústicos e auditivos dos sons da linguagem em geral. “Preocupa-se principalmente com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala” (CAGLIARI, 2002, p. 17). Essa disciplina está dividida em Fonética acústica, que trata das propriedades físicas do som; Fonética auditiva, que se preocupa com a recepção dos sons; e Fonética articulatória, que estuda a produção dos sons pelo aparelho fonador. A Fonética, ciência que estuda a realidade física dos sons produzidos pelos falantes de uma determinada língua, tem como elemento principal o fone: suas representações são feitas entre colchetes. Ela se interessa por todos os traços que ocorrem na fala, observa as ocorrências de sons fortes, fracos e alongados, vogais tônicas e átonas. Interessa-se também, pela variação da pronúncia tendo por base aspectos

⁴ TRUBETZKOY, N. *Grundzüge der Fhonologie*. Praga, 1938.

⁵ PIKE, Kenneth. *Language, in relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior*. Glendale, Cal., 1954.

linguísticos e extralinguísticos e todas as nuances das pronúncias dos fonemas vocálicos e consonânticos numa determinada língua.

A Fonologia, “faz uma interpretação dos resultados apresentados pela Fonética, em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los” (CAGLIARI, 2002, p. 18). Esta é basicamente interpretativa, enquanto a Fonética é descritiva.

Como este trabalho se utiliza de alguns conceitos da Fonética Articulatória, dedicamos os parágrafos seguintes a uma breve apresentação dessa subdivisão da Fonética. Logo após, continuamos discorrendo sobre a Fonologia e seus paradigmas linear e não-linear.

2.1 FONÉTICA ARTICULATÓRIA

O ramo da fonética que mais interessa ao linguista é o articulatório, pois “seu objeto está diretamente vinculado à manifestação da língua em sua materialidade” (CAVALIERE, 2005). A Fonética Articulatória, como é sabido, trata da produção dos sons pelo aparelho fonador. Para que esse aparelho produza sons são necessárias três condições que são a corrente de ar, o obstáculo à corrente de ar e a caixa de ressonância. A corrente de ar existe por causa dos pulmões, brônquios e traquéia, que são os órgãos respiratórios. A laringe, lugar em que ficam as pregas vocais, é responsável pela sonoridade por meio da vibração ou não das pregas vocais. Por fim, o trato vocal, formado pela cavidade bucal e nasal, forma a caixa de ressonância em que uma grande variedade de sons é produzida.

Com esses três elementos, o aparelho fonador produz sons dos mais variados tipos que podem ou não ser considerados linguísticos, mesmo que possuam valor semântico. Exemplos de sons que não têm valor linguístico, mas que na comunicação tem significado é o assobio, o sopro, o ronco, entre outros.

Conforme Massini-Cagliari (2005), ao chegar na parte superior da faringe, a corrente de ar “encontra dois caminhos: a passagem oral, pela boca, e a passagem nasal, pela cavidade nasofaríngea e pelas cavidades nasais. O ar pode seguir um desses caminhos ou ambos. Trata-se do processo oro-nasal” (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 109). Os principais órgãos do aparelho fonador são os pulmões, a traquéia, a laringe, as pregas vocais, a epiglote, a língua, as cavidades supraglóticas, a abertura rinofaringal, a úvula, o palato, a arcada alveolar, os dentes e os lábios (RIOS, 1996).

Por meio da articulação de todos esses órgãos, os sons consonantais e vocálicos são produzidos e são classificados de acordo com o ponto, o modo de articulação e a vibração das pregas vocais. Conforme o ponto de articulação, eles são classificados em: bilabiais, labiodentais, dentais, alveolares, palatoalveolares, alveolopalatais, palatais, velares, uvulares, faringais e glotais. Quanto ao modo de articulação, classificam-se em: oclusivos, nasais, fricativos, africados, laterais, vibrantes, retroflexos e aproximantes. No que se refere à vibração das pregas vocais eles classificam-se em surdos e sonoros.

A classificação dos sons como nasais ocorre pela observação do modo como o som é produzido, nesse caso, a corrente de ar é liberada pelas fossas nasais. Os sons nasais são “produzidos com um bloqueio à corrente de ar na cavidade oral, com concomitante abaixamento do véu palatino, o que permite a saída da corrente de ar pelas narinas (ex.: somo; sono; sonho) (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 122).

No que se refere ao ponto de articulação, os fonemas nasais do português são classificados em labial /m/, labiodental /n/ e alveolopalatal /ɲ/. Quanto à vibração das pregas vocais, os fonemas nasais do português são produzidos com fricção, logo, são sonoros.

2.2 FONOLOGIA

A Fonologia é um ramo da linguística que estuda o significante, os sistemas de sons das línguas. Ela se preocupa com aspectos relacionados ao modo de funcionamento dos sons de uma dada língua e interessa-se apenas pelos traços distintivos. A partir da identificação desses traços, a fonologia estabelece distinções e reconhece os fonemas de um idioma.

As unidades mínimas em Fonologia são os fonemas. Um dos principais objetivos dessa disciplina é a organização da ortografia e o emprego de um alfabeto para representar um idioma (RIOS, 1996). Ela auxilia no reconhecimento do sistema fonológico das línguas e na aprendizagem de uma língua estrangeira; tem caráter especulativo e interpretativo. Uma análise fonológica busca o valor dos sons em uma língua e a função linguística de cada um deles (CAGLIARI, 2002).

Há diferentes teorias fonológicas. Conforme Matzenauer (2005), elas surgiram com o intuito de determinar a relação entre os níveis fonético e fonológico, isto é, entre a

realização fonética e o grau mais subjetivo da Fonologia; e também com o objetivo de descrever e analisar como as línguas do mundo organizam os sons da fala. Essas teorias podem ser divididas em dois grandes grupos, o grupo Linear e o grupo Não-Linear. O primeiro, também chamado de segmental, trabalha com os segmentos ordenados de maneira linear, um após o outro, ou com os traços distintivos, como por exemplo, *+nasal*, *-nasal*. A Fonologia Linear tem suporte nas correntes estruturalista e gerativista. O grupo Não-Linear, conforme Matzenauer (2005), observa os aspectos fonológicos de um idioma, a organização dos traços - os quais estão dispostos hierarquicamente em camadas -, as suas possibilidades de combinação, de ligação com outras unidades, ou ainda, como funcionam isoladamente ou em grupos.

As tendências da Fonologia atual, como pontua Cagliari (2002), fazem um trabalho que excede os limites dos fonemas e têm seus elementos padrões organizados de maneira hierárquica. Elas surgiram após os postulados do SPE (*The Sound Pattern of English*), por isso são chamadas de pós-SPE ou de pós-gerativistas. Entre suas várias divisões, tem-se a Fonologia Natural, a Fonologia Autossegmental, a Fonologia Métrica, a Fonologia Lexical e Pós-Lexical e a Fonologia de Otimalidade.

2.2.1 Fonologia Linear

O modelo da Fonologia Linear tem como suporte teórico as abordagens estruturalistas sobre o fonema, postuladas por Trubetzkoy (1938), Jakobson (1941), Bloomfield (1933), Sapir (1921) e Camara Jr. (1970); e as gerativistas, feitas por Chomsky (1968), Halle (1983), Ladefoged (1975), Clements (1985) e Lopez (1979).

O paradigma estruturalista surgiu no Círculo Linguístico de Praga no final dos anos 20 e nos anos 30 do século XX. A partir dessa data aparece a nova disciplina, Fonologia, diferenciada da já existente, Fonética. Conforme Rios (1996, p. 35), o fonema, para os estudiosos do Círculo Linguístico de Praga, especialmente para Bloomfield, é “um feixe de traços distintivos”, o qual é formado por um conjunto de traços que trabalham em oposição aos traços que formam outro fonema.

O Estruturalismo, que concebe a língua como um sistema organizado de sons, é fundamentado nas ideias de Ferdinand de Saussure (2006 [1916]) e mantém a dicotomia entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Para os estruturalistas, o fonema pertence à língua e as variações de um fonema, à fala. A identificação dos fonemas é feita a partir do contraste e da

distribuição complementar, que usa o par mínimo, o qual é composto por uma sequência igual de fonemas, divergindo em apenas um (RIOS, 1996). O fonema diferente distingue o significado dos dois segmentos que compõem o par mínimo, como por exemplo, *dado* e *lado*. Essa comparação identifica as letras *d* e *l* como fonemas e permite a distinção de significado entre as duas palavras.

Segundo Schane (1975), a Fonologia Gerativa se ocupa com a teoria da estrutura sonora da língua. Ele comenta que a base teórica que norteia o gerativismo tem como representantes Noam Chomsky e Morris Halle. Chomsky⁶ (1965) marcou significativamente os estudos sobre a natureza e o funcionamento das línguas humanas, a partir dos anos 50 (MATZENAUER, 2005). Esse grande nome da teoria gerativa clássica postulou a existência da Gramática Universal (GU) que é “uma essência comum que os homens possuem como parte de sua herança genética”. Postulou também a noção de competência/desempenho que estão relacionados à atitude do falante com a língua, ou seja, “o conhecimento inconsciente da sua língua” e “o uso real da língua em situações concretas” (CHOMSKY, 1965 apud MATZENAUER, 2005, p. 14).

Chomsky e Halle desenvolveram um trabalho intitulado *The Sound Pattern of English* (SPE), publicado em 1968, que propõe uma relação mais abstrata entre a representação fonética e a fonológica e insere o componente fonológico como parte da gramática. Nesse trabalho, entende-se o componente fonológico “como parte da gramática que atribui uma interpretação fonética à descrição sintática” (MATZENAUER, 2005, p. 15).

A partir da definição estruturalista de fonema como “feixe de traços distintivos”, os gerativistas estabeleceram um sistema de traços distintivos com o intuito de abarcar as oposições entre os fonemas de uma língua. Eles apresentam o sistema fonológico de um idioma com base em uma matriz de traços distintivos, que são apresentados em tabelas, em que as colunas trazem os fonemas, as linhas, a indicação dos traços. Os traços são representados nos níveis fonético e fonológico. Conforme Chomsky e Halle⁷ (1968 apud MATZENAUER, 2005, p. 17), no nível fonético, os traços são concebidos como “escalas físicas que descrevem aspectos do evento da fala e podem ser tomados independentemente”, como por exemplo, a sonoridade, que é observada com base do menor ao maior grau [sonoro]. “No nível fonológico, os traços são marcadores classificatórios abstratos, que identificam os itens lexicais da língua.” Nesse nível, os traços são binários, representados na escala física por

⁶ CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Mass.: MIT Press, 1965.

⁷ CHOMSKY, N; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper e Row, 1968.

dois pontos, presença e ausência de uma determinada propriedade. No caso da sonoridade, o traço é representado pelos valores [+sonoro] e [-sonoro].

Os traços distintivos utilizados no português, a partir do modelo elaborado por Chomsky e Halle (1968), são divididos em cinco grupos:

- 1) Traços de classes principais: soante, silábico e consonantal;
- 2) Traços de cavidade: coronal e anterior.
 - Traços do corpo da língua: alto, baixo, posterior e arredondado;
 - Traços de aberturas secundárias: nasal e lateral.
- 3) Traços de modo de articulação: contínuo, metástese retardada e tenso;
- 4) Traços de fonte: sonoro e estridente;
- 5) Traços prosódicos: acento, tom e duração.

Com base nos traços distintivos de Chomsky e Halle (1968), Callou e Leite (2005, p. 74) apresentam um quadro dos traços necessários e suficientes dos fonemas consonânticos do português.

Quadro 1: Matriz fonológica dos fonemas consonânticos do português

	p	b	t	d	k	g	f	v	s	z	ʃ	ʒ	m	n	ɲ	l	ʎ	r	ʀ
Soante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Cont.	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+	+	+	+
Ant.	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-	+	+	-	+	-	+	-
Cor.	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	-
Son.	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+
Nas.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-
Lat.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-

Fonte: Callou e Leite (2005, p. 74).

Os traços dessa matriz fonológica abarcam a classificação tradicional da fonética, pois o traço [+sonoro] é propriedade dos fonemas fricativos, laterais e vibrantes; o traço [+anterior] é propriedade dos fonemas labiais, dentais e alveolares; o traço [+coronal] pertence aos fonemas alveolares e palatais; o traço [+soante] pertence aos fonemas líquidos e nasais (CALLOU E LEITE, 2005, p. 74).

Em relação aos fonemas vocálicos, essas autoras apresentam uma classificação feita por Mateus⁸ (1975) desses fonemas no português de Portugal, também baseadas em Chomsky e Halle (1968). Conforme essa matriz de Mateus, apresentamos uma dos fonemas vocálicos do português, substituindo o traço recuado por posterior, como propõe Chomsky e Halle (1968 *apud* MATZENAUER, 2005, p. 20).

Quadro 2: Matriz fonológica dos fonemas vocálicos do português

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
Alto	+	-	-	-	-	-	+
Baixo	-	-	+	+	+	-	-
Posterior	-	-	-	+	+	+	+
Arredondado	-	-	-	-	+	+	+

Fonte: Callou e Leite (2005, p. 86) [adaptado]

Com base em Matzenauer (2005), os traços distintivos são relevantes porque eles mostram como os sistemas linguísticos funcionam e permitem a compreensão das regras fonológicas que são aplicadas em uma língua. Observemos a regra de nasalização, na língua portuguesa, de um fonema vocálico em contato com um fonema consonântico nasal, segundo Matzenauer (2005, p. 19), que se baseia em Mira Mateus (1975):

Regra de nasalização

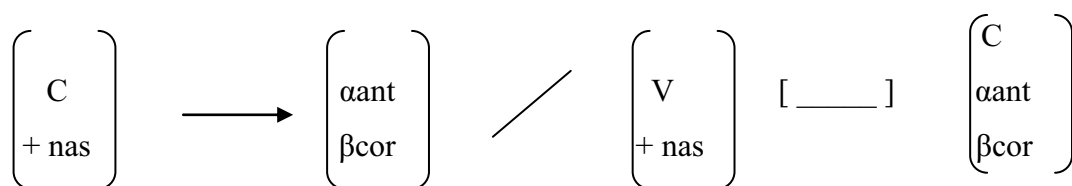
$$V \xrightarrow{\quad C} \begin{cases} [+nas] \\ \diagdown \\ [_] [+nas] \end{cases}$$

Na regra acima, o fonema vocálico torna-se nasalizado quando está antes de um fonema consonântico nasal.

Matzenauer (2005), baseada em Mira Mateus (1975), apresenta outra regra envolvendo fonemas nasais, em que o fonema nasal, em travamento de sílaba, torna-se homorgânico ao fonema consonântico seguinte, copiando o traço, que pode ser: [+ant] e [-cor] em *bo[m]ba*, *ta[m]pa*; [+ant] e [+cor] em *te[n]da*, *ba[n]to*; e [-ant] e [-cor] em *ca[ŋ]ga*, *zi[ŋ]co*. A regra apresentada possui generalizações representadas pelo *alfa* e *beta* do alfabeto grego, para abranger os três fenômenos mostrados acima:

⁸ MATEUS, M. H. *Aspectos da Fonologia do Português*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1975.

Regra de assimilação do fonema consonântico nasal



A regra acima representa a neutralização do ponto de articulação dos fonemas consonânticos nasais /m/ e /n/, que se tornam [+ant] e [-cor] /m/; [+ant] e [+cor] /n/; e [-ant] e [-cor] /ŋ/, quando vem entre fonema vocálico nasalizado e fonema consonântico com os mesmos traços.

Essas regras e também suas generalizações são aplicadas a outros fenômenos linguísticos como acento, palatalização, entre outros.

2.2.2 Fonologia não-linear

Matzenauer (2005) afirma que o paradigma da Fonologia Não-Linear se difere do estruturalista por tornar abstrato o relacionamento entre a representação fonológica e a produção fonética, e ainda, por excluir o nível fonêmico, o qual estabelece um lugar à parte para a relação entre o fonema e suas variantes. Na Fonologia Não-Linear, o traço é a unidade mínima possuidora de realidade psicológica e valor operacional. O traço é considerado “propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatório, como ‘nasalidade’, ‘sonoridade’, ‘labialidade’, ‘coronalidade’, que, de forma coocorrente, constituem os sons das línguas”. (MATZENAUER, 2005, p. 17). Os trabalhos fonológicos de cunho estruturalista e de cunho gerativista e os da Fonologia Não-Linear têm suas semelhanças e diferenças quando tratam do fenômeno da nasalidade.

Antes de discorrermos acerca de questões da nasalidade, fazemos uma breve apresentação do que é a palavra; os critérios de definição de palavra; o que é palavra fonológica, palavra gramatical e palavra ortográfica, pois para compreendermos a análise da nasalidade progressiva e regressiva na palavra fonológica, precisamos dos conceitos teóricos que apresentamos a seguir, os quais envolvem questões fonéticas e fonológicas relacionadas à tonicidade, atonicidade e a questões morfológicas que envolvem definições e o processo de formação de palavras.

2.3 ATONICIDADE E TONICIDADE

As palavras da língua portuguesa possuem uma sílaba mais forte chamada “tônica” que geralmente contrasta com as outras que são as “átonas”. Contrariamente ao latim, que não possuía tonicidade, mas “duração” que é a propriedade de a vogal de ser longa ou breve (ALMEIDA, 2000), a língua portuguesa, em cada palavra, tem uma sílaba que é pronunciada com mais força e as demais sílabas são pronunciadas com menos força, dependendo da posição na qual elas se encontram. A sílaba tônica pode ser a última, a penúltima ou a antepenúltima de uma palavra. Camara Jr. (2008, p. 46) afirma que a variedade de posição do acento tônico mostra que ele tem valor fonêmico, o que favorece a classificação dos vocábulos em oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos.

A sílaba tônica da palavra possui o acento mais forte, denominado acento primário, como por exemplo, *cáma*, em que o acento agudo indica o acento primário. O fonema vocálico sobre o qual recai o acento primário pode ter maior duração na pronúncia em relação aos demais fonemas da palavra, o que, conforme Collischonn (2007, p. 196), “pode ser caracterizado por maior intensidade dessa mesma sílaba ou pela qualidade da vogal, diferenciada da qualidade das vogais de outras sílabas”. Em relação ao acento secundário, essa autora afirma que é o acento que recai em uma sílaba mais proeminente em relação às demais que não recebem o acento primário, como por exemplo, *cafêzinho*, em que a sílaba átona com acento secundário está marcada com acento grave (`).

A atonicidade das sílabas que não possuem o acento tônico, segundo Camara Jr. (2008), tem gradação: é a chamada atonicidade variável, ou seja, a intensidade menor que é medida em graus. O autor apresenta três graus desse fenômeno que também é denominado debilidade. O primeiro grau, “aticidade máxima” está presente nas sílabas átonas finais terminadas em fonema vocálico ou em *s*, como em *tapete*, *todo*, *lápiz*; o segundo grau “aticidade média” encontra-se nas sílabas pretônicas ou iniciais que iniciam com fonema vocálico, como por exemplo: *elefante*, *abóbora*, *cimento*; por fim, a “aticidade mínima” que se encontra nas pretônicas iniciais que começam com fonema consonântico, como em: *partícula*, *ternura*, *benéfico*. Camara Jr. (2008, p. 48) acrescenta que as duas postônicas dos proparoxítonos têm atonicidades iguais e podem ser consideradas com debilidade máxima.

O grau de atonicidade tem, segundo Trubetzkoy (apud CAMARA JR., 2008, p. 48), função delimitativa, pois ele faz essa delimitação vocabular na cadeia fônica. A

atonicidade máxima na cadeia fônica marca o fim do vocábulo enquanto a mínima marca o início. Dessa forma, o acento tem fundamental importância, nesta análise, principalmente no que diz respeito à consideração do grau de nasalidade e à delimitação entre as palavras, tema sobre o qual passaremos a discorrer.

2.4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PALAVRA

A metalinguagem é um recurso interessante quando se trata de definição. Como neste trabalho apresentamos conceitos do que significa o termo “palavra”, a partir de estudos já realizados pelos linguistas, podemos dizer que entramos num jogo de palavras, estamos brincando com elas. E mais que o resultado final, a vitória do jogo está no percurso que é feito, nas discussões apresentadas, nas reflexões que fazemos a partir dessas discussões.

Quando empiricamente falamos em palavra, pensamos logo na fala ou na escrita, em alguma coisa que pronunciamos ou que escrevemos entre espaços em branco. Cotidianamente, é o que usamos para nos comunicarmos, para darmos nomes às coisas, às pessoas, ao mundo que nos cerca. O aluno da educação básica, além desta, tem a concepção das classes gramaticais e diante dessa questão pensará em palavra referindo-se às classes de palavras, como substantivos, adjetivos, verbos, numerais e outras. Em uma discussão científica dentro da linguística, encontraremos confusões e ambiguidades na tentativa de definição do termo. Cabe a cada pesquisador tomar uma posição, concordar ou não com as propostas apresentadas ou mesmo mostrar sua própria definição.

No senso comum, o termo *palavra* tem várias conotações que tendem mais para o caráter semântico que o termo adquire em determinada situação. Na ciência da língua – linguística – esse termo é discutido com base nos campos de estudo da morfologia, da fonologia, da sintaxe e da semântica. Faz-se oportuno, no entanto, verificarmos a etimologia do termo para podermos chegar às definições da linguística.

2.4.1 Etimologia do termo “palavra”

Para Houaiss & Villar (2001, p. 2107), o termo palavra, na língua portuguesa, vem do latim *parabōla*, *ae*, emprestado do grego *parabole*. Tem como sinonímia o termo

“vocábulo” e esse verbete (palavra) é definido com 14 acepções, começando pelo significado: “unidade da língua escrita, situada entre dois espaços em branco, ou entre espaço em branco e sinal de pontuação”. A seguir vem a rubrica da gramática, que faz referência às classes gramaticais (excetuando os termos flexionados) e ao vocábulo (unidade que se agrega). O dicionário apresenta a rubrica da linguística estrutural com a definição do linguista norte-americano, Bloomfield, “unidade mínima com som e significado que pode, sozinha, constituir significado; forma livre mínima” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 2107). As demais acepções são feitas em referência à derivação do termo, que pode ocorrer por extensão de sentido, por metonímia e por sentido figurado.

Outra acepção do termo palavra vem do latim. Na língua latina, havia o nome *verbum* que também significava “palavra”, “discurso”. Para a linguística, esse termo indicava a classe gramatical dos verbos, como ainda temos em português. Na acepção religiosa, a palavra *verbum* era escrita com inicial maiúscula e significava “a palavra de Deus ou o próprio Deus segundo a bíblia”. Atualmente, também esse termo é usado nos escritos bíblicos e nos discursos religiosos referindo-se a Deus, à palavra de Deus.

2.4.2 Algumas definições de “palavra” na linguística

Assim como a morfologia é o ponto de maior controvérsia nos estudos de linguagem natural, a palavra é o ponto de maior controvérsia no estudo da morfologia. A morfologia é apresentada como um componente da Gramática que lida com a estrutura interna das palavras (SANDALO, 2005). Sem nos atermos a essa discussão do que é a morfologia, vamos investigar o que é a “palavra”, isto é, o que significa “palavra”.

A partir do século XIX, com o advento da Linguística Histórica, há uma preocupação com a estrutura interna da palavra (BASILIO, 2004). Depois dos estudos históricos de línguas por meio da Linguística Histórica, o Estruturalismo americano passa a considerar, então, o morfema como a unidade mínima de análise morfológica e a palavra deixa de ser a unidade básica, o objeto de investigação.

Na linguística, muito se tem discutido e dito acerca da palavra. A tradição dos estudos linguísticos tem a palavra como “unidade básica da língua” (DIXON, 2002). Para Lyons (1979), ela e o morfema são as duas unidades primárias de análise gramatical. Esse autor acrescenta que as palavras (unidades de ordem superior) são formadas por morfemas (unidades de ordem inferior). Basílio (2004) declara que o conceito de palavra não é uma

questão discutida nas gramáticas e estas entendem a palavra como a menor unidade de análise linguística. Dixon (2002) cita Bolinger (1963) com a definição de palavra como “fonte de contrastes fonêmicos” e Bloomfield (1933) com o conceito de “forma livre mínima”.

Bloomfield (1978 apud BASILIO, 2004) estabelece alguns critérios para chegar à definição de palavra como “forma livre mínima” e conclui que a palavra é uma forma que possui significado e pode ser enunciada sozinha, mas suas partes constituintes não podem ser enunciadas sozinhas significativamente. Acrescenta ainda que uma palavra não é um sintagma. Na definição de palavra, Bloomfield (1933) classifica as unidades formais da língua de formas livres (funcionam sozinhas: *casa*, *pão*) e “formas presas” (só funcionam ligadas a outras: prefixos, sufixos e infixos). Às definições de palavra apresentadas por Bloomfield, Camara Jr (1977) acrescenta a ideia de “formas dependentes”, pois estas não são livres porque não podem funcionar sozinhas e não são presas porque entre elas e a forma a que estão ligadas pode ser intercalada outra forma livre; além disso, mudam de posição.

Camara Jr. (1977) se utiliza dos dois termos, *vocábulo* e *palavra*, e pontua que *vocábulo* é um termo mais técnico e *palavra* refere-se às unidades significativas. O linguista brasileiro apresenta o vocábulo como uma peça da língua, ou seja, como o signo linguístico saussuriano, diferenciando-o da frase que é um elemento do discurso. Esse autor comenta que “o grande argumento para sustentar o caráter supostamente convencional do vocábulo é a falta de coincidência entre ele, como elemento significativo, e o vocábulo meramente fonético” (CAMARA JR., 1977, p. 87). Camara Jr. (1977, p. 87-88) mostra três características básicas de um vocábulo: i) autonomia na enunciação; ii) autonomia e mobilidade de posição na sentença; iii) autonomia e individualidade formal. Esse autor conclui que os vocábulos são as formas livres de Bloomfield e as formas dependentes (proclíticas em português) que ele mesmo postulou.

Esses e outros postulados feitos em torno da palavra não são suficientes para defini-la, apenas dão pistas de uma definição do que ela é ou representa, como mostra o ponto de vista dos autores citados por Dixon (2002). Para Zirsmunskij (1966 apud DIXON, 2002, p. 5) “a palavra é a unidade mais concisa da linguagem, a qual é independente em forma e significado”⁹. Sweet (1875) define a palavra como “uma sentença indecomponível”.

Pela confusão entre palavra e lexema, entre palavra ortográfica, unidades gramaticais e fonológicas, Dixon (2002) apresenta alguns critérios de definição de palavra,

⁹ The word is the most concise unit of language, which is independent in meaning and form.

mostrando o ponto de vista desses e de outros autores e define a palavra do ponto de vista fonológico, gramatical e ortográfico, conforme demonstramos a seguir.

2.4.2.1 Palavra fonológica

Para Dixon (2002), a palavra fonológica é uma unidade da Fonologia que excede os limites da sílaba e possui as propriedades fonológicas que são organizadas a partir de regras fonológicas, traços segmentais e prosódicos. Os traços segmentais são definidos pela estrutura interna da sílaba, pela estrutura segmental e por todos os fenômenos fonéticos que envolvem a palavra. Os traços prosódicos são determinados pelo acento e pelo tom. Eles são traços como a nasalização, a retroflexão e a harmonia vocálica. Por fim, as regras fonológicas são aplicadas somente dentro da palavra fonológica, como é o caso de *prãmim* em que a nasalização do fonema /a/ só ocorre no agrupamento de *pra* e *mim* em uma só palavra fonológica.

Sândalo (2005) afirma que o critério fonológico não é suficiente para definir o que é a palavra em todas as línguas do mundo. Comenta também que a tentativa de definir palavras pelo acento também é falha, pois nessa definição a palavra consistiria de um acento primário e alguns acentos secundários. Mas palavras do tipo *àrrócho* e *àrròxo* possuem um acento principal e um secundário e correspondem a uma palavra e a um sintagma respectivamente.

2.4.2.2 Palavra gramatical

Dixon, (2002, p. 19) pontua alguns critérios universais para a definição de uma palavra gramatical. Ele a considera como forma constituída de um número de elementos que: i) pelo critério da coesão ocorrem sempre juntos; ii) “ocorrem em ordem fixa; iii) têm ocorrência e significado convencionalizados”¹⁰. A partir desses critérios podemos observar a palavra *meninos* em cujas partes constituintes (radical, morfema de masculino e morfema de plural) têm ordem fixa, ou seja, são empregados sempre no mesmo lugar e terão sempre os mesmo significados.

¹⁰ Occur in a fixed order. Have a conventionalized coherence and meaning.

Para Dixon (2002), há algumas relações entre palavra fonológica e palavra gramatical. A primeira relação é que a palavra fonológica e a gramatical podem coincidir, como é o caso da palavra *cálice* (exemplo nosso) que consiste de uma palavra fonológica e uma palavra gramatical. A segunda é que uma palavra fonológica consiste de uma ou mais palavras gramaticais, como vemos em *cale-se* (exemplo nosso), em que a palavra fonológica *calese* consiste de duas palavras gramaticais *cale* e *se*. O terceiro relacionamento é que uma palavra gramatical pode conter duas ou mais palavras fonológicas, como é o caso dos compostos da língua portuguesa *guarda-chuva* e *bem-te-vi*: ambos consistem de uma palavra gramatical, mas o primeiro consiste de duas palavras fonológicas e o segundo de três. Em relação aos compostos, Dixon (2002, p. 29) conclui que “um composto é uma palavra gramatical que consiste de duas ou mais palavras fonológicas, já que cada parte do composto tem seu próprio acento”¹¹, exceto nos casos de aglutinação.

Diante das definições de palavra, podemos considerá-la como peça fundamental numa língua e nos estudos linguísticos, de forma geral, uma vez que a palavra possui carga semântica lexical e nomeia os componentes do universo linguístico. Ela é a base para a formação de novas palavras. A palavra fornece subsídios para a comunicação; nela são aplicados os processos gramaticais, fonológicos e morfológicos de uma língua. O falante utiliza-a, transforma-a e modifica-a, através dos processos de derivação, composição e flexão de uma língua.

Passamos a uma apresentação do diminutivo e do aumentativo no português brasileiro, pois estas palavras formadas a partir da derivação são pontos de análise para a nasalidade, uma vez que os fonemas formadores de grau são nasalizados e são muito produtivos no *corpus* analisado.

2.5 FORMAÇÃO DO DIMINUTIVO E DO AUMENTATIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os sufixos *-inho*, *-im*, do latim *-inu*, são usados, como outros sufixos na formação do diminutivo. O sufixo *-inu* no latim era usado na formação dos adjetivos, todavia, posteriormente ele passou a indicar a ideia de diminutivo. Atualmente, em português, o sufixo

¹¹ A compound is one grammatical word which consists of two phonological words (since each part of the compound has its stress).

mais usado na formação do diminutivo é *-inho*, às vezes com a consoante de ligação *z* em palavras que terminam em vogal tônica ou ditongo oral e nasal como em *cafezinho*, *paizinho*, *vintenzinho*, *orgãozinho*. A forma *-im* usada em palavras como *folhetim*, *flautim*, segundo Coutinho (1976), parece ter origem francesa.

Os sufixos de aumentativo *-one*, *-aceu*, *-alia*, *-ac(u)lu* eram raros em latim. Quando o aumentativo era empregado, os escritores usavam-no em sua forma perifrástica *dorsum immane*, *altum dolorem* (COUTINHO, 1976, p. 240). Algumas das desinências de aumentativo usadas em português eram terminações de palavras latinas que indicavam tamanho grande. A desinência *-ão* vem do latim *-anu*, que era adjungida a verbos e nomes para indicar o agente de uma ação, como em *brigão*, *chorão*. Com esse sufixo também são usados alguns fonemas consonânticos de ligação como /r/ e /ʃ/ em *casarão*, *sabichão* (COUTINHO, 1976, p. 240). Algumas das palavras com sufixo *-ão* perderam a ideia de aumentativo e, como no latim, representam nomes sem a noção de grau, como *caixão*, *portão*, *facão*, *sabão*, *limão*, entre outros muito recorrentes na língua portuguesa.

As gramáticas tradicionais, entre elas a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de Almeida (1994), definem o processo de formação do diminutivo e do aumentativo, no português, como flexão, assim como a formação de gênero e de número e a conjugação dos verbos. Muitos estudos acerca do grau dos nomes têm sido feitos por pesquisadores que já não têm mais na gramática tradicional a fonte de seus pressupostos teóricos. Entre estes estão J. M. Camara Jr. (1970), Seung-Hwa Lee (1999), G. M. L. de Araújo (1985), A. Y. Aikhenvald (2007), E. Bechara (2001), entre outros.

Camara Jr. (1970) propõe a categorização de grau como derivação e afirma que categorizá-lo como flexão não passa de uma inclusão errada de um aspecto da gramática latina para a gramática portuguesa. Isto se reforça quando observamos que o diminutivo abarca advérbios e estes não são membros das classes de palavras que normalmente recebem a flexão, como os nomes e os verbos. O autor afirma ainda que o uso do grau, considerado um processo de derivação, é muito particular e pessoal e não é obrigatório, pois o falante o escolhe ou não. “Não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si” (CAMARA JR., 1970, p. 83). Portanto, a formação do diminutivo e do aumentativo em vez de flexão de grau, para esse autor, é considerada derivação, que com o acréscimo de *-inho* ou *-zinho* e *-ão* ou *-zão*, na maioria dos casos, forma novas palavras a partir de um nome já existente.

Uma abordagem um pouco diferente é feita por Lee (1999) ao afirmar que a formação do diminutivo no português brasileiro é muito produtiva com os sufixos *-inho* e *-zinho*. Após analisar algumas regras de domínio morfológico e prosódico, Lee (1999) conclui que a realização do diminutivo no português brasileiro não se enquadra no nível da derivação, da flexão ou da composição e afirma que ela deve ser considerada um “estatuto independente na gramática” (LEE, 1999, p. 122).

Neste trabalho, optamos, a exemplo de Camara Jr. (1970) e dos autores acima citados, categorizar o grau como derivação.

A produtividade de diminutivos na comunidade de fala pesquisada é relevante e sempre ocorre nasalização nessas formações. Os falantes utilizam o diminutivo nas formas *-inho*, *-zinho* e *-inha*, *-zinha* reduzidas a *-ĩ*, *-zĩ* e *-ĩã* e *-zĩã*, respectivamente.

- a) *-ĩ*: *perto* > *pertinho* > *perfĩ*, *rádio* > *radinho* > *radĩ*;
- b) *-zĩ*: *rojão* > *rojãozinho* > *rojãũzĩ*, *café* > *cafezinho* > *cafezĩ*;
- c) *-ĩã*: *fazenda* > *fazendinha* > *fazendĩã*, *escola* > *escolinha* > *iscolĩã*;
- d) *-zĩã*: *manhã* > *manhazinha* > *mããũzĩã*, *coisa* > *coisinha* > *coisĩã*;

A nasalidade alofônica presente nos diminutivos apresentados, passa a existir apenas com a ressonância nasal do fonema consonântico nasal que já não faz mais parte da palavra. Ao sofrer a síncope, o fonema nasal espraia sua ressonância tanto para a direita quanto para a esquerda e nasaliza os fonemas vocálicos.

A produtividade do aumentativo na fala pesquisada e também no português brasileiro é baixa; porém, há algumas ocorrências em *-ãũ*.

- a) *-ãũ*: *magote* > *magotão* > *magotãũ*, *bicho* > *bichão* > *bichãũ*, *leão* > *leãozão* > *leãũzãũ* > *liãozãũ*, *tempo* > *tempão* > *tempãũ*, *muito* > *muitão* > *mũtãũ*.

Tendo em vista a grande produtividade do diminutivo no *corpus* analisado e a frequente nasalização nos dois tipos de grau, dedicamos, posteriormente, um item da análise a esses nomes. Antes, faz-se necessário conhecer um pouco da história e da atual situação dos fonemas nasais na língua portuguesa.

CAPÍTULO 3

FONEMAS NASAIS DO PORTUGUÊS

Neste capítulo, apresentamos algumas investigações a respeito dos fonemas vocálicos e consonânticos, especialmente nasais, na língua portuguesa. Iniciamos com uma breve exposição desses fonemas do latim ao português e passamos à investigação histórica da nasalidade a partir do latim vulgar, explicando, com base na língua *mater*, alguns fenômenos da nasalidade do português brasileiro. Comentamos os termos técnicos relacionados à nasalidade e apresentamos esse tema a partir das concepções de estudo estruturalista, com base em Saussure (2006 [1916]) e Camara Jr. (1970, 1977, 2008), e gerativista com Moraes e Wetzels (1992). Por fim, expomos algumas questões particulares da nasalidade no português brasileiro.

3.1 HISTÓRICO DOS FONEMAS DO PORTUGUÊS

Buscar no latim a fundamentação para alguns fenômenos recorrentes na língua portuguesa é de suma importância porque mesmo com influência de outras línguas e de fatores externos e sociais, o latim continua sendo uma das fontes base para a compreensão da língua portuguesa como um todo. Recorremos às obras de linguística histórica para apresentarmos um pouco da história dos fonemas vocálicos e consonânticos dessa língua.

3.1.1 Sistema consonantal

O latim possuía um sistema consonantal formado por uma maior predominância de fonemas consonânticos oclusivos, por dois fonemas nasais, dois constritivos, um fricativo, um sibilante, dois líquidos e por dois empregos consonânticos de /i/ e /u/ (TARALLO, 1990).

Quadro 3: Sistema consonantal latino

Oclusivos	/p/ - /b/	/t/ - /d/	/k/ - /g/
Constritivos	/f/	/s/	
Nasais	/m/	/n/	
Líquidos	/l/		
	/r̄/		

Fonte: Tarallo (1990) [adaptado]

Na passagem para o português, houve o acréscimo de alguns fonemas consonânticos, pois no latim não havia obstruintes palatais, constritivos sonoros, constritivos médio-palatais, nasal palatal e nem lateral palatal. Na língua portuguesa, os fonemas constritivos ganham pares homorgânicos assim como os oclusivos já os possuíam. Tarallo (1990, p. 108) ressalta que, na formação do português, a “tendência à lenização articulatória e à palatalização” foi característica marcante, senão a principal. Com base nessas modificações, formou-se o sistema de fonemas consoantes do português:

Quadro 4: Sistema consonantal do português

Oclusivos	/p/ - /b/	/t/ - /d/	/k/ - /g/
Constritivos	/f/ - /v/	/s/ - /z/	/ʃ/ - /ʒ/
Nasais	/m/	/n/	/ɲ/
Líquidos	/l/		/ʎ/
	/r̄/		
	/r/		

Fonte: Tarallo (1990) [adaptado]

Esses fonemas que se combinam com os silábicos (vocálicos) para formar sílabas, empregam-se em várias posições articulatórias, tais como pré-vocálica, intervocálica e pós-vocálica (CAMARA JR., 1970). Porém, questões relacionadas à posição desses fonemas não são discutidas neste trabalho.

3.1.2 Sistema vocálico

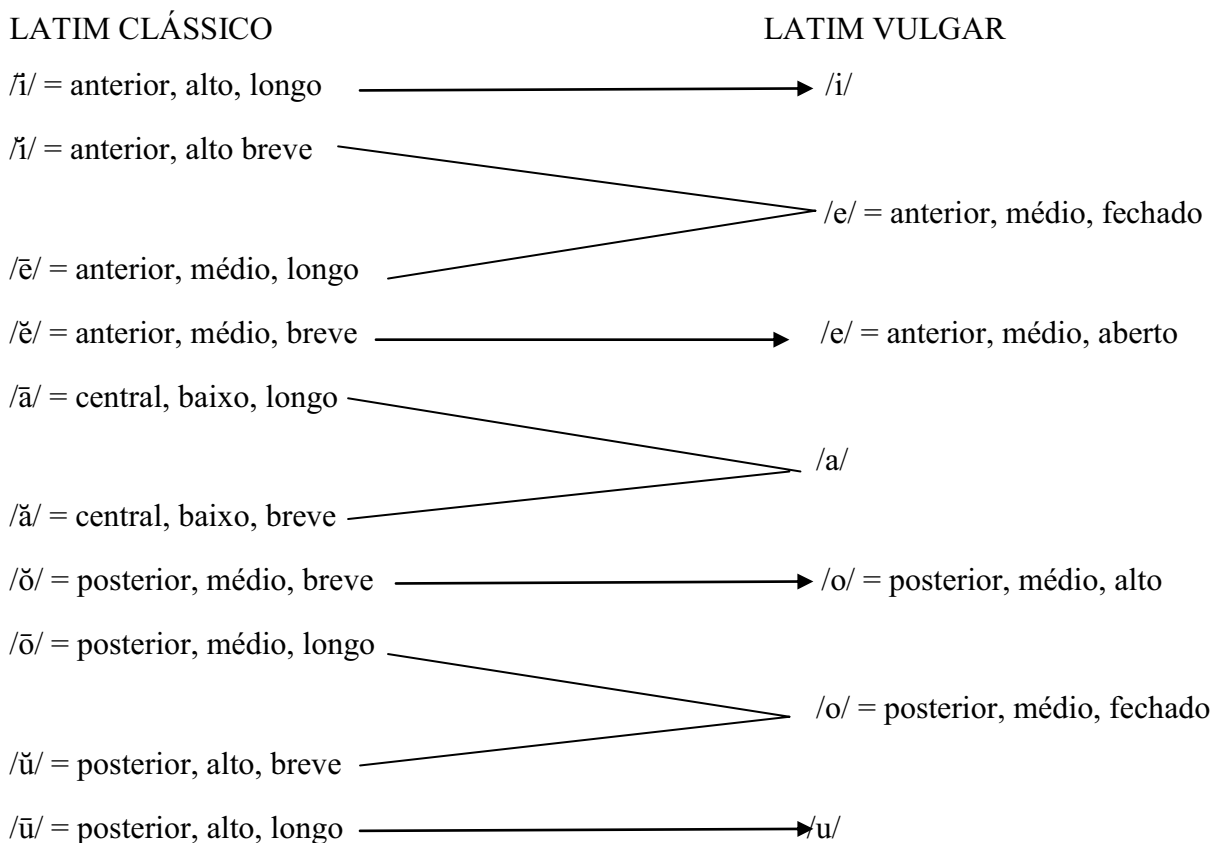
O sistema vocálico do latim clássico, conforme Tarallo (1990), possuía um conjunto formado por dez fonemas, os quais são distribuídos em três classificações de traços fonêmicos, em que são considerados a localização articulatória, a elevação gradual da língua e a duração da pronúncia. Os grafemas eram cinco, como no português, mas para cada grafema existia a “quantidade”. Tem-se, portanto:

/i/: fonema anterior, alto, breve e longo
 /e/: fonema anterior, médio, breve e longo
 /a/: fonema central, baixo, breve e longo
 /o/: fonema posterior, médio, breve e longo
 /u/: fonema posterior, alto, breve e longo

A quantidade (breve, longo) dos fonemas vocálicos exercia função distintiva: “distinguiam-se o nominativo e o ablativo da primeira declinação, por exemplo, através da quantidade da vogal, breve para o caso nominativo e longa para o caso ablativo” (TARALLO, 1990, p. 95). Os sinais distintivos da quantidade dos fonemas vocálicos são braquia (\sim) para breve e mácron ($\bar{\quad}$) para longo. Como em latim não se usava acento, esses sinais eram e são utilizados apenas em livros didáticos e em dicionários (ALMEIDA, 2000).

No latim vulgar, a quantidade dos fonemas vocálicos foi substituída por questões prosódicas acentuais e a classificação de longa e breve deu lugar a tônicas, pretônicas ou átonas finais (CAMARA JR. 1976, *apud* TARALLO, 1990). Com essa mudança, o sistema vocálico do latim clássico reduz-se a sete fonemas vocálicos no latim vulgar.

Quadro 5: Fonemas vocálicos do latim clássico e do latim vulgar



Fonte: Tarallo (1990, p. 95) [adaptado].

O sistema vocálico do português é semelhante ao do latim vulgar, composto por sete fonemas que são classificados a partir da posição tônica. As vogais distintivas em português constituem “o que Trubetzkoy chamou um sistema vocálico triangular” (CAMARA JR., 1970, p. 41), que considera o fonema /a/ como único.

Quando se trata da elevação da língua, os fonemas são classificados em anterior, central e posterior; quanto ao posicionamento articulatório da língua eles classificam-se em altos, médios de primeiro grau (abertos), médios de segundo grau (fechados) e baixos; e ainda, em arredondados e não arredondados, em relação ao arredondamento dos lábios. A seguir, apresentamos essa classificação dos fonemas vocálicos feita por Camara Jr. (1970).

Quadro 6 – Fonemas vocálicos do português

	posteriores	central	anteriores
altos	u		i
médios	o ɔ		ε e
baixos		a	
	arredondados	não-arredondados	

Fonte: Camara Jr. (1970) [adaptado]

Em relação ao /a/, Camara Jr. (1970) considera que esse fonema tem uma variante posicional quando ele precede um fonema consonântico nasal, denominada /a/ abafado posterior. Quanto aos demais fonemas, diante do elemento nasal, perdem a oposição entre os médios de primeiro e segundo grau, pois somente os de primeiro grau são empregados diante de nasais.

Quadro 7: fonemas vocálicos diante de nasais

	Posterior	Central	anterior
Altos	u		i
Médios	o		e
baixos		a [â]	

Fonte: Camara Jr. (1970) [adaptado].

Conforme Camara Jr. (2008), o conjunto de sete fonemas só aparece plenamente na sílaba tônica ou subtônica, pois nas átonas, a depender do ambiente, os alofones vocálicos são neutralizados. Ocorrem várias neutralizações nas sílabas átonas, o que ocasiona redução

de fonemas, o que, segundo esse autor, caracteriza a posição átona dos fonemas vocálicos portugueses. Apresentamos, em seguida, os quadros desses fonemas em posição átona:

Quadro 8: Fonemas vocálicos pretônicos

altos	u		i
médios	o		e
baixos		a	

Fonte: Camara Jr. (1970) [adaptado].

Quadro 9: Fonemas vocálicos postônicos

Altos	u		i
Médios	...		e
baixos		a	

Fonte: Camara Jr. (1970) [adaptado].

Quadro 10: Fonemas vocálicos átonos finais

altos	u		i
baixos		a	

Fonte: Camara Jr. (1970) [adaptado].

Em relação aos fonemas vocálicos assilábicos, Camara Jr. (1970) apresenta duas questões a serem tratadas. A primeira é a grande neutralização que ocorre, pois a oposição existe apenas em /i/ anterior alto e /u/ posterior alto. A segunda refere-se à classificação desses fonemas assilábicos em semivogais ou consoantes. Após algumas análises feitas com o /r/ entre fonemas vocálicos, o autor classifica-os como semivogais. Adotamos essa mesma terminologia de Camara Jr. (1970) neste trabalho.

Uma vez apresentada a história e a formação do sistema consonântico e vocálico do português, faz-se necessária a exposição da história, especificamente, dos fonemas nasais.

3.2 HISTÓRICO DOS FONEMAS NASAIS

Na investigação acerca da história da nasalidade, com base na língua latina, apresentamos alguns dados de autores da Linguística Histórica, tais como Nunes (1989), Williams (1994), Tarallo (1990), Coutinho (1976) e Ferreira Netto (2001), os quais oferecem suporte para a compreensão de alguns fenômenos nasais que ocorrem na língua portuguesa.

Esse estudo oferece subsídios para a denominação de algumas ocorrências nasais da comunidade de fala pesquisada como fenômenos de conservação e/ou inovação da língua.

Em relação aos fonemas consonânticos nasais do latim, os autores de Linguística Histórica sempre ressaltam que com o /m/ pouca mudança ocorreu, porém, o /n/ sofreu várias transformações, entre elas, queda. Nunes (1989) demonstra que há a possibilidade de ter havido a troca de *m* por *n* no latim vulgar, pois na variante vulgar se dizia *nêspera*, enquanto na clássica era *mespilum*. Há também o caso de *mastruço* que era escrito com *n* e sofreu também essa alteração no latim vulgar (NUNES, 1989, p. 94).

Vejam os que aconteceu com esses fonemas consonânticos nasais de acordo com a posição inicial, medial e final que eles ocupavam.

3.2.1 Nasais em posição inicial

Os cognatos com fonemas consonânticos nasais mantiveram-se com os mesmos fonemas em português. O fonema bilabial /m/ foi conservado e manteve as mesmas posições nas palavras:

<i>nōmen</i> > <i>nome</i>	<i>hōmīne</i> > <i>homem</i>
<i>āmāre</i> > <i>amar</i>	<i>clāmāre</i> > <i>chamar</i>
<i>amīcu</i> > <i>amigo</i>	<i>cōmēdēre</i> > <i>comer</i>
<i>commūne</i> > <i>comum</i>	<i>summa</i> > <i>soma</i>
<i>spasmu</i> > <i>pasmo</i>	<i>forma</i> > <i>forma</i>

Em relação ao fonema nasal /n/, ele foi conservado apenas na posição inicial ou após sílaba travada, como mostram os exemplos de Ferreira Netto (2001, p. 73).

<i>nigru</i> > <i>negro</i>	<i>carne</i> > <i>carne</i>
<i>naricae</i> > <i>nariz</i>	<i>furno</i> > <i>forno</i>
<i>nunquam</i> > <i>nunca</i>	<i>anno</i> > <i>ano</i>
<i>nōtūla</i> > <i>nódoa</i>	<i>somnu</i> > <i>sono</i>
<i>nōvu</i> > <i>novo</i>	<i>panno</i> > <i>pano</i>

3.2.2 Nasais em posição medial

Coutinho (1976) afirmou que os fonemas consonânticos mediais latinos sofreram diversas modificações, ao passo que os surdos intervocálicos sonorizaram-se, em português, nos seus correspondentes homorgânicos; os sonoros caíram, em sua maioria. O /n/ caiu em muitos casos e nasalizou o fonema vocálico anterior. Essa nasalização perdurou até o século XI; depois sofreu queda, conforme dados apresentados por Coutinho (1976, p. 115):

<i>ponere</i> > <i>põer</i> > <i>poer</i> > <i>por</i>	<i>corona</i> > <i>corõa</i> > <i>coroa</i>
<i>arena</i> > <i>arëa</i> > <i>area</i> > <i>areia</i>	<i>bona</i> > <i>bõa</i> > <i>boa</i>
<i>vena</i> > <i>vëa</i> > <i>vea</i> > <i>veia</i>	<i>sonare</i> > <i>sõar</i> > <i>soar</i>

A perda da nasalização dos fonemas vocálicos ocorreu somente em algumas palavras como já pudemos ver. Nas que caíram, os fonemas vocálicos nasalizados eram postônicos ou pretônicos. A queda da nasalidade só ocorreu nas tônicas em fase posterior (século XVI), como nos exemplos de Coutinho (1976, p. 115):

<i>bõa</i> > <i>boa</i>	<i>tenere</i> > <i>tëer</i> > <i>teer</i> > <i>ter</i>
<i>alhëo</i> > <i>alheo</i>	<i>luna</i> > <i>lũa</i> > <i>lua</i>

Nunes (1989) ressalta que o falante geralmente não pronuncia a ressonância nasal postônica, presente em ditongos, monotongando-os, como em: *órgu* < *órgão*, *órfu* < *órfão*, *garagi* < *garagem*, *jovi* < *jovem*. O autor ressalta que é por este fato que se tem na língua portuguesa *verme*, *sangue* e *costume* por *vermẽ*, **sanguẽ* e **costumẽ*.

Houve situações em que a nasalização provocada pela queda de /n/ permaneceu e é representada pelo til “~”. No português, os fonemas vocálicos foram nasalizados somente em alguns ambientes:

- 1) Quando o fonema vocálico final é idêntico ou semelhante aoônico nasal, há fusão e a nasalidade permanece:

<i>mattiana</i> > <i>maçãa</i> > <i>maçã</i>	<i>donu</i> > <i>dõo</i> > <i>dom</i>
<i>lana</i> > <i>lãa</i> > <i>lã</i>	<i>unu</i> > <i>ũu</i> > <i>um</i>
<i>sonu</i> > <i>sõo</i> > <i>som</i>	<i>jujunu</i> > <i>jujũu</i> > <i>jejum</i>

No caso específico dessas palavras terminadas em *u*, havia nelas um *o* átono final que se transformou em *u* e se contraiu com o *u* tônico.

- 2) Quando os vocábulos do português são oriundos de latinos terminados em “-anu, -ane, -ene, -ine, -inu, -ina, -one”, o fonema nasal permanece. Vejamos os exemplos de Coutinho (1976, p. 115):

<i>veranu</i> > <i>verão</i>	<i>sine</i> > <i>sem</i>
<i>granu</i> > <i>grão</i>	<i>vinu</i> > <i>vinho</i>
<i>pane</i> > <i>pão</i>	<i>pinu</i> > <i>pinho</i>
<i>cane</i> > <i>cão</i>	<i>sardina</i> > <i>sardinha</i>
<i>bene</i> > <i>bem</i>	<i>farina</i> > <i>farinha</i>
<i>tene</i> > <i>tem</i>	<i>mansione</i> > <i>mansão</i>
<i>fine</i> > <i>fim</i>	<i>ratione</i> > <i>razão</i>

No caso de *fine* > *fim*, o *e* átono final se altera para *i* e assimila-se ao *i* tônico: *fines* > *fiis* > *fins* (WILLIAMS, 1994, p. 81).

Em relação ao *n*, ainda é pertinente esclarecer que a nasalização produzida por ele é uma das principais questões fonéticas da língua portuguesa. A regra geral para esse fonema era a supressão, porém, contrariamente à regra geral, ele se conservou ou tornou a ser empregado em:

- a) Reconstrução de palavras a partir do étimo latino como em: *menos* (arc. *meos*), *feno* (arc. *feo*), *pena* (arc. *pea*);
- b) Via erudita: *diácono* (arc. *diago*), *cônego* (arc. *cooigo*);
- c) Por dissimilação: *astronomia* < *astrolomia* (arc.), *Jeronymu* < *Jerolmo* (pop.), *anima* > *alma* (COUTINHO, 1976, p. 115);
- d) Conservação pelo ditongo: *janeiro*, *maneira*;
- e) Por empréstimo: *semana*, que era *doma* (NUNES, 1989, p. 113).

3.2.3 Nasais em posição final

Na passagem do latim ao português os fonemas consonânticos nasais finais sofreram algumas alterações, como mostra Tarallo (1990, p. 112): “as nasais finais perderam seu estatuto consonantal nos monossílabos, mantendo-se meramente como ressonância nasal da vogal anterior: *in* > *em*; *cum* > *com*”.

O *m* final caiu no próprio latim vulgar e o *n*, nos primeiros estágios do português, como em: *amōrem* > *amor*; *nomen* > *nome* (WILLIAMS, 1994, p. 101).

Esses fonemas finais mantiveram-se pelo fenômeno da próclise, mas perderam seu estatuto consonantal e representam apenas a ressonância nasal em monossílabos, grafados com *m*:

<i>cum</i> > <i>com</i>	<i>quem</i> > <i>quem</i>
<i>in</i> > <i>em</i>	<i>sum</i> > <i>som</i> (arc.)

Uma das causas para a conservação do *m* final e a permanência da nasalidade na vogal anterior é o fato de que eles geralmente são empregados ligando-se a outros, como nas próclises, em que o *m* passa de final de palavra para interno a ela, como no caso dos pronomes pessoais oblíquos: *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*. O *n* em final de palavras, como em *in*, foi substituído por *m*, porque a ortografia da língua portuguesa não permite que haja *n* em final de palavra.

Em alguns casos, o segmento consonantal *n* seguido de *e* final (em palavras declinadas no acusativo singular da terceira declinação ou em verbos conjugados na terceira pessoa do plural) ou seguida de *t* final (em verbos na terceira pessoa do plural) transformou-se em final pela apócope desses dois fonemas /e/ e /t/, depois nasalizou o fonema vocálico anterior a ele, em seguida perdeu seu valor consonantal e finalmente foi conservado apenas como ressonância nasal:

<i>dan(t)</i> > <i>dam</i> (arc.) > <i>dão</i>	<i>bēne</i> > <i>bem</i>
<i>aman(t)</i> > <i>amam</i>	<i>finem</i> > <i>fim</i>
<i>sun(t)</i> > <i>som</i> (arc.) > <i>são</i>	

Williams (1994) ressalta que os finais *-im* e *-um* não sofreram alteração; todavia, os terminados em *-em* passaram a /ẽj/ (em Lisboa e em Coimbra) e a /ẽj/ em outras regiões. Os finais *-am* e *-om* transformaram-se em /ãw/. No português do Brasil, o final *-em*, na maioria dos casos, transformou-se em /ẽj/.

Conforme Nunes (1989, p. 112), a ressonância nasal provocada por *m* final já existia desde o latim. Tal fato foi atestado a partir de “indicações dos gramáticos romanos, ortografias das inscrições, métrica e testemunho das línguas românicas”. Já a produzida no português por *n* deve-se às seguintes suposições: i) o fonema nasal /n/ espalhou sua ressonância para o fonema vocálico imediatamente anterior a ele, mas não se deixou substituir; ii) o fonema /n/ retoma a ressonância nasal do fonema vocálico e faz com que o som do fonema nasalizado e o dele mesmo (/n/) transformem-se em um único fonema. A partir dessas suposições, tem-se: **lãn-a > lã-a > lã*, **bõn-o > bõ-o > bom (bõ)* (NUNES, 1989, p. 112).

3.2.4 Nasais geminadas

No latim, havia também os segmentos consonânticos geminados *-mm-* e *-nn-* que, na passagem para o português, foram simplificados em um só *-m-* e *-n-*. Vejamos exemplos de Coutinho (1976, p. 121):

flamma > chama

annic(u)lu > anelho

summa > soma

pannu > pano

gemma > gema

annu > ano

No espanhol, a geminada *-nn-* transformou-se, na grafia, em *ñ*, como em “penha, antanho”, do português arcaico (NUNES, 1989, p. 114). Essas e outras palavras do português que são grafadas com *nh*, mas que no latim eram grafadas com *nn*, são empréstimos do espanhol, conforme Nunes (1989).

3.2.5 Grupos consonantais

As transformações dos grupos consonantais foram marcantes, na passagem do latim ao português, e atualmente, sem o étimo¹² latino, é praticamente impossível saber que mudança ocorreu e qual grupo provocou a mudança. Os grupos eram classificados em “próprios” e “impróprios”. Entre os próprios mais comuns tinha o *-gn* em palavras latinas como: *pugnare*, *agnus*. O *g* desse grupo, na maioria dos casos, reduziu-se a *i* e este se associou à nasal e palatalizou-se em *nh*, como em:

punhar < *¹³*puinare* < *pugnar*
punho < **puino* < *pugnu*
cunhado < **coinatu* < *cognatu*

Nos casos em que não houve palatalização, o *i* permaneceu, como nos exemplos: *reino* < *regnu*, *reinar* < *regnare* (NUNES, 1989, p. 124).

A permanência de *i* em *reino* se deve à palavra *rei*. A modificação desse grupo, conforme Williams (1994, p. 94) teve os seguintes estágios: /gn/ > /jn/ > /jñ/ > /ñ/. Nas palavras semi-eruditas, a velar desse grupo consonantal caiu:

digno > *dino* (arc.)
insignare > *ensinar*
benignum > *benino* (arc.)
malignum > *malino* (arc.)

Posteriormente, houve restauração na grafia e na pronúncia de “digno”, “benigno” e “maligno” (WILLIAMS, 1994, p. 94).

Em relação aos grupos consonantais, havia vários grupos envolvendo fonemas consonânticos nasais em latim, entre os quais apresentamos quatro:

- a) *-gm-* que se transformou em *-im-*, em palavras como: *flegma* > *freima* (arc.), *pigmenta* > *pimenta*;

¹² Origem de uma palavra, etimologia (HOUAISS & VILLAR, 2001, p. 1271).

¹³ Os asteriscos desta seção indicam suposições.

- b) *-mn-* que se transformou em *-n-*, por assimilação, em palavras como: *autumnu* > *outono*, *dom(i)nu* > *dono*, *somnu* > *sono*, *damnu* > *dano*;
- c) *-mt-* que passou a *-nt-*, nas palavras: *com(i)te* > *conte*, *sem(i)ta* > *senda* (COUTINHO, 1976, p. 125).
- d) *-ns-*: a queda de *n* ocorreu quando este vinha antes de *s* e algumas vezes, antes de *f*: *mesa* < *mensa*, *mês* < *mense*, *esposo* < *sponsu*, *teso* < *tenso*. Vale observar que essa queda aconteceu no português arcaico; contudo, há um retorno do fonema consonântico nasal a essas palavras, conforme os exemplos a seguir, em que apresentamos o português moderno, o português arcaico e o étimo latino, conforme Nunes (1989, p. 135):

constranger < *costranger* < *constrangere*

instrumento < *estormento ou estromento* < *instrumentu*

inferno < *iferno* < *infernu*

Williams (1994) postula que a volta deste *n* possivelmente é causada pela influência dos prefixos *in-* e *com-*.

Foi nos grupos de segmento consonântico e semivogal que surgiu, no português, o fonema nasal palatal /ɲ/, pois quando o fonema dental /n/ vinha seguido da semivogal *i*, ele assimilava-se à semivogal e palatalizava-se. Observemos os grupos e sua passagem a *nh* para o português:

- a) *-ni* > *-nh-*: *aranea* > *aranha*, *ciconia* > *cegonia*, *ingeniu* > *engenho*, *juniu* > *junho*, *línea* > *linha*, *pínea* > *pinha*, *seniore* > *senhor*;
- b) *-lni-* > *-nh-*: **baneu por balneu* > *banho*;
- c) *-mni* > *-nh-*: *somniu* > *sonho* (COUTINHO, 1976, p. 128).

Se na última sílaba da palavra, o primeiro segmento vocálico fosse um *i* tônico e o fonema subsequente um /a/ ou um /o/, o fonema nasal palatal também se desenvolvia entre os dois fonemas vocálicos e a ressonância nasal desaparecia, conforme citado por Williams (1994, p. 82):

gallīnam > *gallia* > *galinha*

viċinam > vizīa > vizinha

vīnum > vīo > vinho

Quando o primeiro fonema vocálico da palavra era pretônico e o segundo um /i/ tônico de um hiato formado por *a* ou *o*, a nasalidade espraiava-se aos três elementos vocálicos. Mais tarde, devido a essa nasalidade, surgiu um fonema nasal palatalizado entre os dois últimos fonemas vocálicos, com base em Williams (1994, p. 83):

litanīam > ladāia > ladainha

uenībam > venīa > vēia > vīa > viinha > vinha

Outro desenvolvimento de fonema nasal palatalizado ocorreu entre um *i* pretônico seguido de um *u* ou *a* tônico, como em:

đivīnāre > advinhar

ordīnāre > ordinar¹⁴

**daemoniatos > demōiados > demoinhados*

**ne (por nec) -ūnum > nē hum > nenhum (cf. nem um)*

O emprego de *nh* foi atestado já na época das canções trovadorescas, pelo uso do possessivo *minha*. Anterior a essa época, a palatalização era registrada por *ni*, o chamado *n* molhado, ou por um til colocado sobre o *i* ou sobre o *y*¹⁵. Após a inserção de *nh*, o til é substituído, permanecendo na língua apenas nos finais de palavra em que não há palatalização, conforme Nunes (1989, p. 195):

vinho < vỹo

tinha < tīia

sobrinho < sobrĩo

martinho < marfĩo

marinha < marĩa

¹⁴ Com base no exemplo seguinte e nos exemplos em que a nasal dental sofre queda, apresentamos a existência de uma fase intermediária para esses nomes: *đivīnāre > diviāre > advinhar*, *ordīnāre > ordiāre > ordinar*.

¹⁵ No período fonético da ortografia do português ocorria alternância no uso entre *i* e *y* (NUNES, 1989, p. 193).

minho < m̃yo

Da mesma forma que surgiu a nasal palatal entre o *i* tônico e o *a* final, foi desenvolvida a bilabial *m* entre o *u* tônico e o *a* final, ou seja, houve uma espécie de assimilação do *n* pelo *m*: *ūnam > hũa > uma*. Esse processo só ocorreu com *uma* e seus derivados: *algũa > alguma*, *nenhũa > nenhuma*, em que o til representa a nasalidade de *n* na sílaba (WILLIAMS, 1994, p. 83).

Um *n* se desenvolveu entre o segundo fonema vocálico e um fonema consonântico dental, nos casos em que o primeiro fonema vocálico era pretônico e o segundo tinha um segmento consonântico dental a ele adjungido:

divīnītātem > diviidade > divindade

minūtias > m̃iuças > miunças

tēnētis > tēedes > tendes

uēnītis > vēides > ṽides > vindes

Conforme Williams (1994, p. 84), houve alguns casos, porém, em que o *n* não foi produzido:

monētam > moeda

uanītātem > vaidade

uēnātum > veado

Um fonema nasal velar /ŋ/ foi desenvolvido nos casos em que os fonemas vocálicos eram semelhantes e o segundo precedia um fonema consonântico velar: *enecāre > engar*, *benedicāmus > b̃eigamos > bengamos* (arcaico) (WILLIAMS, 1994, p. 84). Esse fenômeno ainda existe no português moderno em palavras do tipo: *canga*, *manga*, *fungo*.

Por fim, a nasalidade de *n* espalhou-se para o fonema vocálico seguinte, nasalizando-o. Baseados em Nunes (1989), afirmamos que houve um espraiamento progressivo da nasalidade desse fonema consonântico ao fonema vocálico subsequente, como é registrado em:

painço < paniciu
bento < benedictu
miunças < minúcia
maunça < manucaae
ontem < anoctem

O *m* intervocálico também esprou sua nasalidade para o fonema vocálico seguinte, como também podia ocorrer com o *m* inicial. Para ilustrar, citamos exemplos de Williams (1994, p. 81):

ūmem > vime > vimem (arcaico)
amiddūlam > amêndoa

Os fonemas consonânticos nasais espriavam sua ressonância aos fonemas vocálicos orais que se tornavam nasalizados. Observemos como isso aconteceu e quais os fonemas eram envolvidos na nasalização.

3.2.6 Fonemas vocálicos nasalizados

A nasalização dos fonemas vocálicos, causada pelo espriamento da ressonância nasal dos fonemas consonânticos nasais, conforme Williams (1994), foi atribuída à influência céltica na Península Ibérica. Esse fenômeno ocorreu em posição inicial, medial e final. Outra observação relevante feita pelo autor é o fechamento do fonema vocálico tônico provocado pela nasalização, o impedimento de *e* e de *o* se fecharem mais ainda e a ditongação do *e* final como apresentaremos posteriormente.

No que se refere aos fonemas vocálicos, as variações *-ã* e *-am* evoluíram a *-ão* no século XVI:

pão < pam < pane
cão < cam < cane

O fonema /õ/ e o ditongo nasal *-õe*, no mesmo século, passaram a *-ão*, mas, o plural desses nomes continua em *-õe*, como em *devoções*, *ladrões*:

devoção < *devoçom* < *devotione*

ladrão < *ladrom* < *latrone*

Quando os pares *-ao*, *-oe* e *-ae* tinham o primeiro fonema vocálico tônico, a ressonância nasal se mantinha e estes se transformavam em ditongos nasais, como apresentado acima e em *mānum* > *irmão*, *manum* > *mão*, *lectiōnes* > *lições*. Porém, os grupos formados por fonemas vocálicos em alguns casos não se transformaram em *-ão*, mas em *-ano* em palavras “eruditas e regressivas”, como apresenta Williams (1994, p. 82):

humānum > *humano*

castellānum > *esp. castellano* > *port. arc. castelhão* > *port. mod. castelhano*

Quando no grupo *-ao*, os dois fonemas vocálicos eram postônicos, esse grupo transformou-se no ditongo *-ão*, como apresenta Williams (1994, p. 82):

orgānum > *órgão*

orphānum > *órfão*

Stěphānum > *Estêvão*

Esse autor ressalta que em alguns dialetos o ditongo átono *-ão* se reduziu a *-o*, como em *órgo* > *órgu*.

Nunes (1989) comenta que, nas alterações sofridas pelos fonemas vocálicos e consonânticos na passagem da língua latina para as línguas românicas, especificamente para a língua portuguesa, ou mesmo nas modificações internas ocorridas na língua latina e em suas modalidades (latim clássico e latim vulgar), dois fatores foram fundamentais, o fisiológico e o psicológico. O primeiro é envolvido apenas pelas condições físicas, em que o falante procura a maneira mais propícia para a pronúncia dos segmentos, conforme a própria natureza do aparelho fonador e a fonologia da “nova” língua. O segundo ocorre pelas impressões que o falante tem diante dos sons e a partir dessas impressões faz analogias e modificações na língua.

A nasalização é classificada por Nunes (1989) nas mudanças fisiológicas e definida como a passagem de um som oral a um som nasal, se esse som é seguido de um dos fonemas consonânticos nasais /m/ ou /n/. Nesse processo, também ocorre o fechamento dos fonemas vocálicos quando estes eram abertos. Como resultado desse processo que havia no latim e no português arcaico e ainda há no português moderno, existe uma grande produtividade de fonemas vocálicos nasalizados, conforme Nunes (1989, p. 151):

cão < cǎne

cana < cǎnna

anjo < ǎngelu

membro < mĕmbbru

sem < sĭne

bom < bŏnu

Nunes (1989) reforça ainda que a ressonância nasal causada nos fonemas vocálicos orais pelos fonemas consonânticos nasais “parece ascender ao próprio latim vulgar, como nos levam a crer não só a grafia *muntu*, que ocorre numa inscrição dos Pompeios, mas ainda as formas *mancha* e *monco*” (NUNES, 1989, p. 152). Então, esse autor declara que a nasalização dos fonemas vocálicos já ocorria no latim e que, pelos registros desse fenômeno na língua latina literária, conclui-se que a nasalização na língua latina e na língua portuguesa não é “moderna”.

A partir da descrição histórica da nasalidade, podemos perceber mais claramente a realização de algumas ocorrências da língua portuguesa que envolvem os fonemas nasais.

3.3 NASAL VERSUS NASALIZADO

Para discutirmos sobre a nasalidade, acreditamos ser conveniente apresentar algumas definições acerca dos termos *nasal*, *nasalizado*, *nasalização* e *nasalidade* segundo os dicionários de linguística de David Crystal (2000) e Jean Dubois (1973).

Conforme Crystal (2000, p. 179) o termo *nasal* é usado pela Fonética Articulatória para classificar os sons da fala. “Refere-se aos sons produzidos quando o palato

mole se abaixa para permitir que o ar passe, de maneira auditiva, através do nariz”. Ou seja, esse termo classifica uma realização da fala que ocorre, fisicamente, com o abaixamento do véu palatino e a liberação do ar pela cavidade nasal na pronúncia de sons vocálicos e consonânticos, como /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/ e /m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/.

Na produção dos segmentos consonantais, há oclusão total na boca e o ar é liberado pelo nariz. Com base em Dubois (1973), os fonemas consonânticos nasais mais frequentes são o fonema bilabial /m/ de *mala* e o dental /n/ de *neve*. O português e o francês apresentam o palatal /ɲ/ em *banha* e *agneau* e o inglês e o alemão têm um nasal velar /ŋ/ como em *song* e *jung*. O português também possui esse nasal velar, no nível fonético, como vemos em *songa* ['sõ:ŋgə], *sunga* ['sũ:ŋgə] e *canga* ['kã:ŋgə]. Em sua maioria, esses fonemas são sonoros, porém, eles podem perder o traço de sonoridade por assimilação de um som surdo, como ocorre no francês nas terminações *-isme* de palavras como *communisme*, *prisme* (DUBOIS, 1973, p. 427). Crystal (2000, p. 179) também atesta a existência de fonemas consonantais surdos e exemplifica com o inglês, em palavras cujo fonema nasal é subsequente a um /s/, como em *small*, *snooze*.

Dubois (1973, p. 427) afirma que a oposição entre fonemas orais e fonemas nasais é praticamente universal e que do ponto de vista da Fonética Acústica, “os fonemas nasais opõem-se aos fonemas orais correspondentes pela redução da intensidade dos formantes, a difusão da energia sobre faixas mais largas de frequência e pela introdução de formantes adicionais”.

Em relação aos fonemas vocálicos, apresentamos em primeiro lugar, a definição de Crystal (2000) que usa os termos *nasal* e *nasalizado* para classificá-los. Eles são assim classificados quando o ar sai pela boca e pelo nariz ao mesmo tempo. Para Crystal (2000), os fonemas vocálicos nasais fazem oposição com os orais em algumas línguas como o francês e o português “lã/lá”. Já o inglês não possui fonema vocálico nasal, apenas nasalizado, pois a nasalização ocorre por um fonema consonântico nasal adjacente, como ocorre em “*mat*” e “*hand*”. De outra maneira, a denominação “vogal nasal” indica que “a nasalidade é um traço essencial na identificação do som, como ocorre em português” (CRYSTAL, 2000, p. 180). Em relação à “consoante nasalizada” (não há em português), o autor afirma que é um fonema que, embora seja oral, é pronunciado com ressonância nasal pela presença de um som nasal adjacente.

Dubois (1973) apresenta uma definição bastante semelhante à de Crystal (2000), ao afirmar que a oposição entre fonemas vocálicos orais e fonemas vocálicos nasais é rara e que, na Europa, essa distinção é ignorada, salvo no francês, no polonês e no português.

Em relação ao termo *nasalidade*, Dubois (1973, p. 428) assegura que esse termo “designa a ressonância nasal devida ao escoamento do ar laríngeo pelas fossas nasais, durante a articulação de uma vogal ou de uma consoante”, e acrescenta que a denominação de *nasalidade* é geralmente dada aos fonemas consonânticos e de *nasalização* aos fonemas vocálicos. A nasalização é a “ressonância nasal que acompanha uma articulação oral que tenha um valor fonológico ou que resulte da assimilação de uma vogal pela consoante seguinte”; o termo *nasalizado*, usado também como sinônimo de nasal, refere-se ao fonema que é acompanhado de uma ressonância nasal (DUBOIS, 1973, p. 428).

A definição fonético-articulatória do fenômeno nasal, *grosso modo*, é comum aos estudiosos, independentemente da teoria linguística que eles seguem. Porém, questões divergentes acerca da nasalidade dos fonemas vocálicos e dos fonemas consonânticos, da neutralização dos fonemas consonânticos nasais representada pelo arquifonema nasal /N/, entre outras, estão presentes nos estudos fonéticos e fonológicos. O uso dos termos apresentados anteriormente e a ambiguidade de alguns deles gera controvérsias nos estudos dos sons.

Neste trabalho utilizamos os termos *nasal* e *nasalidade* quando nos referimos aos fonemas consonânticos /m/, /n/ e /ɲ/ e, este último também para fazer menção ao fenômeno estudado. Os termos *nasalizado* e *nasalização* são utilizados em referência aos fonemas vocálicos. Essa escolha baseia-se, principalmente, nos postulados de Camara Jr. (1970) acerca dos fonemas nasais e nasalizados da língua portuguesa.

Cagliari (2007, p. 84) trata da nasalidade a partir dos caracteres físico-articulatórios na produção dos sons e acrescenta que o ponto de maior controvérsia dos estudiosos na pesquisa dos sons nasais é a investigação acerca “das características aerodinâmicas da nasalidade”. Ele pontua alguns itens que devem ser levados em consideração: (i) o som nem sempre é produzido por uma corrente de ar; (ii) é preciso investigar a pressão e o volume do fluxo de ar em consonância com a percepção auditiva dos sons nasais. Esse autor (*ibidem*, p. 84) alerta também que um som nasal pode ser percebido sem a ressonância nasal e afirma que “a nasalidade é essencialmente um problema de qualidade auditiva que se reconhece num som e que pode ser produzida de várias maneiras”. Portanto, esse linguista postula que há diferença na qualidade dos sons nasais; essas

diferenças são o resultado dos variados processos de produção da nasalidade, a que o autor chama de “graus de nasalidade”. Isso ocorre por alguns fatores, entre os quais é importante citar a obstrução total ou parcial da cavidade nasal durante a produção de um som nasal.

Callou e Leite (2005) ressaltam que em algumas línguas há graus de nasalidade com valor distintivo e acrescentam que, dependendo da língua, há oposição entre fonemas vocálicos orais, fonemas vocálicos levemente nasalizados e fonemas vocálicos fortemente nasalizados; e ainda que o grau de nasalidade diverge de língua para língua.

Cagliari (2007, p. 85) acrescenta que boa parte dos estudiosos não reconhece a classificação de graus de nasalidade, mas alerta que ela é fundamentada porque a nasalidade do fonema vocálico difere da nasalidade do fonema consonântico, e essa diferença é perceptível tanto no processo de fonação quanto no resultado acústico final. Ele chama a atenção para o fato de que a nasalidade de um fonema vocálico fechado difere da nasalidade de um fonema vocálico aberto e para considerar o grau do som nasal é preciso levar em consideração também a “tonicidade, a altura melódica da fala e os tipos de fonação”. Mas ele admite que a discussão de grau de nasalidade não é tão relevante, pois fonética e fonologicamente basta saber se um som é ou não é nasal ou nasalizado.

Além das observações acerca do grau de nasalidade, existem outras considerações a respeito de nasalidade ou pré-nasalidade, que de certa forma estão relacionadas à questão do grau apresentada acima, como os fonemas consonânticos nasalizados ou pré-nasalizados em línguas indígenas e em alguns crioulos. No crioulo cabo-verdiano, segundo Couto e Sousa (2006, p. 137), há consoantes pré-nasalizadas em palavras como *npára* (apanhar), *ntende* (compreender), *nzámi* (exame), *njinheru* (engenheiro). Os autores asseguram que a existência de fonemas consonânticos pré-nasalizados é característica de línguas africanas e de algumas línguas indígenas (Guarani). Rodrigues (2003), ao analisar esse fenômeno em línguas indígenas brasileiras, mostra que em línguas da família Pirahã a ressonância nasal abarca o fonema consonântico inteiro; já em Maxakali (tronco Macro-Jê), os elementos consonânticos sonoros de início de palavra são afetados “opcionalmente e só parcialmente, isto é, podem realizar-se como simples orais sonoras ou como pré-nasalizadas”, como mostram os exemplos “[daj] ou [ndaj] ‘panela’, [baj] ou [mbaj] ‘bom’” (RODRIGUES, 2003, p. 14).

Os estudiosos tratam das questões da nasalidade na língua indígena, na língua portuguesa, como também em qualquer outra língua, a partir de uma teoria linguística que ofereça subsídios para a compreensão desse fenômeno. Utilizamos neste trabalho, suporte teórico de estudos que se intitulam estruturalista e gerativista para mostrarmos o que se tem postulado acerca da nasalidade na língua portuguesa.

3.3.1 Abordagem estruturalista da nasalidade

Questões acerca da nasalidade, especificamente dos fonemas vocálicos, são divergentes entre si e não é de hoje que esse problema e as controvérsias envolvidas nele existem. Moraes e Wetzels (1992) declaram que os segmentos vocálicos nasais são um dos pontos mais controversos da Fonologia e que já nas primeiras gramáticas da língua portuguesa a divergência existia. A partir da grafia preconizada foi possível perceber que em Fernão de Oliveira os sons nasais eram grafados em V (fonema vocálico) e em João de Barros eram grafados em V + N (fonema vocálico mais fonema consonântico nasal) (MORAES E WETZELS, 1992).

Mesmo pertencendo a uma mesma corrente de pesquisa, as concepções estruturalistas acerca da nasalidade dos sons vocálicos são divergentes. Moraes e Wetzels (1992) esclarecem que para os estruturalistas a nasalidade dos sons vocálicos é analisada dentro de quatro possibilidades e é interessante observar que nessa corrente de estudo já fora postulado o que trabalhariam posteriormente os autores pós-gerativistas com a Fonologia Autossegmental, pois as quatro análises estruturais dos sons vocálicos nasais, apresentados brevemente a seguir, atestam isso.

1) Um fonema vocálico nasal propriamente dito

Nessa análise, o segmento vocálico é considerado nasal quando estabelece oposição com um segmento vocálico oral, como em *lã* e *lá*; *tampa* e *tapa*; *manto* e *mato*, como afirma Battisti (1997). A partir dessa concepção, os fonemas vocálicos do português passam de um conjunto de sete a um conjunto de 12, pois aos sete fonemas vocálicos orais existentes, /a/, /e/, /ɛ/, /i/, /o/, /ɔ/, /u/, são acrescentados cinco nasais, /ã/, /ẽ/, /ĩ/, /õ/, /ũ/. Estabelecida a oposição entre fonema vocálico oral e fonema vocálico nasal, desaparece a nasalidade do fonema vocálico a partir do elemento consonântico nasal, já que para cada fonema vocálico nasal, existe um correspondente oral. O segmento consonântico nasal pode ou não aparecer, e se aparecer, será condicionado pela nasalidade da vogal, o que faz com que ele seja articulado de forma distinta, conforme o fonema consonântico da sílaba seguinte. (COSTA, 2005).

2) Um fonema vocálico oral seguido de um fonema consonântico nasal

Nesse caso, os fonemas vocálicos do português são formados por um conjunto de sete, pois os chamados fonemas vocálicos nasais só o são porque eles vêm acompanhados do elemento consonântico nasal. Na concepção aqui apresentada, os estruturalistas declaram que não se pode considerar com valor fonológico os fonemas vocálicos nasais da língua portuguesa, pois não há oposição entre fonema vocálico oral e fonema vocálico nasal (COSTA, 2005).

3) Um fonema vocálico oral seguido do arquifonema nasal /N/

Camara Jr. (1970) afirma que não há fonema vocálico nasal no português; o chamado fonema vocálico nasal é assim denominado pela presença do elemento consonântico nasal que o acompanha na mesma sílaba. O elemento consonântico nasal que é neutralizado e fica homorgânico à consoante subsequente, chama-se arquifonema nasal, representado simbolicamente por /N/. Cagliari (2002), a exemplo de Camara Jr. (1970), declara que o fonema vocálico considerado nasal do português é o resultado do agrupamento do fonema vocálico oral mais o arquifonema nasal /N/. Essa concepção bifonêmica da nasalidade do fonema vocálico mostra que a nasalização do segmento vocálico é o resultado da junção de dois fonemas, por isso, nessa concepção de nasalidade dos fonemas vocálicos, a distinção entre fonema vocálico oral e fonema vocálico nasal não pode ser estabelecida.

Os fonemas consonânticos nasais /m/ e /n/ já não se distinguem do fonema seguinte, pois como declara Camara Jr. (1970), ocorre neutralização dos traços articulatórios desses fonemas, que passam a ser representados, portanto, pela letra maiúscula *N*, chamada arquifonema nasal. Esses fonemas ficam homorgânicos ao fonema consonântico subsequente e podem ser classificados de diferentes modos, de acordo com o ponto de articulação do fonema seguinte: (i) alveolar, quando vem antes de dental: *penta* [ˈpẽ:n̥tə]; (ii) labial, antes de labial: *bomba* [ˈbõ:mbə]; (iii) velar, antes de fonema velarizado: *canga* [ˈkã:ŋgə]; (iv) palatal, diante de palatal: *dança* [ˈdã:nsə].

Com base nessa interpretação da nasalidade do fonema vocálico, Camara Jr. (1970) deixa claro que a língua portuguesa tem uma espécie de sílaba travada pelo arquifonema nasal /N/ que se realiza homorganicamente à consoante seguinte como já mencionado.

4) Um fenômeno suprasegmental:

A nasalidade dos fonemas vocálicos é vista como um suprasegmento, um fonema não-linear, tal qual é o acento, a tonicidade e outros. Nesse caso, o fonema vocálico nasal é aquele sobre o qual é colocado o fonema suprasegmental /~/ . Esse modelo não-linear de interpretação do fonema vocálico nasal também concebe o sistema vocálico do português composto por um conjunto de sete fonemas.

Mesmo com todas essas possibilidades de interpretação para o fenômeno da nasalidade, os estruturalistas não conseguiram abarcar a complexidade das ocorrências nasais, principalmente na língua portuguesa (COSTA, 2005). Apesar disso, há grandes nomes da linguística brasileira e europeia que deixaram contribuições relevantes para as atuais investigações de fenômenos linguísticos, especificamente da nasalidade.

3.3.1.1 A nasalidade em Saussure e em Camara Jr.

Saussure trata da nasalidade em meio às discussões fonológicas acerca do fonema, de seu funcionamento e da classificação dos sons com base na articulação da boca. Na definição do aparelho fonador, ele apresenta a cavidade nasal com uma das quatro partes do aparelho fonador e diz que ela “é um órgão completamente imóvel... é uma porta aberta ou fechada” pela úvula que é a responsável pela liberação da passagem de ar por essa cavidade. Como já mencionamos, o canal nasal serve apenas de ressoador, não exerce nenhuma função como produtor de som (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 53).

Os fonemas nasais para Saussure (2006 [1916]) são /m/, /n/, /ɲ/ e quando produzidos com o fechamento completo da boca são oclusivos. A abertura que ocorre na produção desses sons é uma abertura “superior” produzida pelo canal nasal. Os fonemas nasais, em algumas línguas, inclusive no português, são sonoros. Em relação aos fonemas vocálicos, o autor se utiliza do termo nasalizado e afirma que todos eles têm formas nasalizadas e que eles são frequentes nas línguas, como “no francês: *pin, pont, brun*” (2006: [1916], p. 60).

Camara Jr. (2008) declara que os estudos gramaticais tratam apenas da nasalidade dos fonemas vocálicos como sendo a ressonância nasal propriedade desses fonemas. Em sua tese de doutoramento, ele também assegura que essa é a opinião de Oiticica (1916). Por meio de observações puramente fonéticas, essa teoria foi questionada, pois estudiosos como

Gonçalves Viana (1892) e Nobiling (1904) atestam a existência de um fonema consonântico nasal de travamento em sílaba medial ou inicial antes de consoante plosiva na sílaba subsequente (CAMARA JR., 2008).

O fonema consonântico nasal de travamento, considerado um *glide*, possuidor de um som de transição, é desconsiderado nas línguas em que a ressonância nasal do fonema vocálico é bem mais intensa. Camara Jr. (2008, p. 67) assegura que “o sentimento linguístico fixou-se na nasalidade da vogal, e é naturalmente levado a nem sequer perceber o som de transição consonântico, desprovido nestas condições de valor distintivo”. Por fim, o estudioso afirma que “a nasalidade já pode ser considerada em si mesma um fonema consonântico, desde que estabeleça o travamento da sílaba nos moldes de vogal mais consoante” (CAMARA JR., 2008, p. 68). Considerada um fonema consonântico, a nasalidade é representada pelo arquifonema nasal /N/. O linguista brasileiro reafirma isso também na análise de rimas feitas entre palavras com fonema vocálico oral e com fonema vocálico nasal. Uma rima como “fundo: tudo” de Alberto Caeiro, analisadas por Celso Cunha, é considerada imperfeita, pois “a nasalidade deve ser considerada um verdadeiro elemento consonântico, a divergência entre *fundo* e *tudo* passa a ser decorrente apenas da presença naquela palavra, e ausência nesta, de um fonema nasal adjunto à vogal tônica” (CAMARA JR., 2008, p. 111).

A concepção de nasalidade da língua portuguesa apresentada por Camara Jr. (1970) se contrapõe à apresentada pelos dicionários de Crystal (2000) e Dubois (1973), citados anteriormente. O linguista brasileiro acrescenta que “é preferível suprimir a consideração das vogais nasais portuguesas como fonemas distintos, resolvendo-as num grupo de vogal seguida de arquifonema nasal” (CAMARA JR., 2008, p. 69).

Camara Jr. (2008) declara que há dois tipos de nasalização dos fonemas vocálicos nas línguas do mundo, um que é o fonema vocálico nasal puro e o outro o fonema vocálico nasalizado, conforme discorreremos a seguir.

- 1) Fonema vocálico nasal puro: o fonema vocálico é nasal, por excelência, e não depende de outro elemento para nasalizar-se. Conforme Camara Jr. (2008), esse tipo de fonema ocorre no francês em que há distinção entre fonema vocálico nasal e fonema vocálico mais fonema consonântico nasal, como no exemplo “/bõ/ (masc. *bom*) - /bom/ (fem. *bonne*)” (CAMARA JR., 2008, p. 68).
- 2) Fonema vocálico nasalizado: esse tipo de fonema torna-se nasalizado pela ressonância nasal de um fonema consonântico nasal que está anterior ou posterior a ele, na mesma

sílaba ou em uma sílaba diferente. Esse processo subdivide-se em duas classificações, fonológica e por assimilação:

a) Nasalização fonológica (intra-silábica): é o resultado da junção do fonema vocálico mais o elemento consonântico nasal que estão na mesma sílaba, como em *tampa* [tã:pə], *manta* [mã:tə], *canga* [kã:gə], em que o *a* da sílaba inicial de cada palavra nasaliza-se fonologicamente por influência do fonema consonântico nasal que o sucede na mesma sílaba. Essa nasalização é chamada fonológica porque ocorre na sílaba, ou seja, o fonema nasalizado está na mesma sílaba do fonema nasalizador, e distingue formas como *tampa* [tã:pə] e *tapa* [ta:pə], *manta* [mã:tə] e *mata* [ma:tə].

b) Nasalização por assimilação (intersilábica): ao contrário da nasalização fonológica, esse tipo não distingue formas e ultrapassa as fronteiras silábicas; é, portanto, intersilábica. Ela é registrada em palavras como *cana* [kã:nə], *fama* [fã:mə] e *banha* [bã:ɲə], em que o *a* da sílaba inicial de cada palavra é nasalizado por um processo de assimilação da nasalidade da consoante subsequente. O abaixamento do véu palatino é antecipado para pronunciar o fonema consonântico nasal e nasaliza o fonema vocálico da sílaba anterior.

Para este trabalho, adotamos o segundo tipo de nasalização apresentado por Camara Jr. (1970) que é o fonema vocálico nasalizado, pois como o linguista brasileiro, acreditamos que no português não há fonema vocálico nasal puro. Classificamos os fonemas vocálicos dos dados como nasalizados por nasalização fonológica e por assimilação, conforme os ambientes nos quais eles se encontram.

3.3.2 Abordagem gerativista da nasalidade

O gerativismo, como mostram Moraes e Wetzels (1992), engloba tanto a representação bifonêmica quanto a representação monofonêmica da nasalidade. Esta, apresentada por Leite (1974), “considera a vogal nasal presente na representação de base, na matriz fonológica” (LEITE, 1974 *apud* MORAES E WETZELS, 1992, P. 154). Moraes e Wetzels (1992) citam Mira Mateus (1975) e Almeida (1977) entre outros, os quais apresentam a visão bifonêmica da nasalidade dos fonemas vocálicos, em que o fonema vocálico nasal é o resultado de uma regra fonológica aplicada a um fonema vocálico oral seguido de fonema consonântico nasal na estrutura subjacente. Wetzels (1992) ainda se vale do estudo de Parkinson (1983) que traz uma ideia diferente sobre a nasalidade. No referido estudo, é conferido “às vogais nasais o *status* de ditongos, isto é, considera-as bifonêmicas, construídas,

entretanto, de uma sequência de V oral + V nasal (e não V + C nasal)” (MORAES E WETZELS, 1992, p. 154).

Callou e Leite (2005) declaram que a Fonologia Gerativa entende o fonema vocálico nasal da língua portuguesa como uma entidade fonética formada a partir de regras de nasalização que são pautadas na presença de um fonema consonântico nasal junto ao fonema vocálico que se nasaliza. Schane (1975), nessa mesma linha de pensamento, ratifica que um traço secundário comum aos fonemas vocálicos é a nasalização e que qualquer um desses fonemas pode ser nasalizado por um processo denominado nasalização alofônica, pois nesse caso, o fonema vocálico está junto a um fonema consonântico nasal, como podemos observar no inglês *can* e no português *bem*.

Autores como Lopez (1979) *apud* MONARETTO et. al. (2005, p. 212) divergem das abordagens estruturalistas no que diz respeito à existência do arquifonema nasal /N/. Lopez (1979) “argumenta que, nessa posição, os fonemas são especificados como coronais, pois alternam com /r/, /l/, /n/ e /z/ em posição intervocálica: <mar> - <marear>, <anel> - <anelar>, <fim> - <finar>, <voz> - <vozear>”.

Em relação aos fonemas consonânticos nasais no paradigma gerativo, Schane (1975) pontua que assim como os oclusivos, os fonemas consonânticos nasais são realizados com oclusão e com o abaixamento do véu palatino, o que ocasiona a liberação do ar pela cavidade nasal. Eles são, provavelmente, reconhecidos dessa forma em todo o mundo. Na teoria gerativa, os traços de nasalidade dos segmentos vocálicos e consonânticos são marcados como [+ nasal] e [-nasal], assim como todos os outros traços distintivos.

As concepções monofonêmica e bifonêmica de nasalidade dos fonemas vocálicos discutidas pelos gerativistas contemplam tranquilamente a nasalidade fonológica apresentada por Camara Jr. (1970), mas pouco se referem à nasalidade por assimilação. Moraes e Wetzels (1992, p. 154) afirmam que os gerativistas que trabalham com a visão bifonêmica, tais como “Perini (1971), Saciuk, (1970), Brasington (1971), Almeida (1976), Quicoli (1990)” tratam os dois tipos de nasalizações dos fonemas vocálicos em português como o resultado da aplicação de uma mesma regra fonológica.

Ao defender que a nasalização dos fonemas vocálicos resulta da aplicação de regras diferentes, Moraes e Wetzels (1992, p. 154) discordam da corrente gerativista e declara que a aplicação da regra fonológica na nasalidade fonêmica contrastiva é categórica, enquanto a “nasalidade alofônica parece ser resultante da aplicação de uma regra variável, sensível a fatores como a posição do acento, a natureza da consoante nasal e o dialeto”.

Podemos perceber esse fenômeno na nasalização do *a* de *anita* [ã¹ni:tã] em que no Nordeste brasileiro é nasalizado enquanto nas outras regiões nem sempre o é. Isso ocorre também com palavras como *caminha* do verbo *caminhar* e *caminha* diminutivo do substantivo *cama*, em que dependendo da comunidade de fala, teremos [kɐ¹mĩ:nã] ou [kã¹mĩ:nã] para os dois vocábulos. Apesar de apontada por Moraes e Wetzels (1992), a questão dialetal como explicação para as ocorrências de nasalidade na comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras não será adotada, pois não dispomos de dados e nem de pesquisa suficientes sobre a nasalidade em outros dialetos do Brasil para podermos fazer alguma assertiva a respeito.

A respeito da nasalização dos fonemas vocálicos, Moraes e Wetzels (1992) defendem que esses fonemas quando tônicos são mais sensíveis à nasalização e que o processo de nasalização alofônica ocorre na posição acentuada ou em pretônicas oriundas de tônicas. A nasalização nas demais pretônicas é praticamente inexistente. Ele acrescenta que nos proparoxítonos é observado um espraçamento regressivo da nasalidade do fonema vocálico átono final para o átono medial e mostra isso em: “diáfano [di¹afãnu], átona [atõna]”. O autor conclui que “o domínio no qual se realiza a regra de nasalização alofônica é o pé mais forte do vocábulo, isto é, o pé que contém a sílaba do acento primário, enquanto que no caso da nasalização contrastiva, a vogal se nasaliza em qualquer posição da palavra” (MORAES E WETZELS, 1992, p. 155).

A nasalização alofônica ocorrida com o espraçamento regressivo do fonema nasal palatal /ɲ/ é mais frequente que a provocada pelo fonema bilabial /m/ e pelo labiodental /n/, como em “cunhado” e “cúmulo”. Moraes e Wetzels (1992) reforça esse posicionamento ao declarar que a nasalização alofônica é bastante condicionada por questões regionais.

A fala dos informantes de Fortaleza dos Nogueiras mostra esse tipo de nasalização alofônica em *cūma* < *cōmo*, *vīmu* < *vīmos* e *cūiece* < *cōnece*, *zifirīnu* < *zifirīno*. Porém, apesar das afirmações de Wetzels, não defendemos que este seja um fenômeno restrito a essa comunidade de fala ou à região Nordeste (Maranhão), pois, como já mencionamos, não dispomos de pesquisa suficiente para categorizá-lo como regional.

3.4 NASALIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Camara Jr. (1970) declara que a língua portuguesa se diferencia das demais línguas românicas pela frequente emissão de fonemas vocálicos nasalizados. Ele confirma que o mesmo ocorre no francês, porém, diferentemente do português porque a nasalidade dos fonemas franceses se realiza em diferentes condições fonológicas em relação à língua portuguesa. As divergências nos sons nasais são marcantes e se diferem conforme a língua.

A nasalidade no Português Brasileiro, como mostra Cagliari (2007), ocorre nos monotongos, em sílabas tônicas e em sílabas átonas, como em *fanta* [ˈfã̃:ɸ̃ə], *interesse* [ĩteˈre:sĩ], *bem* [ˈbẽ̃:ʝ]; nos ditongos que são nasalizados como em *quanto* [ˈkwã̃:ɸ̃u], *cão* [ˈkã̃:w̃]; e em tritongos, estes com produtividade reduzida, como em “*saguão*” [sɛˈgũ̃:w̃]. Com base nessas ocorrências, o autor apresenta os fonemas vocálicos da língua portuguesa como nasalizados e os sons realmente nasais são os fonemas consonânticos bilabial /m/, dental /n/, palatal /ɲ/.

Os fonemas consonânticos nasais podem ocorrer em várias posições: no início de sílaba, em posição de ataque, como em *mata*, *nata*, “*nhô*”, *sina*, *fama*, *banho*; no final de sílaba, na coda, ocasionando travamento, ocorrem a bilabial e a dental, como em *também*, *santo*, *vem*, *dente*.

Os fonemas consonânticos nasais espriam sua ressonância nasal aos sons vocálicos que estão anterior e posterior a eles, nasalizando-os. O fenômeno resultante desse espriamento é denominado de nasalização progressiva e nasalização regressiva. O espriamento progressivo ou regressivo da ressonância nasal acontece porque a nasalidade não atinge somente um segmento num contínuo sonoro, ela se estende por toda a sílaba, pois como postularam Callou e Leite (2005) o abaixamento do véu palatino e a abertura da corrente nasal, presentes no processo de produção dos sons nasais ou nasalizados, não se dão em perfeita harmonia com o levantamento do véu palatino e o fechamento da cavidade nasofaríngea, próprios da produção dos sons orais. Com a extensão da nasalidade por toda a sílaba, tem-se a nasalidade regressiva, a qual atinge os segmentos precedentes ao fonema consonântico nasal, chamada pelas autoras de nasalização retroativa. Esse fenômeno é percebido em *fama* [ˈfã̃:mə], *alguma* [awˈgũ̃:mə], *cana* [ˈkã̃:ɸ̃ə], *prãmim* [prã̃mĩ].

A nasalidade regressiva ou retroativa foi postulada desde Nunes (1989), Camara Jr. (1970) até os mais recentes autores de linguística histórica, de Fonética e de Fonologia

como Callou e Leite (2005). Conforme Nunes (1989), ela ascende ao próprio latim e no português ela é característica, principalmente, da linguagem popular. Atualmente, esse tipo de nasalização é comum em todas as modalidades da língua e atinge não somente as sílabas tônicas, mas as pretônicas imediatas e não imediatas, como em: *comunidade* > *comūnidadi* [qõmūni'd̃a:d̃i], *anemia* > *ānemia* [ãnẽ'mi:ə], *menino* > *mīnīnū* [mīnīnū], *entendimento* > *intind̃imentu* [it̃id̃ĩ'mẽ:tu].

A nasalidade progressiva é realizada quando o abaixamento do véu palatino se estende além da produção dos sons consonânticos nasais e faz recair sobre o fonema vocálico uma ressonância nasal. Williams (1994) comenta a nasalidade progressiva ao afirmar que no século X, com a queda do fonema consonântico nasal intervocálico, o segmento vocálico anterior a ele caiu, porém, a ressonância nasal persistiu e fez com que houvesse a nasalização do segmento vocálico posterior: *hōmīnes* > *homens*. Camara Jr. (2008) cita esse tipo de nasalidade em sua tese de doutoramento ao comentar que os grupos /pl/ e /cl/ foram impedidos de tornarem-se intervocálicos pela conservação da nasalidade que os precedia. Então, de *amplu* e *macla* tem-se *ancho* e *mancha*, respectivamente. Ferreira Netto (2001) mostra a nasalidade progressiva na passagem do latim ao português em que o grupo *n + i* deu origem ao fonema nasal palatal /ɲ/. Primeiro o *n* nasalizou progressivamente o *i* e depois caiu. Por fim, criou-se o fonema palatal /ɲ/: *arania* > *aranīa* > *arāia* > *aranha*. Castro (2008, p. 105) comenta que a nasalização progressiva é menos comum, “mas não deve ser ignorada a nasalização resultante da relação de proximidade imediata da vogal imediatamente posterior a um fonema nasal, como em *bem ali* > *bẽāli*”. No *Corpus* analisado neste trabalho, além da ocorrência desse exemplo de nasalização progressiva, há outros que ocorrem em palavras gramaticais e em palavras fonológicas, como em *bem aqui* > *bẽāqui* e *mūitu* > *muito*. Nesses exemplos, a nasalidade do fonema bilabial estende-se a *aqui* e ao ditongo *ũi*. No primeiro caso, a nasalidade é espriada a partir de um fonema que está em uma palavra diferente da palavra que tem o fonema vocálico nasalizado. No segundo caso, o elemento nasalizado está na mesma sílaba do elemento nasalizador. O véu palatino já se encontra abaixado pela produção do fonema bilabial e permanece nessa posição na pronúncia dos fonemas subsequentes.

Existe na língua portuguesa a nasalidade fonológica, conforme o estruturalista Camara Jr. (1970), ou nasalidade contrastiva dos gerativistas, como em *campa*, *manta* e *manga* em oposição a *capa*, *mata* e *maga*. Na concepção estruturalista de Camara Jr. (1970),

o fonema vocálico, nesses vocábulos, é nasalizado pela presença dos fonemas nasais /m/ e /n/ que neutralizam seus modos de articulação e tornam-se homorgânicos aos fonemas consonânticos subsequentes, ficando bilabial, dental e velar, respectivamente. A representação deles é feita pelo arquifonema nasal /N/. Na concepção gerativista de Wetzels (1992), o fonema vocálico nasal das palavras citadas é o resultado de uma derivação fonológica do fonema consonântico nasal na estrutura subjacente; eles são o resultado da junção do fonema vocálico oral mais o elemento consonântico nasal.

C

$$V \rightarrow [+ \text{nasal}] / ___ [+ \text{nasal}]$$

Há muita produtividade também da nasalidade por assimilação, como nomeia o estruturalista Camara Jr. (1970), ou a nasalidade alofônica como defendem os gerativistas. Percebemos esse fenômeno em *banha*, *lenha*, *sino*, *luma*, *soma*, em que, conforme as duas correntes aqui estudadas, o fonema vocálico das primeiras sílabas de cada palavra nasaliza-se pelo espriamento da nasalidade do fonema consonântico nasal da sílaba seguinte. Os caracteres físicos para a produção dos sons nasais são antecipados e nasalizam os fonemas consonânticos. Para Camara Jr. (1970), a nasalidade por assimilação não distingue formas, isto é, não estabelece oposição com uma forma oral, como o faz a nasalidade fonológica de *tampa* e *tapa*; portanto, ela não tem valor fonológico.

Além do espriamento regressivo da nasalidade de um fonema consonântico nasal a um fonema vocálico anterior, há o espriamento progressivo a um fonema vocálico posterior ao elemento nasalizador. Os estruturalistas definem a nasalidade que ocorre pelo espriamento regressivo da ressonância de um fonema consonântico nasal a um fonema vocálico de uma sílaba diferente como “nasalidade por assimilação”. Os gerativistas a definem como “nasalidade alofônica” – a nasalidade que ocorre com o fonema consonântico nasal no travamento de sílaba é chamada de “nasalidade fonológica” pelos estruturalistas e “nasalidade contrastiva” pelos gerativistas. Isso nos leva a questionar sobre o que dizer, entretanto, da nasalidade progressiva que ocorre com fonema consonântico nasal que está no ataque da sílaba do fonema vocálico nasalizado, como em *ũa* > *uma*, *mĩnĩnũ* > *menino*, *fĩã* > *tinha*.

Ao considerar que esse tipo de nasalização não estabelece distinção como estabelece a nasalização fonológica (*manta/mata*), que não há um arquifonema nasal travando sílaba, adotamos, neste trabalho, esse tipo de nasalização na classificação dos estruturalistas

(CAMARA JR., 1970) de nasalidade por assimilação, que corresponde à classificação dos gerativistas (MORAES E WETZELS, 1992) de nasalidade alofônica. Justificamos ainda que, apesar de ocorrer na mesma sílaba, esse tipo de nasalidade não tem as características da nasalidade fonológica ou contrastiva, pois ela não tem um arquifonema nasal no travamento da sílaba.

Classificamos também a nasalidade progressiva dos hiatos em *bem aculá* > *bẽãcula*, *bem aqui* > *bẽãqui*, *bem alí* > *bẽãlí* e *bem aí* > *bẽãí* da mesma forma, pois elas não possuem as características de uma nasalidade fonológica.

Apresentamos abaixo alguns exemplos de nasalidade por assimilação/alofônica, retirados do *corpus* analisado:

nẽũã	[nẽ'ũ:ã]	nenhuma
ãnũ	[ã'nũ:]	ano
tĩã	[t'ĩ:ã]	tinha
lĩã	[l'ĩ:ã]	linha
bẽãqui	[bẽã'ci:]	bem aqui
bẽãculá	[bẽãqu'la:]	bem aculá

Todas essas nasalizações ocorrem com espraçamento da ressonância nasal de um fonema consonântico que se espraia progressiva e/ou regressivamente. Ela acontece em sílabas pretônicas, tônicas e postônicas e, no último exemplo, ela ocorre na sílaba pretônica não imediata.

Neste trabalho empregamos a classificação dos estruturalistas (Camara Jr., 1970) para nos referirmos às nasalizações dos fonemas vocálicos, que são nasalização fonológica e nasalização por assimilação.

3.5 NASALIDADE NA SÍLABA

Saussure (2006 [1916]), para apresentar a sílaba em sua obra, faz uma crítica à Fonologia da época, visto que essa ciência trabalha apenas com os sons da linguagem, deixando de lado as “extensões dos sons falados”, ou seja, as relações existentes entre os sons.

Para mostrar a importância da sílaba no estudo fonológico, ele afirma que antes da formação do sistema alfabético foram registradas, nas escritas primitivas, unidades silábicas.

A relação entre os fonemas e a interdependência estabelecida entre eles na cadeia falada é que dá suporte para os estudos da ciência dos sons, pois de nada adianta uma mudança ocorrida, ao longo do tempo, em um fonema isolado. Por isso, o autor afirma que, ao lado da Fonologia das espécies, há espaço para uma ciência que se preocupe com “os grupos binários e com as sequências de fonemas”, uma Fonologia que considere os grupos de sons como “equações algébricas”, denominada Fonologia dos grupos ou combinatória, que vai lidar com as possibilidades de combinações entre os fonemas, ou seja, com a sílaba (SAUSSURE, 2006 [1916]).

Saussure (2006 [1916]), a partir da conceituação do físico alemão Bruke de “sílaba sonora”¹⁶, elabora um esquema de análise silábica com base na abertura e no fechamento da boca. O lingüista genebrino observa as fronteiras e os fonemas constituintes da sílaba e classifica-os como implosivos e/ou explosivos. Ele, com a intenção de definir a fronteira silábica, parte do ponto de vista acústico para o articulatório em que a sílaba é observada em seu aspecto motor (CAMARA JR., 1977).

Como a maioria dos conceitos saussurianos, a sílaba é estudada como uma emissão binária, pois nela há uma abertura seguida sempre de um fechamento. A abertura é chamada de explosão e o fechamento, de implosão. As explosões são, em sua maioria, sons consonantais, enquanto as implosões são realizadas na produção dos sons soantes (fonemas vocálicos, líquidos e nasais). Porém, conforme o linguista genebrino, qualquer fonema pode ser explosivo ou implosivo, dependendo de sua posição na sílaba. Toda sílaba começa com uma explosão e termina com uma implosão. Todo fonema pronunciado na fala ocorre com uma explosão e uma implosão, pois, conforme o autor, toda abertura deve ser precedida de um fechamento (Saussure, 2006 [1916]).

A passagem de uma implosão a uma explosão “(> | <)” produz “um efeito particular, que é o índice da *fronteira silábica*”¹⁷. Esse resultado, segundo o pesquisador suíço, dá autonomia à existência do grupo “implosivo-explosivo” na ordem fonológica.

A primeira vogal de uma estrutura silábica, ou seja, o som em que ocorre a primeira implosão na sílaba é chamado de “*ponto vocálico*”. Este também é chamado de “*soante*”, sendo denominados “*consoantes*” os sons antecessores ou sucessores na mesma

¹⁶ Produção de dois sons vocais sem interrupção de um som mais fraco (DIETH, 1950 apud CAMARA JR., 1977, p. 70).

¹⁷ *Grifo* do autor.

sílaba. As soantes e as consoantes exercem funções diferentes nas sílabas e, com base nas análises feitas, o linguista genebrino afirma que “as soantes são sempre implosivas e as consoantes ora implosivas ora explosivas”. Com isso, ele acentua a diferença entre estas duas categorias de fonemas. Em relação às vogais, ele declara que “*e, o, a* são regularmente soantes... acham-se sempre no início de um elo implosivo” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 71).

Saussure (2006 [1916]) apresenta críticas às teorias de silabação e mostra algumas explicações de diversos autores para a razão de ser da percepção da sílaba pelo ouvinte na cadeia da fala e também da existência de uma soante em toda sílaba. Ele finaliza suas considerações ao afirmar que “a fonação supõe uma sucessão de implosões e explosões, e tal é a condição fundamental da silabação” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 73).

Camara Jr. (1977) define a sílaba com base nos estudos de Stetson (1949 *apud* CAMARA JR., 1977) que afirma que a sílaba é uma articulação que envolve os fonemas. O linguista brasileiro declara que, ao contrário do que pensavam, as “unidades espontâneas da série fônica não são os fonemas, mas as sílabas”. Na sílaba, unidade superior, que os fonemas se combinam e funcionam na enunciação linguística (CAMARA JR., 1977, p. 68).

O linguista brasileiro diz que o estudo físico-articulatório dessa unidade fônica é muito complexo e que o importante linguisticamente é analisá-la funcionalmente. Então, ele mostra na sílaba três fases, uma “crescente”, outra “um momento de plenitude” e por fim uma “decrecente”. Então, uma sílaba completa é formada por aclave, ápice e declive. O ápice é sempre um fonema vocálico (silábico) e corresponde ao elemento essencial da unidade sonora. Os outros fonemas, que podem ou não aparecer na sílaba, são chamados, pelo autor, de assilábicos.

Camara Jr. (1970) apresenta as seguintes estruturas silábicas, as quais são chamadas de sílaba simples, formada por apenas um fonema vocálico (V); sílaba complexa aberta, formada por fonema consonântico e vocálico (CV) e complexa fechada, composta por fonema vocálico e consonântico (VC); e sílaba completa, a qual possui aclave, ápice e declive, ou seja, fonema consonântico, vocálico e consonântico (CVC). Temos então, como exemplos: sílaba simples (V): *é, a-ta*; complexa aberta: *a-ta*, complexa fechada: *ar*; e a sílaba completa: *mar, pas-ta*.

Outra teoria silábica importante é a apresentada por autores do gerativismo. Conforme Collischonn (2005) há duas teorias a respeito da estrutura interna da sílaba, a teoria autossegmental e a teoria métrica. Esta, apresenta a sílaba constituída por um ataque (*onset*) e uma rima (*rhyme*); a rima é formada por núcleo (*peak*) e coda (*coda*), “conforme Selkirk

(1982), baseando-se em propostas feitas anteriormente por Pike e Pike¹⁸ (1974), Fudge¹⁹ (1969)” (COLLISCHONN, 2005, p. 102).

Nessa teoria, os elementos constituintes da sílaba têm uma relação interna de subordinação. A subordinação está baseada no *status forte* (strong) e *fraco* (weak) de um constituinte silábico em relação ao outro. O relacionamento entre o núcleo e a coda é mais estreito que entre o núcleo e o ataque. Com base nessa noção de sílaba é que podemos analisar as alterações que ocorrem nas fronteiras silábicas e nas fronteiras de palavras, em que na realização das sequências vocálicas, pode haver redução, harmonia, fenômenos de sândi, entre outros, influenciados por essa estrutura W (*weak*) e S (*strong*), como também pelo acento principal da palavra fonológica.

A teoria autossegmental, proposta por Kahn²⁰ (1976), apresenta a sílaba como uma unidade formada por camadas independentes que “estão ligadas diretamente aos segmentos” (COLLISCHONN, 2005, p. 102). Essa teoria foi, conforme essa autora, proposta por Kahn (1976) e defendida por Clements & Keyser²¹ (1983) e Nespor & Vogel²² (1986) e prevê um relacionamento igual entre os constituintes silábicos.

Neste trabalho, optamos pela teoria silábica da Fonologia Métrica, visto que esta nos dá mais suporte para a análise do espriamento da nasalidade por considerar mais estreita a relação entre o núcleo e a coda silábicos. Faz-se necessário esclarecer que não fazemos uso dessa teoria na análise, apenas nos utilizamos dos termos teóricos e da concepção de estrutura silábica por ela apresentada para analisarmos os segmentos nasais na comunidade de fala fortanogueirense.

¹⁸ PIKE, K.; PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. *International Journal of Applied Linguistics*, n. 13, p. 78-91, 1947.

¹⁹ FUDGE, E. Syllables. *Journal of Linguistics*, Cambridge, UK, n. 5, p. 254-287, 1969.

²⁰ KAHN, D. *Syllable – based generalizations in English Phonology*. Tese (Doutorado PhD) – Cambridge, Mass: MIT, 1976.

²¹ CLEMENTS, G. N; KEYSER, S. J. CV Phonology: a generative theory of the syllable. *Linguistics Inquiry Monograph*, Cambridge, Mass.: MIT Press, n. 9, 1983.

²² NESPOR, M; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

CAPÍTULO 4

OS SEGMENTOS NASAIS NA COMUNIDADE DE FALA PESQUISADA

A análise de dados que apresentamos, nesse capítulo tem como objetivo mostrar a influência dos fatores intralinguísticos na realização dos fonemas nasais e nasalizados ocorridos no *corpus* e quais regras fonológicas se aplicam a essas realizações. A análise divide-se em três partes:

- 1) A análise do espriamento progressivo e regressivo da ressonância nasal realiza-se com base nos seguintes parâmetros estruturais: ambiente fonético fonológico, estrutura silábica, fronteiras de palavras e palavra fonológica e gramatical, que dão suporte para a compreensão de como e por que alguns fenômenos nasais acontecem. Após essa análise, realizamos o cruzamento de dados históricos com alguns dados de fala do *corpus*, com destaque para o que há de inovação e de conservação, quais os traços que se preservaram, quais os que se transformaram em relação aos fonemas nasais e nasalizados nessa comunidade de fala.
- 2) Análise da nasalidade, no aumentativo e no diminutivo, com destaque para a grande produtividade do fenômeno de espriamento nas palavras formadas com os sufixos indicadores de grau. Esse estudo também se utiliza dos parâmetros estruturais ambiente fonético-fonológico, tonicidade e estrutura silábica.
- 3) Apresentação das regras fonológicas pelas quais se realizam a nasalização progressiva e regressiva, com base no modelo de traços de Chomsky e Halle (1968).

4.1 ANÁLISE DO ESPRAIAMENTO PROGRESSIVO E REGRESSIVO DA NASALIDADE

Para a análise da nasalização progressiva e regressiva são utilizados os parâmetros estruturais apresentados anteriormente. Com relação à sílaba, a teoria adotada é a da

classificação gerativista dos elementos silábicos em que a sílaba é constituída de ataque e rima. Esta, por sua vez, constitui-se de núcleo e de coda.

A presença da nasalidade em fonemas consonânticos e vocálicos, no *corpus* analisado, é registrada tanto no ataque quanto na rima, no núcleo e na coda. A nasalidade no núcleo pode ser representada pela nasalização por assimilação, quando o elemento nasalizador preserva seu valor consonantal, como em *anemia* > *ãnemia*; *município* > *mũnicipi*; e quando o fonema consonântico nasal perde seu valor consonântico e representa apenas a ressonância nasal que recai sobre o fonema vocálico, como em *uma* > *ũã*; *tinha* > *tĩã*; e também em nasalizações fonológicas com o fonema nasal travando sílaba, como em *canta*, *entendimento*. A concepção de nasalidade e de nasalização adotada neste trabalho é baseada na visão estruturalista apresentada por Camara Jr. (1970), que mostra a nasalidade como um fonema consonântico e que a nasalização acontece nos fonemas vocálicos, como resultado da junção de um fonema vocálico oral mais o arquifonema nasal /N/.

Nessa análise, consideramos o arquifonema nasal presente na nasalidade fonológica, pois nesse caso, a regra de aplicação da nasalidade é previsível, ou seja, a sílaba travada pelo fonema nasal terá sempre o núcleo nasalizado pela ressonância nasal do arquifonema, como em *tampa*, *canta*, *sempre*. Quanto à nasalização por assimilação, adotamos a assertiva de Camara Jr. (1970) acerca da nasalização dos fonemas vocálicos na língua portuguesa. Observamos, porém, que o fonema vocálico, nasalizado por assimilação resulta da junção de fonema vocálico oral mais elemento consonântico nasal, porém, não consideramos que o elemento nasal, nesse caso específico de nasalização, seja um arquifonema, pelos seguintes motivos:

- i) Na nasalização por assimilação não há travamento de sílaba, ou seja, a sílaba em que o fonema vocálico é nasalizado é uma sílaba livre. O fonema nasal só é representado por um arquifonema quando ele está travando uma sílaba;
- ii) O fonema nasal que nasaliza, por assimilação, o fonema vocálico oral, está em posição de ataque (*onset*) da sílaba seguinte na nasalização regressiva ou na mesma sílaba no caso da nasalidade progressiva, portanto, não pode ser considerado arquifonema.

Por conseguinte, na nasalização por assimilação, há o espraiamento do traço nasal ao fonema vocálico da sílaba anterior que copia o traço que a ele é espraiado e nasaliza-se. Essa ressonância nasal do fonema consonântico nasal, em posição de ataque, espraiase aos

fonemas vocálicos que a ele estão próximos e o fenômeno acontece tanto regressiva quanto progressivamente, contaminando não só as sílabas tônicas, pretônicas e postônicas, mas as demais átonas. A aplicação da regra de nasalização no processo de espraio por assimilação não é previsível, pois há comunidades de fala da língua portuguesa que não realizam esse fenômeno em alguns ambientes, o que justifica nossa escolha desse tipo de nasalização para a análise deste trabalho.

A análise do espraio progressivo e regressivo do fenômeno nasal baseia-se nas características físico-articulatórias da produção do fonema nasal, em que ocorre a antecipação ou alongamento da posição abaixada do véu palatino e a liberação da corrente de ar pelas fossas nasais. Faz-se necessário ressaltar que esse processo aerodinâmico de antecipação e alongamento da posição do véu palatino para a produção do som nasal acontece em uma mesma palavra, o que nos permite afirmar que em uma só palavra ocorre a nasalização progressiva e regressiva, como registrado em *linha > ãa; de uma > duma > dũa*.

Como a aplicação da regra da nasalização fonológica é previsível, e esse é um fenômeno realizado por todo falante de língua portuguesa, ele não será o objeto principal de análise neste trabalho.

4.1.1 Espraio progressivo

Na comunidade de fala pesquisada, o espraio progressivo da nasalidade ocorre a partir dos fonemas consonânticos nasais /m/, /n/ e /ɲ/, muitas vezes, mesmo quando esses fonemas sofrem síncope e perdem seu valor consonantal.

Matzenauer (2005) aponta que Goldsmith²³ (1976), em suas experiências com línguas tonais, observou que quando um segmento se apaga, o tom que ele tem não se apaga, o que faz com que esse tom se espraie para outros segmentos da palavra. O mesmo acontece com a nasalidade no falar pesquisado e, ao que tudo indica, na língua portuguesa como um todo. Mostramos, anteriormente, que esse fenômeno também aconteceu no latim e na passagem do latim ao português. O fonema /n/ foi o que mais sofreu queda e nasalizou os fonemas vocálicos a ele adjungidos. Na comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras, o segmento que mais sofre a síncope é o /ɲ/, porém, os demais também sofrem síncope e nasalizam os fonemas vocálicos a eles adjungidos. O alongamento compensatório provocado

²³ GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass.: MIT, Press, 1976.

pela síncope recai sobre o fonema vocálico da sílaba tônica, mas mesmo assim o fonema da sílaba átona fica nasalizado.

Apresentamos, a seguir, o espraçamento da nasalidade de /m/, /n/ e /ɲ/ aos fonemas vocálicos anteriores e posteriores em palavras gramaticais e em palavras fonológicas.

4.1.1.1 Espraçamento progressivo a partir de /m/

Nesse item, analisamos o espraçamento da ressonância nasal de /m/ aos fonemas posteriores a ele. O que ocorre nesse espraçamento é que o aparelho fonador se prepara para a produção do fonema nasal e alonga-se até a produção do fonema posterior. São apresentados exemplos em que o fonema nasal perde seu valor consonântico e dados em que o valor consonantal desse fonema é preservado. Nesse processo, há uma espécie de “retorno” ao latim vulgar e ao português em seus primeiros estágios, pois os fenômenos se repetem.

Esse é um fenômeno bastante produtivo, pois está presente na fala de todos os informantes pesquisados. Algumas ocorrências são evidenciadas, nesse item e nos demais itens de análise, com a sentença na forma grafofônica e, em seguida, na forma ortográfica. Logo abaixo, o dado a ser analisado é transcrito fonográfica, fonética e ortograficamente:

(i)

- a. “Vinti i *ũã* carga *mãã* fia.”

“Vinte e *uma* carga minha filha” (IE).

ũã [ʼũ:õ] *uma*

- b. “Você pensa *nũã* pessoa...”

“Você pensa *em uma* pessoa...” (IC).

nũã [ʼnũ:õ] *numa > em uma*

- c. “A genti num vivi assim, *mũtu* precisadu, dividu u apusentu...”

“A gente não vive assim, *muito* precisado, devido o aposento (aposentadoria)...” (IE).

mũtu [ʼmũ:tu] *muito*

- d. “Já foi *mũitu!* Mai já tá pôcu... nu tempu que era *mũtu*, era pôca genti.”

“Já foi *muito!* Mas já está pouco... no tempo que era muito, era pouca gente” (IM).

mũjtu [ʼmũ:ĩtu] *muito*

- e. “Prantei *ũã* parte, rá tá nacida, rá tá até *mũ* isperançaosa”.

“Plantei uma parte, já está nascida, já está até *muito* esperançosa” (IM).

mũ [ˈmũ:] muito

f. “Foi té fácil... Nũ foi *mũ* dificiu nã... só qui é *mũ* dependiosu pra nós...”

“Foi até fácil... Não foi *muito* difícil não... só que é *muito* dispendioso para nós...” (IL).

mũ [ˈmũ:tu] muito

Nos dois primeiros itens de (i), acontece a síncope do fonema nasal /m/ e o abaixamento do véu palatino, que seria realizado na produção do fonema consonântico nasal, é utilizado na produção do vocábulo inteiro, pois a nasalidade de /m/ se espraia tanto progressivamente para /a/, quanto regressivamente para /u/. No caso de *nũã*, há o agrupamento da preposição *em* com o artigo indefinido *uma*, os quais formam a palavra fonológica *numa*.

Outros exemplos em que há a queda de /m/ e a nasalização progressiva dos fonemas vocálicos são variações formadas a partir do artigo indefinido *uma*, tais como *dũã* < *duma* < *de* + *uma*; *ũãs* < *umas*. Vale lembrar que mesmo se não ocorresse a síncope dessa bilabial, o espraçamento da nasalidade poderia acontecer.

A queda deste *m* intervocálico e a nasalização dos fonemas vocálicos anteriores e posteriores remontam ao latim vulgar, pois o *n* também caiu na passagem do latim ao português e a palavra *unam* passou a *hũa* e depois a *uma* em português. Entre o *u* tônico e o *a* final foi desenvolvido o fonema nasal labializado. Atualmente, essa nasal labializada cai e fica apenas como ressonância nasal, fenômeno similar ao que ocorreu nos primeiros estágios do português ou mesmo no próprio latim vulgar.

Praticamente todos os informantes se utilizam desse processo e em nenhum deles o *m* de *uma* tem valor consonântico.

A análise da nasalidade progressiva em palavras fonológicas será feita posteriormente; no entanto, a análise de palavras fonológicas formadas com o artigo indefinido *uma* foi apresentada nesse item porque a inserção de *m* na passagem do latim ao português só ocorreu nessa palavra e em seus derivados, conforme Williams (1994).

No (c.) de (i), a ressonância nasal espraia-se sem o apagamento do fonema consonântico nasal em *mũto*, com a monotongação do ditongo *ui* em *u*, que fica nasalizado. A nasalidade progressiva de *mũto*, que ocorre na sílaba tônica, vai além do simples espraçamento da nasalidade de /m/, porque na verdade esse vocábulo era *multus* em latim; *muyñ* no

português arcaico de 1189²⁴, encontrado em uma cantiga; *mui* e *muyto*²⁵ no português de 1316; é *muito* no português moderno; e *mũito*, *mũto* e *mũ*”, na fala dos informantes de Fortaleza dos Nogueiras. A partir desses dados, evidenciamos um resumo das transformações ocorridas com esse vocábulo:

Multus > *muyn* < *muyto* < *mui* < *muitu* < *mũitu* < *mũtu* < *mũ*

No item (c.) de (i), ocorre apenas a monotongação do ditongo *ũi* em *ũ*. Em (d.), o vocábulo não perde nenhum de seus segmentos e a nasalização do ditongo *ui* ocorre normalmente. Já em (e.) e (f.), há a queda da última sílaba do vocábulo e a nasalização progressiva de *u* que sofreu monotongação de *ui*. As variações *mũ*, em (e.) e (f.), realizam-se no *corpus* diante de adjetivos, que começam com /i/ e /d/, respectivamente.

A nasalização dos fonemas vocálicos causada pelos fonemas consonânticos nasais retoma o latim vulgar, como afirma Nunes (1989), pela observação da grafia de *muntu* feita em uma inscrição dos Pompeios. Esse exemplo também mostra que a variante *mũto* utilizada pelos falantes de Fortaleza dos Nogueiras já era registrada no latim vulgar, o que justifica um forte traço de conservação ou de uma mudança que retoma formas similares anteriormente utilizadas na mesma língua ou na língua de origem. Isso prova que, de fato, a nasalização não é um fenômeno do português moderno, tampouco moderno no português, como mostram os exemplos do latim e do português histórico citados na análise.

Em *muito* ocorre a conservação do que a palavra era no latim e no português arcaico. Do latim, por um processo de vocalização do *l* em *y*, o vocábulo de *multus* passa a *muyn*. O *n* de travamento do ditongo é um alongamento, ou seja, um espriamento da nasalidade de *m* que contamina o *y* e, nesse caso, é graficamente representado por *n*. Parece que o *muyn*, de 1189, e o *muyto*, de 1316, na verdade são variações de uma mesma forma como, *muyto* e *mui*, apresentados no texto de 1316 por Tarallo (1990). Quando há o encurtamento da palavra com a queda da sílaba final *to*, a nasalidade se reforça e é graficamente marcada com o *m*.

²⁴ *E, mia senhor, dês aquel di'aya! Me foi a mi muyn mal* (TARALLO, 1990, p. 121)

²⁵ *Ao muyto alto señor dom dominam Brancam presentata, cujus tenor talis est... Señor nos por boa parança e por onra de nos e do Moesterio de Lourão recebemos a mui noble Infante doña Brãca uossa filha* (TARALLO, 1990, p. 186)

O outro processo ocorrido foi a transformação de *y* em *i* que era muito comum na época. No português moderno, existe a monotongação do ditongo *ui* que passa a *u*. O espriamento da nasalidade de *m* continua ocorrendo como ocorrera no português arcaico.

Foram registradas outras variações desse vocábulo, pois existem falantes que se utilizam de *mũitu* e suas variações no plural e no feminino e há aqueles que usam *mũto* e suas variações no feminino e no plural. Porém, as maiores ocorrências são de *mũto*. Vale ressaltar também que um mesmo falante emprega uma ou mais variações.

Aiveiz podi até sê, marrele... ah, é *mũtu* longi... ... mais pra cá, tẽim *mũta* genti, *mũta*, *mũta*, *mũta*. Pra ondi nois fõ, tẽim genti.

Talvez pode até ser, mas ele... ah, é muito longe... mais para cá, tem muita gente, muita, muita, muita. Para onde nós formos, tem gente (IE).

Nãũ! Foi té fáciu... nũ foi *mũ* difficiu nãũ...

Eu gostu di morá aqui na Taboca... Agora, só qui é *mũ* dependiosu pra nós aqui porque falta... nu verãũ a falta di água...

Não! Foi até fácil... não foi muito difícil não...

Eu gosto de morar aqui na Taboca... agora, só que é muito dispendioso para nós aqui, porque falta... no verão a falta de água... (IL).

Purque tá tendu *mũta* facilidadi, as iscolas... tẽim *mũtas* iscolas públicas...

Porque está tendo muita facilidade, as escolas... têm muitas escolas públicas... (IP).

Mais avista a genti tê nascidu i si criadu aqui, aí eu nũ quiria mais saí. Marnũ é puque eu gostassi *mũitu* daqui nãũ.

Mas, em vista da gente ter nascido e se criado aqui, aí eu não queria mais sair. Mas não é porque gostasse muito daqui não (IR).

As ocorrências de *muito*, além de serem comparadas com os dados históricos do português, podem ser comparadas também com o espanhol, visto que esta também é uma língua neolatina. No espanhol, há duas variações para esse vocábulo que são usadas de acordo com o contexto de fala. Se empregada antes de adjetivo ou como uma expressão que indique intensidade, utiliza-se *muy*; se diante de substantivo, a variante é *mucho*: “Designar uma lengua, aunque sea metafóricamente, como instrumento llama la atención *muy* útilmente sobre aquello que distingue la lengua de *muchas* otras instituciones” (MARTINET, 1991, p. 17).

Assim como no espanhol, na comunidade de fala pesquisada, o emprego da variante *mũ* ocorre diante de adjetivos, acompanhado de ênfase na fala, pois ele é um advérbio de intensidade.

Segue abaixo um quadro ilustrativo das nasalizações progressivas a partir da consoante *m*, em que apresentamos os fonemas nasalizador e nasalizado, o ambiente de tonicidade (sílabas) no qual ocorre a nasalização e o fenômeno fonológico registrado.

Quadro 11: Nasalização progressiva a partir de /m/

Vocábulo	Fonema nasal	Fonema nasalizado	Ambiente de tonicidade da nasalização (sílabas)	Fenômeno registrado
ũa	/m/	/ĩ/	Postônica	Síncope
nũa	/m/	/ĩ/	Postônica	Síncope
mũitu	/m/	/ũ/, /ĩ/	Tônica	∅
mũtu	/m/	/ũ/	Tônica	∅
mũ	/m/	/ũ/	Tônica	∅

A nasalidade progressiva ocorre tanto na sílaba tônica como na sílaba postônica, com ou sem a presença de /m/. Quando ocorre a síncope, há um alongamento compensatório do fonema vocálico nasalizado e o fonema nasal subjacente representa apenas a ressonância nasal que recai sobre o nasalizado.

4.1.1.2 Espriamento progressivo a partir de /n/

A progressão da ressonância nasal causada por /n/ acontece quando há síncope. Porém, a queda desse fonema tem baixa produtividade no *corpus* analisado.

(ii)

a. “Marraqui, óia, du *Antõĩ* Raimundu pra cá. Cê viu lá ondi é u *Antõĩ* Raimundu?”

“Mas aqui, olhe, do Antonio Raimundo para cá. Você viu lá onde é o Antonio Raimundo?” (IF).

antõĩ [ã'tõĩ] antônio

No exemplo apresentado em (ii), além dos traços físico-articulatórios normais da produção do som nasalizado progressivamente, ocorre queda do ataque e do núcleo da sílaba -*nio*; permanece apenas a semivogal *ĩ*, nasalizada, que se junta à sílaba anterior e forma o ditongo decrescente nasal *õĩ*.

Duas hipóteses para a queda do fonema vocálico /o/ final desse vocábulo são apresentadas:

- 1) Se ocorrer a nasalização por espriamento progressivo, como é comum na região estudada, o fonema vocálico cai por dissimilação de dois sons seguidos, ou seja, de dois fonemas posteriores médio-altos nasalizados -*õĩõ*, o que resulta em -*õĩ*.

antonio > antõio > antõĩ

- 2) Se o fonema átono final permanecer oralizado, ocorre apócope, o que favorece a formação do ditongo decrescente final *-õĩ*.

antonio > antõio > antõĩ

Os grupos *n + ĩ* precedidos de um fonema vocálico, deram origem em português ao grupo nasal palatal *nh*, como em *seniõrem > senhor*. Porém, essa modificação não ocorreu na modalidade erudita *antõñium > antônio*; ela ocorre apenas na fala popular *antonho*. No português moderno, existe o mesmo processo no fenômeno de palatalização do *n* antes de *i*, e não só desse fonema nasal, mas também do lateral *l* em palavras como *família > família*, *lucélia > lucelha*, realizado em analogia a *partilha*, *cartilha*, conforme dados de Williams (1994, p. 91).

Os falantes pesquisados geralmente não pronunciam o /n/, eles reduzem a palavra e o fonema que tinha valor consonantal permanece apenas como ressonância nasal que recai sobre o ditongo final *-õĩ*.

Quadro 12: Nasalização progressiva a partir de /n/

Vocábulo	Fonema nasal	Fonema nasalizado	Ambiente de tonicidade da nasalização (sílabas)	Síncope
antõĩ	/n/	/ĩ/	Postônica	/n/

Não houve registros desse tipo de nasalização com a queda de /n/ em outros nomes.

4.1.1.3 Espriamento progressivo a partir de /j/

A nasalização progressiva a partir da palatal /j/ tem bastante produtividade e, na maioria dos casos, ela vem acompanhada da síncope da palatal.

(iii)

- a. “Você pensa nũa pessoa... nũ *fĩã mĩã* siora...”

“Você pensa em uma pessoa... não *tinha* minha senhora...” (IC).

fĩã [ʰfĩ:ã] *tinha*

mĩã [ʰmĩ:ã] *minha*

- b. “Só *galĩã* mermu.”

“Só *galinha* mesmo” (IG).

galĩã [gɐlĩã] *galinha*

- c. “Eli mi ajuda cum a *lẽã*, a botá água.”

“Ele me ajuda com a *lenha*, a botar água” (IG).

lẽã [lẽã] *lenha*

- d. “É. Carru di *lĩã*. Pagandu quinze reais.”

“É. Carro de *linha*. Pagando quinze reais” (IE).

lĩã [lĩã] *linha*

Em todos os dados de (iii), a nasalização progressiva atinge os fonemas vocálicos átonos da sílaba postônica, em que o fonema nasalizador estava em posição de ataque. Com a síncope, esse fonema passa a representar apenas a ressonância nasal, que se espria em direção aos dois lados, porém, com alongamento compensatório ao fonema da sílaba tônica.

As palavras *fĩã* e *mĩã* de (a.), provêm do latim *fīia* e *mīia*, respectivamente. No processo dinâmico da língua, primeiramente houve a fusão do *i* tônico como o *i* átono, em que a nasalidade do tônico permaneceu. Como havia nessas palavras um *n* subjacente antes do fonema tônico *i*, seguido de *a*, houve a palatalização desse *n* e o surgimento do grupo nasal palatal *nh*. Então, essas palavras passaram a *tinha* e *minha*.

No vocábulo apresentado em (b.) ocorre uma alteração que retorna à língua latina vulgar, no período de sua passagem ao português. Em latim, conforme Williams (1994), essa palavra era *gallīnam* e depois tornou-se *gallīa*. Na passagem ao português, foi criado o grupo nasal palatal *nh* quando na sílaba havia um *i* tônico seguido de *a* ou de *o*, e nesse caso, a palavra transformou-se em *galinha*, sem a ressonância nasal nos fonemas vocálicos. Na comunidade de fala pesquisada, ocorre a queda do grupo nasal palatal *nh* e a nasalização de *i* e *a* adjacentes. Se não houvesse a queda da palatal, as nasalizações observadas ocorreriam da mesma forma. A diferença é que, com a síncope, o fonema nasal propriamente dito passa a

representar apenas ressonância nasal. Consideramos nesse dado, um fator de conservação, que é a despalatalização, e um fator de inovação que é a preservação da ressonância nasal de /ɲ/ que cai, mas deixa os fonemas vizinhos nasalizados.

galīnam > gallia > galinha > galiã

A palavra *lenha* do item (c.) vem do latim *legna*. Na passagem ao português, o *g* do grupo próprio *gn* transformou-se em *i*, que palatalizou a dental *n* transformando-se em *nh*, segundo por Williams (1994).

Na comunidade de fala pesquisada, a nasal despalataliza-se e sofre síncope. Conforme Houaiss (2000), em todos os processos pelos quais passou essa palavra *lenna* (sec. XII), *lenha* (sec. XIV), *leña* (sec. XIV), *lenha* (sec. XV), nunca houve a queda da nasal. Existe, entretanto, um processo de inovação da língua por meio da palavra *lẽã*, pois como nunca ocorrera antes, agora o fonema consonântico nasal é suprimido.

legna > leina > lenha > lẽã

A origem do fonema palatal nas palavras dos itens (c.) e (d.) diferencia-se pelo grupo de fonemas que gera a palatalização. Enquanto em (c.) o grupo é *gn*, em (d.), a palatalização origina-se de nasal mais semivogal *n + i*. A palavra era *linea*, que passou a *linia* e, por fim, a *linha* e no *corpus*, *lĩã*. Nesse fenômeno também há inovação da língua. A palavra perde o fonema palatal que foi nela inserido na formação do português e fica apenas com a ressonância nasal espreada nos dois fonemas vocálicos.

linea > linia > linha > lĩã

Outras ocorrências de espreadimento progressivo são encontradas nos diminutivos femininos, muito frequentes nos dados, como em: *fazendĩã*, *iscolĩã*, *mãĩãzĩã*, *coisĩã*.

fazendĩã	[fɛzẽˈdʒĩ:õ]	fazendinha
iscolĩã	[iʃqɔˈlĩ:õ]	escolinha
mãĩãzĩã	[mãĩõˈzĩ:õ]	manhãzinha

Nesses diminutivos, há a supressão do grupo palatal *nh* e a ressonância nasal espalha-se progressivamente e nasaliza o *a* final. Essa nasalização ocorre na sílaba postônica e o fonema nasal propriamente dito está na sílaba tônica. A análise da nasalidade no diminutivo será apresentada no item 4.2.1.

Quadro 13: Nasalização progressiva a partir de /ɲ/

Vocábulo	Fonema nasal	Fonema nasalizado	Ambiente de tonicidade da nasalização (sílaba)	Síncope
fĩã	/ɲ/	/ĩ̃/	Postônica	/ɲ/
mĩã	/ɲ/	/ĩ̃/	Postônica	/ɲ/
galĩã	/ɲ/	/ĩ̃/	Postônica	/ɲ/
lẽã	/ɲ/	/ĩ̃/	Postônica	/ɲ/
lĩã	/ɲ/	/ĩ̃/	Postônica	/ɲ/
fazendiã	/ɲ/	/ĩ̃/	Postônica	/ɲ/
iscofĩã	/ɲ/	/ĩ̃/	Postônica	/ɲ/
mãĩãziã	/ɲ/	/ĩ̃/	Postônica	/ɲ/

A nasalização progressiva a partir de *nh* ocorre sempre na sílaba postônica, em que havia o fonema nasal que foi suprimido pela síncope e deixou nasalizado o fonema subsequente. Apesar de o alongamento compensatório pela queda do fonema palatal recair sobre o fonema vocálico anterior a ele (da sílaba tônica), o vocálico da sílaba átona é nasalizado.

4.1.1.4 Espreadimento progressivo em palavras fonológicas

A nasalização progressiva em palavras fonológicas tem a regra de nasalização condicionada pelo grupo fonológico que se forma a partir de duas ou mais palavras gramaticais, pois o elemento nasalizador está em uma palavra gramatical diferente da palavra do fonema nasalizado.

(iv)

a. “Só ãã filha mora *bĩãqui*, a ôta mora na Fortaleza...”

“Só uma filha mora *bem aqui*, a outra mora na Fortaleza...” (ID).

bĩãqui [bĩã'ci:] bem aqui

b. “Óia, aqui, eu fiã um loti *bẽqui* na Fortaleza.”

“Olha, aqui, eu tinha um lote *bem aqui* na Fortaleza ”(IC).

bẽqui [bẽ'ci:] *bem aqui*

c. “*Bẽãí* tẽim um fiu meu... *bẽãqui* tẽim ôtu... chovê, tẽim ãã... quatu casa *bẽãlí*.”

“*Bem aí* tem um filho meu... *bem aqui* tem outro... deixe-me ver, tem uma... quatro casas *bem ali*” (IF).

bẽãí [bẽã'i:] *bem aí*

bẽãqui [bẽã'ci:] *bem aqui*

bẽãlí [bẽã'li:] *bem ali*

Todos os dados de (iv) são formados pelo agrupamento das palavras gramaticais *bem* mais *aqui*, *aí*, *ali* ou *aculá* em uma só palavra fonológica. Antes do espraimento, ocorre a monotongação do ditongo *ẽi* em *ẽ*. Esse monotongo espraia sua ressonância nasal aos fonemas seguintes.

No item (a.), além da nasalização, ocorre o alçamento de /e/ em /i/ por assimilação do som mais alto.

bem aqui > *bẽi aqui* > *bẽãqui* > *bĩãqui*

Quando não ocorre a contaminação nasal de /a/, ele cai, ficando apenas o /e/ que já era nasalizado, como ocorre no item (b.).

bem aqui > *bẽi aqui* > *bẽaqui* > *bẽqui*.

Nos itens (b.), (c.), (d.) e (e.) não ocorre alçamento vocálico de /e/ e os fonemas /a/ são nasalizados, exceto em (b.), como apresentado anteriormente.

Há variações como: *bĩãí* < *bem aí*; *bĩãlí* < *bem ali* e *bẽãculá* < *bem açula*, que ocorrem sujeitas às mesmas regras das demais.

O monossílabo tônico *bem* (lat. *benne*) preservou o *n*, por convenção, grafado *m*, apenas como ressonância nasal. No geral, os monossílabos tônicos nasais em *-em* ditongam-se em *-ẽi* no português brasileiro. Nesses casos, em que há a junção desse monossílabo com

outras palavras, ocorre monotongação do ditongo. A nasalização, portanto, espraia-se progressivamente ao fonema vocálico imediatamente posterior, na palavra fonológica.

Quadro 14: nasalização progressiva na palavra fonológica

Vocábulo	Fonema nasal	Fonema nasalizado	Ambiente de tonicidade da nasalização (sílabas)	Síncope
bêqui	/m/	∅	∅	/m/
bêãqui	/m/	/ẽ/	Pretônica	/m/
bĩãqui	/m/	/ĩ/	Pretônica	/m/
bĩái	/m/	/ĩ/	Pretônica	/m/
bêãí	/m/	/ẽ/	Pretônica	/m/
bêãlí	/m/	/ẽ/	Pretônica	/m/
bêãculá	/m/	/ẽ/	Pretônica não imediata	/m/

Em todas as palavras, a nasalização ocorre na sílaba pretônica, exceto em *bêãcula* que ocorre na pretônica não imediata.

Existe a hipótese de que na elisão das palavras gramaticais, surge o grupo nasal palatal *nh*, o que forma palavras como **benhai* ou **binhai*²⁶. Acontece, porém, que para haver a palatalização é preciso que haja, no caso do fonema nasal, um *i* seguido de *a* ou de *o*. Nos casos apresentados, a palatalização é inviável, porque mesmo se a ressonância nasal de *n* retomasse seu antigo valor consonantal, a palatalização não aconteceria, porque o fonema vocálico imediatamente posterior a ele é um *a* seguido de um *i*, ou seja, o processo não acontece com o inverso em relação à posição dos fonemas vocálicos.

No processo de junção de duas palavras gramaticais em uma palavra fonológica, a tendência da língua portuguesa é transformar em ataque (*onset*) o fonema consonântico de travamento de sílaba como em *os outros* > *uzotos*. Com o fonema consonântico nasal ocorre um processo diferente, pois ele permanece travando sílaba, na coda. Isso acontece em *compartilhar* que é a junção da preposição *com* mais o verbo *partilhar*: *com + partilhar* > *compartilhar*. O mesmo ocorre com todos os outros compostos formados com essa preposição, com a variação ente *m* e *n* de acordo o contexto fonológico: *com + tecum* > *contigo*.

Na junção de *bem* com os advérbios anteriormente citados, na comunidade de fala estudada, o ditongo cai, mas a ressonância nasal permanece em *e* e contamina o *a* seguinte,

²⁶ Suposições da autora.

sem se transformar em ataque antes do *a* como poderia acontecer com um fonema consonântico não nasal em contexto intervocálico.

Com base na análise do espriamento progressivo da nasalidade, consideramos os seguintes aspectos:

- a) A nasalidade progressiva na palavra gramatical ocorre sempre na sílaba tônica ou na postônica, com maior incidência na postônica, como em: *ũã* < *uma*; *lĩã* < *linha*; *antõĩ* < *antonio*; *mũtu* < *muito*.
- b) Nas palavras fonológicas, a nasalização ocorre em sílabas pretônicas imediatas e não imediatas: *bẽãĩ* < *bem ali*; *bẽãculá* < *bem aculá*.
- c) Há muita frequência da perda do valor consonantal dos fonemas nasais que passam a representar apenas a ressonância nasal sobre os fonemas vocálicos, como em: *lẽã* < *lenha*; *ũã* < *uma*. Para esse fenômeno criamos duas hipóteses, que apenas são levantadas, mas que por indisponibilidade de tempo não as confirmaremos ou as refutaremos por agora:
 - i) Ou consideramos que, nesses casos, a nasalidade do fonema nasal propriamente dito está presente apenas no núcleo das sílabas. A partir desse fenômeno, que é muito frequente no *corpus*, e sabendo que essa variante é comum a todos os falantes, podemos supor que, na comunidade de fala pesquisada, há fonema vocálico nasal. Contudo, continuamos com a assertiva de Camara Jr. (1970) que adotamos neste trabalho e deixamos essa questão para pesquisas futuras.
 - ii) Ou consideramos que, a partir dos dados apresentados em (c.), além da posição de ataque e de coda, os fonemas consonânticos do português acupam também o núcleo da sílaba juntamente ao fonema vocálico, por eles nasalizados, mesmo sendo apenas como ressonância nasal. Isso acontece, principalmente com o fonema palatal, pois em nenhum dado ele foi registrado com valor consonântico, ou seja, em posição de ataque.
- d) Outra questão interessante diz respeito ao grau de nasalidade perceptível, principalmente, em palavras cuja ressonância nasal se espraia para a direita e para a esquerda, a partir de um único elemento nasalizador. Nesses casos, o alongamento compensatório que recai sobre o fonema que antecede o que se apaga faz a ressonância nasal do fonema antecedente tornar-se maior que a do fonema posterior ao elemento que sofre síncope.

Além do grau causado pelo alongamento compensatório, consideramos que a nasalidade do fonema vocálico da sílaba tônica é maior que a das sílabas átonas, como já é esperado.

Apesar de Cagliari (2007) afirmar que questões relacionadas ao grau de nasalidade não são importantes foneticamente, no *corpus* analisado está bem claro que o grau faz diferença na nasalização dos fonemas vocálicos que recebem a ressonância nasal. Mesmo sendo bastante recorrente no *corpus*, não tratamos do grau de nasalidade, neste trabalho; deixamos esse assunto para pesquisas futuras.

- e) O espraçamento progressivo e regressivo, na mesma palavra, ocorre quando o fonema consonântico nasal está na última sílaba de palavras paroxítonas, como em: *dũã* < *duma* < *de um*; *antõĩ* < *antonio*; *mãã* < *minha*; *lĩã* < *linha*, entre outros.

4.1.2 Espraçamento regressivo

O espraçamento regressivo da nasalidade ocorre a partir dos fonemas /m/, /n/ e /ɲ/ que possuem de fato a nasalidade. O véu palatino, antecipadamente, se abaixa para a produção desses sons e a corrente de ar é liberada e produz, com ressonância nasal, os fonemas vocálicos antecedentes. Esse tipo de espraçamento ocorre com ou sem a presença desses fonemas nasais que podem ser suprimidos da fala, mas continuam nasalizando os fonemas vizinhos.

Todas as nasalizações regressivas que serão analisadas abaixo são por assimilação (alofônicas), ou seja, um fonema vocálico é nasalizado pelo fonema nasal que está na sílaba seguinte, em posição de ataque.

4.1.2.1 Espraçamento regressivo a partir de /m/

Os caracteres físico-articulatórios da produção da nasalização regressiva, a partir de /m/, são os mesmos utilizados na produção do espraçamento regressivo dos demais fonemas nasais. A nasalização resultante é intersilábica, pois o elemento nasalizador encontra-se em uma sílaba diferente da sílaba do elemento nasalizado.

(v)

a. “E aí nós *vĩẽmu* pra cá, nós *vĩẽmu* cum carga di jegui.”“E aí nós *viemos* para cá, nós viemos com carga de jegue” (IE).*vĩẽmu* [vĩ'ẽ:mu] *viemos*b. “Óia, essa *fãmia* é grandí quiéu nem ti digu.”“Olha, essa *família* é grande que eu nem te digo” (IE).*fãmia* [fã'mi:ə] *família*c. “Nãum, eu gostu de tomá um cafezĩ *prẽmeru*.”“Não, eu gosto de tomar um cafezinho *primeiro*” (IF).*prẽmeru* [prẽ'me:ru] *primeiro*d. “Quando eu nasci, qui tomei *ĩnfĩndĩmentu* di genti...”“Quando eu nasci, que tomei *entendimento* de gente...” (IR).*ĩnfĩndĩmentu* [ĩ'fĩdĩ'mẽ:tu] *entendimento*e. “Um tabuleřĩ limpu e as vagi era *contrãmĩnada* di piaçaba.”“Um tabuleirinho limpo e as vargens eram *contaminadas* de piaçaba” (IM).*contrãmĩnada* [qõ'trãmĩ'na:dã] *contaminada*

Os dados expostos em (v) têm seus fonemas vocálicos das sílabas pretônicas imediatas nasalizados pelo /m/, ataque da sílaba tônica, o que justifica a nasalização provocada pela força da tonicidade, conforme (MORAES E WETZELS, 1992). Esse autor ressalta que o espraçamento da ressonância nasal às sílabas pretônicas não derivadas de tônicas é um fator regional, especificamente do Nordeste do Brasil. Neste trabalho, não adotamos essa justificativa para explicar os muitos fenômenos de nasalização de pretônicas imediatas não derivadas de tônicas, pois não dispomos de uma pesquisa maior sobre o mesmo fenômeno em outras comunidades de fala, como já mencionamos anteriormente.

No exemplo de (a.), a ressonância nasal de /m/ espraia-se à sílaba tônica e pretônica imediata. As sílabas pretônicas dos itens (c.) e (d.) são derivadas de tônicas, pois as palavras das quais se originam são *primo* e *entender*, respectivamente. As demais nasalizadas não são derivadas. No exemplo do item (c.), ocorre o abaixamento do fonema /i/ em /e/ por um processo de assimilação do /e/ tônico (monotongado de -ei).

No item (e.), o falante faz a epêntese de um *r*, provavelmente, por analogia à preposição *contra*. Essa sílaba com /r/ fica com o ataque complexo e faz com que a

ressonância nasal do fonema vocálico fique mais forte, o que torna essa nasalização diferente em tonalidade da nasalização de /i/, que está em uma sílaba de ataque simples e é nasalizada por *n*.

Quadro 15: nasalização regressiva a partir de /m/

Vocábulo	Fonema nasal	Fonema nasalizado	Ambiente de tonicidade da nasalização (sílabas)	Síncope
vĩẽmu	/m/	/ĩ/ e /ẽ/	Tônica e pretônica	∅
contrãminada	/m/	/ã/	Pretônica não imediata	∅
fãmia	/m/	/ã/	Pretônica	∅
prẽmeru	/m/	/ẽ/	Pretônica	∅
ĩnĩndĩmentu	/m/	/ĩ/	Pretônica	∅

Todos os exemplos de nasalização regressiva apresentados em (v) ocorrem com o fonema nasal /m/ com valor consonântico, ou seja, em todas as palavras ele está na posição de ataque de uma sílaba. As nasalizações ocorrem em sílabas tônicas e pretônicas e em sílabas pretônicas não imediatas, sendo que a maioria ocorre em sílabas pretônicas.

4.1.2.2 Espriamento regressivo a partir de /n/

A ressonância nasal de /n/, apresentada em (vi), ocorre com esse fonema com valor consonântico. Os caracteres aerodinâmicos são a antecipação do abaixamento do véu palatino para a produção do fonema nasal e a nasalização do fonema precedente.

(vi)

a. “Pegavu u ãñĩmau da pessoa.”

“Pegavam o *animal* da pessoa” (IQ).

ãñĩmau [ãñĩ'ma:w] animal

b. “Eu tive ã duença, um tempu... eu peguei ã ãnẽmia”

“Eu tive uma doença, um tempo... eu peguei uma *anemia*” (IN).

ãnẽmia [ãnẽ'mi:ə] anemia

c. “Aqui mermu é ã cõmũnidadi.”

“Aqui mesmo é uma *comunidade*” (IB).

cõmũnidadi [qõmũni'da:dʰ] comunidade

- d. “Du *mūnicipi* de Fortaleza.”
 “Do município de Fortaleza” (ID).
 mūnicipi [mūn^hsi:pi] município
- e. “Eu plantei arroz, milhu, fava, fêjãũ, *bānāna*.”
 “Eu plantei arroz, milho, fava, feijão, banana” (IA).
 bānānā [bã^hnã^hnã] banana
- f. “Aí eu tirei um pa mĩã *mĩnĩna*.”
 “Aí eu tirei um para minha *menina*” (IC).
 mĩnĩnā [mĩ^hnĩ:nã] menina

Do item (a.) ao (d.) de (vi), a nasalização regressiva a partir de /n/ ocorre em sílabas pretônicas não imediatas. Em (e.) e (f.), as sílabas contaminadas são as tônicas e as pretônicas imediatas. Na comunidade de fala estudada, sempre que há um fonema nasal no ataque de uma sílaba interna à palavra, o fonema vocálico precedente é nasalizado.

Em relação aos itens (a.) e (b.), vale observar que a primeira sílaba de cada palavra é uma sílaba simples, ou seja, composta apenas de núcleo. Nesses casos, há duas regras a serem aplicadas: a regra de nasalização e a de aférese.

A sílaba *a-*, dos referidos exemplos não cai, provavelmente, porque ela, desde o étimo latino, já faz parte das palavras (*anīmal*, *ālis*; *anaemia*, *ae*), então a regra de nasalização se aplica. Não existe **nimal*, tampouco **nemia*. Da mesma forma acontece com *ānual* (dado registrado em diário de campo): o fonema /a/ que precede o fonema /n/ nasaliza-se pelo espraiamento regressivo da ressonância nasal e, portanto, o fonema nasalizado preserva-se na palavra.

Já a palavra *amanhã* não tem a primeira sílaba (simples) nasalizada. Nela é aplicada a regra de aférese. No étimo latino essa palavra é **maneānā*, que se torna *amanhã* pela adjunção da combinação *aa* > *ã* em que a crase cai e a palavra fica *amanhã*. Quando acontece a queda da sílaba, a palavra torna-se *manhã*, termo já existente na língua portuguesa.

Quando a primeira sílaba de uma palavra é formada apenas pelo núcleo - o fonema /a/, seguido de um fonema consonântico nasal, ataque da sílaba seguinte - e no étimo latino esse fonema não fazia parte da palavra, a tendência dessa sílaba simples é cair ou não nasalizar-se: *amontoar*, *amassar*, *amostra* que vêm de *a-* + *montão*, *a-* + *massa* + *-a*, *a-* + *mostra*, respectivamente. A nasalização geralmente acontece quando o *a* já fazia parte da

palavra desde sua origem: *ãmargo* < *amārus*; *ãmavel* < *amābilis*; *ãmante* < *amans*; *ãmídalas* < *amígdalas* < *amygdāla* (Houaiss & Villar, 2002).

No item (c.), aplica-se a regra de nasalização da pretônica derivada de tônica, nesse caso, *comum*, que também já era nasalizada. Nos dois últimos itens de (vi), a ressonância nasal espraia-se por toda a palavra, pois na comunidade de fala estudada, as últimas sílabas são nasalizadas progressivamente, mesmo que em menor grau.

Quadro 16: nasalização regressiva a partir de /n/

Vocábulo	Fonema nasal	Fonema nasalizado	Ambiente de tonicidade da nasalização (sílabas)	Síncope
ãñimaw	/n/	/ẽ/	Pretônica não imediata	∅
ãnẽmia	/n/	/ẽ/	Pretônica não imediata	∅
comũidade	/n/	/ũ/	Pretônica não imediata	∅
mũnicipi	/n/	/ũ/	Pretônica não imediata	∅
bãñãñã	/n/	/ẽ/	Pretônica e tônica	∅
mĩñĩñã	/n/	/ĩ/	Pretônica e tônica	∅

As nasalizações regressivas que ocorrem com base no fonema nasal /n/ estão em sílabas pretônicas e tônicas; a maioria está em pretônicas não imediatas. Nos dados de (vi), não ocorreu síncope e o fonema nasal tem valor consonântico.

4.1.2.3 Espraçamento regressivo a partir da palatal /ɲ/

Nas nasalizações que resultam do espraçamento da ressonância nasal de /ɲ/, ocorrem dois fenômenos, a vocalização e a síncope. A vocalização, fenômeno muito frequente na comunidade de fala pesquisada, pode ser considerada um processo de retomada ao que a língua portuguesa era nos primeiros estágios ou mesmo ao próprio latim, pois o fonema nasal palatal não existia no latim. No *corpus* analisado, não há nenhuma ocorrência desse fonema com valor consonantal.

(vii)

a. “Quando eu nasci... já foi *cũñecendu* essi nomi...”

“Quando eu nasci.... já foi *conhecendo* esse nome...” (IR).

cũñecendu [qũie'sẽ:ɖu] conhecendo

b. “É sim, *sĩora*...”

“É sim, *senhora...*” (IQ).

sĩora [sĩ'ɔ:rə] senhora

c. “Nũ acha assim, uns *cumpãeru* pa cunvesá.”

“Não acha assi, uns *companheiros* para conversar” (IF).

cumpãêru [qũpã'e:rɔ] companheiro

d. “Depois du dia cincú, eu vô tirá meu *đĩeru*.”

“Depois do dia cinco, eu vou tirar meu *dinheiro*” (IN).

đĩeru [dĩ'e:rɔ] dinheiro

e. “Tomava *marãĩesi*, tomava cerveja alí na Fortaleza.”

“Tomava *maranhense*, tomava cerveja alí na Fortaleza” (IN).

marãĩese [mɛrãĩ'ẽsɪ] maranhense

f. “Marnũ tẽim igreja *nẽũã* aqui.”

“Mas não tem igreja *nenhuma* aqui” (IA).

nẽũã [nẽ'ũ:ã] nenhuma

Em todos os exemplos de (vii), ocorre a nasalização regressiva dos fonemas vocálicos precedentes a /ɲ/ que estão em sílabas pretônicas imediatas. O fonema nasal perde seu valor consonântico, despalataliza-se, por meio de síncope ou de vocalização. A síncope acontece nos itens (b.), (c.), (d.) e (f.). A vocalização que ocorre nos exemplos de (a.) e (e.), resulta sempre na semivogal nasal /j/ que forma um ditongo nasalizado com o fonema vocálico da sílaba anterior.

Um fenômeno de preservação da língua acontece na despalatalização do item apresentado em (vii.). Essa palavra vem do latim *cognoscĕre*, em que o grupo *gn*, na criação da língua portuguesa, vocalizou o *g* em *j* e depois palatalizou o *n* em *nh*. Então, de *cognoscĕre* a *conhecer*, tem-se o verbo em português com a nasal palatalizada. Na comunidade de fala estudada, ocorre a despalatalização e o vocábulo assemelha-se à sua forma existente na passagem do latim ao português.

Cognoscĕre > *coinoscere* > *conhecer* > *cõtecer*

Em (b.), a palavra apresentada é oriunda do latim *senñor*, com o acréscimo da desinência de feminino, *-a*. O grupo nasal palatal foi criado pela palatalização de *n + i*. No

corpus analisado, ocorre a retomada ao que a palavra era no latim vulgar, com a diferença do alçamento do fonema /e/ para /i/ e a perda do valor consonantal de *nh* que passa representar apenas a ressonância nasal.

Senñor + a > seniora > senhora > sñora

A criação da palatal no derivado *companheiro*, em (c.), ocorreu na formação do português, pelo processo de palatalização de *n + i* seguido de *a*, em *companña*. Da mesma forma que o exemplo de (b.) esse vocábulo perde o fonema palatalizado e se aproxima da forma originária da língua latina. A vocalização não acontece, como em (b.) e (d.), porque já existe um fonema vocálico alto que antecede o fonema palatal.

O fonema /ɲ/, em *dinheiro*, desenvolveu-se no norte de Portugal e na Galiza, entre um *e* átono e um *e* tônico seguinte. Williams (1994) observa que isso ocorreu pela dissimilação da vogal átona com a tônica passando a /jê/. Por esse processo, na língua portuguesa, formou-se a palavra *dinheiro*.

denarñum > ðeiro > dinheiro.

Em (f.), o vocábulo inteiro é nasalizado com a ressonância nasal de /ɲ/ e /m/ que são suprimidos. O pronome indefinido analisado formou-se pela aglutinação de *nec + ūnum* em que ocorreu outro desenvolvimento do fonema nasal palatalizado entre um *i* pretônico seguido de um *u* ou *a* tônico, conforme Williams (1994).

**ne (por nec) -ūnum > ñe hum > nenhum.*

No quadro 17, apresentamos os exemplos analisados em (vii), em que são evidenciados os fonemas nasais e nasalizados, o ambiente silábico de tonicidade de nasalização e o fenômeno fonológico registrado.

Quadro 17: nasalização regressiva a partir de /ɲ/

Vocábulo	Fonema nasal	Fonema nasalizado	Ambiente de tonicidade da nasalização (sílaba)	Fenômeno registrado
cũjecendu	/ɲ/	/ũ/	Pretônica não imediata	Vocalização
šiora	/ɲ/	/ĩ/	Pretônica	Síncope
cumpãeru	/ɲ/	/ẽ/	Pretônica	Síncope
đieru	/ɲ/	/ĩ/	Pretônica	Síncope
marãïensi	/ɲ/	/ẽĩ/	Pretônica	Vocalização
nẽũã	/ɲ/	/ẽ/	Pretônica	Síncope

A nasalização regressiva espriada de *nh* ocorreu nas sílabas pretônicas e em todos os casos houve modificação na estrutura silábica das palavras ou com a síncope ou com a vocalização do fonema palatal. Se ocorrer a vocalização, o /j/ resultante forma ditongo com o núcleo da sílaba na qual o fonema palatal era ataque.

4.1.2.4 Espriamento regressivo em palavras fonológicas

Em palavras fonológicas, o espriamento regressivo da nasalidade tem a regra de nasalização condicionada pela formação do grupo fonológico, pois se esse não existir, não existe espriamento nasal.

(viii)

a. “*Maisõmenu...* Eu ñi acustumei cum essi apilidu véi.”

“*Mais ou menos...* Eu me acostumei com esse apelido velho” (IR).

Maizõmenu [mejzõ'mẽ:nu] mais ou menos

b. “Nũ vëim um tratô trabaiá *prãmim* porque ñi tẽũ condiçãũ.”

“Não vem um trator trabalhar *para mim* porque não tenho condiçao” (IM).

prãmim [prã'mĩ:] para mim

A palavra fonológica do item (a.) tem o fonema /o/ da palavra gramatical *ou* nasalizado pelo espriamento regressivo da nasalidade de /m/. O fonema vocálico nasalizado fica na sílaba pretônica.

Mais ou menos > *maizomenu* > *maizõmenu*

Na aglutinação que acontece nesse exemplo, a sibilante surda /s/ sonoriza-se por sua posição intervocálica e o ditongo *ou* monotonga-se em um /o/ fechado. Após essas duas regras, a de nasalização se aplica ao fonema vocálico que está à esquerda da sílaba tônica, como acontece com todos os exemplos de nasalização regressiva apresentados neste trabalho. Sempre que há uma nasal na sílaba seguinte, o núcleo da sílaba (CV) anterior nasaliza-se por espriamento regressivo da ressonância nasal.

A preposição *para* > **par* > *pra*, em (b.), tem seu fonema vocálico nasalizado pelo espriamento regressivo da nasalidade de *m*, do pronome oblíquo *mim*. Fenômeno de nasalização semelhante ocorreu no latim com a palavra *ne* (c) que teve a vogal nasalizada pelo espriamento regressivo da nasalidade *-ūnum*. Essas duas palavras gramaticais juntaram-se em uma só palavra fonológica *nē hum* > *nenhum*.

Quadro 18: nasalização regressiva na palavra fonológica

Vocábulo	Fonema nasal	Fonema nasalizado	Ambiente de tonicidade da nasalização (sílabas)	Fenômeno registrado
maizõmenu	/m/	/ũ/	Pretônica	∅
prãmim	/m/	/ĩ/	Pretônica	∅

Torna-se oportuno lembrar a noção de nasalização fonológica e por assimilação. Esta, objeto de análise neste trabalho, é causada por um elemento consonântico nasal que está em posição de ataque de uma sílaba, exceto nas palavras fonológicas formadas com o advérbio *bem*, em que o *m* está em posição de coda. Aquela, por um fonema nasal em travamento de sílaba, ou seja, pelo arquifonema nasal. Com base na análise regressiva da nasalidade a partir dos três elementos consonânticos nasais da língua portuguesa, os seguintes aspectos são evidenciados:

a) Em palavras polissílabas paroxítonas, a nasalidade regressiva alofônica sempre ocorre na sílaba pretônica imediata e na pretônica não imediata:

contrãmïnada < contaminada

cũiecendu < conhecendo

intindĩmentu < entendimento

cumpãêru < companheiro,

cõmũnidadi < comunidade

marãiensu < maranhense.

mũnicipi < município

b) Nas palavras polissílabas, com quatro sílabas, nunca há nasalização por assimilação (NA) ou nasalização fonológica (NF) de mais de duas sílabas. Se houver uma nasalização fonológica, só vai ocorrer uma nasalização por assimilação. Se não há nenhuma nasalização fonológica podem ocorrer duas nasalizações por assimilação.

Cumpãêru → com-pã-ê-ru: primeira sílaba: NF, segunda sílaba: NA

c) Nas palavras com cinco sílabas podem ocorrer mais de duas nasalizações, sendo que uma é fonológica e duas são por assimilação ou vice-versa.

Contrãmĩnada → con-trã-mĩ-na-da: primeira sílaba: NF, segunda e terceira sílabas: NA.

Cõmũnidadi → cõ-mũ-ni-da-di: duas primeiras sílabas: NA.

d) A nasalidade por assimilação, na maioria dos dados, ocorre em qualquer ambiente, desde que haja um fonema nasal no ataque da sílaba seguinte ao fonema vocálico nasalizado.

ãmanti → ã-man-ti

cũĩecendu → cũĩ-e-cen-du

marãĩensi → ma-rãĩ-en-si

e) Na comunidade de fala pesquisada, a vocalização de /ɲ/ não acontece se ele é precedido de /i/ ou de /e/, e posposto a /e/, como por exemplo:

venha > vẽã

linha > lĩã

lenha > lẽã

companheiro > cumpãeru

senhora > sĩara

banheiro > bãeru

dinheiro > dĩaru

f) Se precedido de /u/ e de /a/, ocorre vocalização:

maranhense > marãĩense

manhã > mãã

conhecimento > cũĩcimentu

cunhado > cũiadu

4.2 NASALIDADE NO DIMINUTIVO E NO AUMENTATIVO

A recorrência de diminutivos no *corpus* analisado é muito grande, fato que nos leva a dedicar um item de análise a esses nomes. Em relação aos aumentativos, estes são de baixa produtividade, mas merecem uma atenção especial também por causa da nasalidade no ditongo nasal *-ãũ*.

4.2.1 Nasalidade nos diminutivos

Os diminutivos estão presentes em substantivos, adjetivos, advérbios e em alguns pronomes e são formados a partir dos sufixos *-inho*, *-zinho*, *-inha* e *-zinha* que se reduzem a *-ĩ*, *-ĩ*, *-ĩã* e *-ĩã*, respectivamente.

(ix)

a. “Pois dessi *jeĩĩ*... guardei *tudĩ*... tẽim um *fugãũzĩ*... óia essa roça... du *Tiagĩ*, meu patrãũ.

Até nu *Nonafĩ* du Godençu... aqui um *pedacĩ*...”

“Pois desse *jeitinho*... guardei *tudinho*... tem um *fogãozinho*... olha, essa roça... do *Tiaguinho*, meu patrãũ. Até no *Nonatinho* do Godenço... aqui um *pedacinho*...”(IC).

jeĩĩ	[ʒeʃ'tʃi:]	jeitinho
tudĩ	[tu'dʒi:]	tudinho
fugãũzĩ	[fugãũ'zĩ:]	fogãozinho
tiagĩ	[tʃe'ʃĩ:]	tiaguinho
nonafĩ	[nõne'tʃi:]	nonatinho
pedacĩ	[peɔ'e'sĩ:]	pedacinho

b. “Agora, vivu quá... inda tiru um *cuchiĩ* a boca da noiti... gostu de tomá um *cafezi* prẽmeru... abria as caxa *tudi* ... u jeitu qui fiã era ficá *quefi*... essis *pobrizi* ia era obrigadu... issu foi aqui pertu, *perfi*.”

“Agora, vivo quase... ainda tiro um *cuchilinho* à boca da noite... gosto de tomar um *cafezinho* primeiro... abria as caixas *tudinho*... u jeito que tinha era ficar *quietinho*... esses *pobrezinhos* iam, eram obrigados... isso aqui foi perto, *pertinho*” (IF).

cuchiĩ	[quʃiˈtʃi:]	cuchilinho
cafezi	[kɛfɛˈzi:]	cafezinho
quefi	[cɛˈtʃi:]	quietinho
pobrizi	[pɔbrɛˈzi:]	pobrezinho
perfi	[pɛhˈtʃi:]	pertinho

A redução do masculino em *-ĩ* ou *-zi* acontece com a queda da última sílaba *-no*, com ou sem variação de plural. O grupo nasal *nh* deixa sua ressonância nasal sobre a vogal *i* da sílaba anterior, que seria nasalizada também se não houvesse a queda, com a diferença de que com a queda há alongamento compensatório da nasalidade em /i/. No caso apresentado, o grupo palatal, que é o ataque da sílaba *-no*, passa para o núcleo como ressonância nasal sobre o fonema vocálico.

Nos diminutivos masculinos (*carrĩ* < *carrinho*), diferentemente dos femininos (*casĩã* < *casinha*), cai além do fonema /ɲ/, a desinência *-o*, que na verdade é, conforme Camara Jr. (1970), a vogal temática do nome. Logo, o masculino é representado pelo fonema /ø/, que é a ausência da desinência de feminino *-a*.

A flexão de gênero é uma só, como pouquíssimos alomorfes: o acréscimo, para o feminino, do sufixo flexional *-a* (/a/ átono final) com a supressão da vogal temática, quando ela existe no singular: lob(o) + a = loba; autor + a = autora (CAMARA JR., 2000, p. 89-90).

Há também uma consideração fonético-fonológica acerca da queda do *-o* e da permanência do *-a* nos diminutivos. Se o *-o* permanece, a sílaba termina em um forte alçamento de fonemas vocálicos com o hiato nasalizado *-ĩũ*, como em *mininĩũ*, *radĩũ*, *carrĩũ*. Nessa situação, o emprego do *-ĩ* ocorre para que haja dissimilação do som *-ĩũ* e ainda, em

analogia aos diminutivos terminados em *-ĩ*, como *folhetim*, *flautim* que entraram na língua portuguesa por meio do francês, conforme Coutinho (1976).

Na comunidade de fala pesquisada, todos os diminutivos masculinos são reduzidos a *-ĩ*. A princípio, ocorre a queda de /ɲ/ e sua passagem de ataque para o núcleo da sílaba anterior, apenas como ressonância nasal. Depois, há a dissimilação de *-ĩũ* em *-ĩ*. Durante todos os processos, a nasalização dos fonemas vocálicos permanece.

Pastu > *pasfĩnhũ* > *pasfĩũ* > *pasfĩ*

Gadu > *gadĩnhũ* > *gadĩũ* > *gadĩ*

Antes da queda de /u/ átono final, ocorre a nasalização progressiva desse fonema pelo espriamento da nasalidade do fonema nasal palatal.

Apresentamos a seguir, a análise das ocorrências de nasalidade e nasalização nos diminutivos.

(x)

a. “Temu as nossa *coisĩã*... *ũãs vaquĩã*... tomava só aquela *bichĩã*.”

“Temos as nossas coisinhas... umas vaquinhas... tomava só aquela bichinha” (IN).

coisĩã [qɔʝ'zi:õ] coisinha

vaquĩã [ve'çi:õ] vaquinha

bichĩã [bɪ'fi:õ] bichinha

b. “Tẽim ôtas *partizĩã*, quinda nem nasceu... *piaçabĩã* véa... dentu dessor carrascu.”

“Tem outras partezinhas que ainda nem naceram... piaçabinha velha... aí dentro desses carrascos” (IM).

partizĩã [peht'i'zi:õ] partezinha

piaçabĩã [pjese'bĩ:õ] piaçabinha

c. “Aqui é mã *fazendĩã*... era só mermu essa *iscolĩã* aqui du matu.”

“Aqui é minha fazendinha... era só mesmo essa escolinha aqui do mato” (IF).

fazendĩã [fezẽ'dĩ:õ] fazendinha

iscolĩã [iʃqɔ'fi:õ] escolinha

A redução do diminutivo feminino a *-ĩã* e *-zĩã* ocorre com a queda do grupo palatal *nh*. Esse fonema cai e espraia sua ressonância nasal aos fonemas vocálicos orais que estão antes e depois dele. Com a queda, há um alongamento compensatório que intensifica a nasalidade de /i/, o que o torna diferente de /a/, em relação à nasalidade, ou seja, a ressonância nasal que recai sobre esse fonema tem mais força que aquela que recai sobre /a/. Nesse caso, entra em destaque o grau de nasalidade comentado por Cagliari (2007) e Callou e Leite (2001), que nos dados analisados faz diferença em relação à intensidade da nasalização por assimilação.

Os diminutivos femininos não perdem o fonema *a* final porque já é tendência deste fonema vocálico não sofrer queda, ainda mais quando está representando o morfema indicador do gênero feminino. Outro fator que o sustenta é a própria nasalidade, pois ele é um fonema aberto, como é percebido no *corpus* e receptível à nasalidade, portanto, se nasaliza facilmente e não cai.

Um fator fonético-fonológico de preservação de /a/ é que há um equilíbrio no som final dos vocábulos femininos com diminutivo *-ĩã*. Não há necessidade de dissimilação de som, ao contrário há harmonia: um fonema vocálico alto, seguido de um fonema vocálico baixo.

A nasalização progressiva e regressiva acontece antes da queda do fonema nasal palatal. Após a queda do fonema, há o alongamento compensatório na nasalidade do *i* que o precede. O *a* da sílaba postônica continua nasalizado.

Casinha > *casĩnhã* > *casĩã*

Comadrezinha > *comadrezĩnhã* > *cumadiã*

No último exemplo, há a perda do fonema de ligação *z* e por analogia aos que não a tem, a palavra termina em *-ĩã*.

4.2.2 Nasalidade nos aumentativos

No *corpus* analisado, os aumentativos são formados com a terminação *-ãõ*, oriunda do latim *-anu*. Em todas as ocorrências de aumentativo há o espraio progressivo da nasalidade de /n/ subjacente, representado por til, ao fonema /o/. A nasalidade se espraia por todo o ditongo *ãõ* > *ãũ*.

(xi)

- a. “Di premeru, eli fiã um *tabulerãũ* bunitu di piaçaba... fiã um *magotãũ* di gadu... ele foi dá um dipuimentu lá e u *bichãũ*... depois dessi *liãũzãũ* que mataru...”

“De primeiro, ele tinha uma *tabuleirão* bonito de piaçaba... tinha um *magotão* de gadu... ele foi dar um depoimentu lá e o *bichão*... depois desse *leãozão* que mataram...” (IF).

tabulerãũ [tɛbule^lrõ:w̃] tabuleirão

magotãũ [mɛɔɔ^ltõ:w̃] magotão

bichãũ [bɪ^lfõ:w̃] bichão

liãũzãũ [lɪõw^lzõ:w̃] leãozão

- b. “Um *tempãũ* dassis... se cai um duenti, elis dãũ um sacolãũ pa vida inteira...”

“Um *tempão* desses... se cai um doente, eles dão um sacolão para a vida inteira” (IN).

tempãũ [tẽ^lpõ:w̃] tempão

sacolãũ [sɛqɔ^llõ:w̃] sacolão

Todas estas ocorrências de aumentativo têm os ditongos finais em *-ão* nasalizados completamente. O mesmo ocorre com todas as palavras terminadas com o mesmo ditongo, mas que não representam o grau aumentativo, tais como *feijão* > *feijãũ*, *região* > *regiãũ*, *joão* > *juãũ*, *galvão* > *galvãũ*, *damião* > *damiãũ*. Não foram encontrados registros desse grau com o sufixo feminino *-ona*.

4.3 REGRAS FONOLÓGICAS DE NASALIZAÇÃO PROGRESSIVA E REGRESSIVA

Para a representação e compreensão da nasalidade fonológica e por assimilação apresentadas neste trabalho, utilizamos o conjunto de traços distintivos de Chomsky e Halle (1968 apud MATZENAUER, 2005) e o modelo de algumas regras apresentadas por Mira Mateus (1975 apud MATZENAUER, 2005).

As letras maiúsculas indicam a classe à qual os traços pertencem: V (fonema vocálico), C (fonema consonântico). Os traços que estão à esquerda da seta indicam o fonema que sofre o processo, os que estão à direita representam o resultado. O que está à direita da barra inclinada corresponde ao ambiente no qual acontece o processo fonológico, que é

composto pelo determinante, fator que influencia a mudança. O traço entre colchetes indica a localização do segmento que sofre a mudança (MATZENAUER, 2005, p. 34-35).

Apresentamos sete regras que envolvem os processos de nasalização mais relevantes do *corpus* que correspondem à nasalização progressiva e à regressiva. Após a regra, fazemos a leitura e a exemplificação com alguns dados que foram analisados nos itens 4.1.1, 4.1.2 e 4.2. Vale ressaltar que as regras foram baseadas nas análises de dados deste trabalho e elas podem não corresponder a fenômenos fonológicos registrados em outras regiões ou em outro *corpus*.

As nasalizações regressivas e progressivas, causadas pelos três elementos nasais do português, acontecem por meio das seguintes regras:

1) Regra de nasalização regressiva

$$V \longrightarrow [+ \text{nas}] \quad / \quad [_] \text{ } ^C [+ \text{nas}]$$

O fonema vocálico oral torna-se nasalizado quando vem antes de um fonema consonântico nasal que está na sílaba seguinte, por meio da nasalização alofônica, conforme os dados a seguir:

<i>fãmia</i> < família	<i>cõmũnidadĩ</i> < comunidade
<i>prẽmeru</i> < primeiro	<i>mũnicipi</i> < município
<i>ãnĩmau</i> < animal	<i>bãnãĩnã</i> < banana
<i>ãnẽmia</i> < anemia	<i>mĩnĩnã</i> < menina

Também são nasalizados por essa regra, os fonemas que estão na mesma sílaba do fonema nasal que está em posição de coda, por meio da nasalização fonológica, como em:

<i>cũĩecendu</i> < conhecendo	<i>bancu</i> < banco
<i>ĩnfĩndĩmentu</i> < entendimento	<i>nunca</i> < nunca
<i>cantu</i> < canto	<i>duenti</i> < doente
<i>campu</i> < campo	<i>sempri</i> < sempre

Quando o elemento nasalizador é o fonema palatal /ɲ/, a regra de nasalização é aplicada, mas aplica-se também a regra de apagamento ou de vocalização desse fonema.

2) Regra (1) de apagamento do fonema nasal palatal

$$\begin{pmatrix} C \\ + \text{ nas} \\ - \text{ ant} \end{pmatrix} \longrightarrow [\emptyset] \quad / \quad \begin{pmatrix} - \text{ baixo} \\ - \text{ post} \\ - \text{ arred} \end{pmatrix} [_]$$

O fonema nasal palatal apaga-se quando vem depois de fonema [- baixo], [- post] e [- arred], como mostram os exemplos abaixo:

s̃ora < senhora

nẽũã < nenhuma

d̃êru < dinheiro

lẽã < lenha

l̃ã < linha

vẽã < venha

ṽã < vinha

tẽã < tenha

3) Regra (2) de apagamento do fonema nasal palatal

$$\begin{pmatrix} C \\ + \text{ nas} \\ - \text{ ant} \end{pmatrix} \longrightarrow [\emptyset] \quad / \quad [_] \quad \begin{pmatrix} + \text{ alto} \\ - \text{ baixo} \end{pmatrix}$$

O fonema nasal apaga-se quando vem antes de fonema [- alto] e [- baixo], como registrado em:

cumpãêru < companheiro

bãêru < banheiro

4) Regra (1) de vocalização do fonema nasal palatal

$$\begin{pmatrix} C \\ + \text{ nas} \\ - \text{ ant} \end{pmatrix} \longrightarrow [i] \quad / \quad \begin{pmatrix} - \text{ alto} \\ + \text{ baixo} \end{pmatrix} [_]$$

A vocalização acontece quando o fonema nasal palatal vem depois fonema [- alto] e [+ baixo], como em:

marãense < maranhense

apãa < apanhar

marããũ < maranhão

cããũ < canhão

mãã < manhã

bãã < banhar

5) Regra (2) de vocalização do fonema nasal palatal

$$\begin{pmatrix} \text{C} \\ + \text{nas} \\ - \text{ant} \end{pmatrix} \longrightarrow [i] \quad / \quad \begin{pmatrix} + \text{alto} \\ + \text{arred} \end{pmatrix} [_]$$

O fonema nasal vocaliza-se em /i/ quando vem depois de fonema [+ alto] e [+ arred], como registrado nos exemplos abaixo:

cãecendu < conhecendo

cãado < cunhado

cãcimentu < conhecimento

cãa < cunha

cãcidu < conhecido

cãũ < cunho

Segue abaixo a regra aplicada à nasalização progressiva, que, na maioria dos casos, ocorre em final de palavra:

6) Regra de nasalização progressiva

$$V \xrightarrow{\text{C}} [+nas] \quad / \quad [+nas] [_]$$

O fonema vocálico oral torna-se nasal quando vem depois de um fonema consonântico nasal, na mesma sílaba ou em sílaba diferente, no caso das palavras fonológicas, como por exemplo:

ũã < uma

gãã < galinha

mãtu < muito

lãã < lenha

fãã < tinha

bãã < bem aí

mãã < minha

bããqui < bem aqui

Diante da análise de dados realizada neste trabalho, percebemos que a nasalidade é muito recorrente na comunidade de fala pesquisada e, mesmo sem considerarmos esse fenômeno como subordinado a fatores regionais, acreditamos que ele marca fortemente a fala da região de Fortaleza dos Nogueiras. É sabido que esse não é um fenômeno restrito, pois ocorre em outras variantes, mesmo com menos recorrência. Isso nos leva a questionar: de onde viria a grande presença de nasalidade e nasalização na língua portuguesa? Conforme os estudos já realizados, sabemos que não é do latim, pois como outros autores de Linguística Histórica, Williams (1994, p. 108) afirma que “a nasalização da vogal tem sido atribuída à influência céltica”, mas ele se refere ao fenômeno de nasalização fonológica do fonema vocálico. Em relação à nasalização por assimilação, de onde viria tanto espriamento de ressonância nasal aos fonemas vocálicos de sílabas tônicas e átonas? Existem hipóteses de que seja da língua árabe; todavia, conforme Jubran (2004, p. 45) “as fossas nasais não são solicitadas na articulação das vogais” dessa língua. Com base nessa assertiva, acreditamos que essa hipótese é falha. Em relação à influência ser de línguas indígenas, com base em Rodrigues (2003) que afirma a existência de fonemas consonânticos nasalizados em línguas da família Pirahã e em Maxakali (tronco Macro-Jê) e em Sousa Filho (2007, p. 73) que apresenta fones nasais da língua Akwẽ-Xerente (Jê) que são: consonânticos “[mb], [nt], [nz], [m], [n]”, aproximante “[ỹ]” e vocálicos “[ĩ], [ũ], [ẽ], [ẽ̃], [õ], [õ̃] e [ã]”, podemos considerar que essa hipótese pode ser confirmada, porém, não dispomos de pesquisas suficientes para ratificar essa declaração.

As hipóteses levantadas, em torno das línguas indígenas, obviamente, se devem ao fato de o Brasil possuir um número relevante de índios e de o Maranhão ser um dos estados brasileiros com a maior população indígena. Do contato com línguas indígenas, o português recebe influências e também influencia na língua dos nativos. Uma das influências recebidas das línguas indígenas pode ser referente à nasalidade dos fonemas vocálicos. Essa questão merece um estudo aprofundado, o que não podemos realizar no momento e nos faz deixá-la em aberto para que possamos respondê-la posteriormente, ou para que outros pesquisadores o façam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho possibilitou-nos conhecer melhor o estatuto (o processo) da nasalidade no português brasileiro, especialmente, na comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras-MA. Embora esse fenômeno seja comum a outras comunidades de fala do Brasil, a análise realizada forneceu dados importantes de nasalização de fonemas vocálicos que ainda não são tão discutidos, como a nasalização progressiva de fonemas vocálicos em final de palavras.

A análise foi realizada com o intuito de perceber quais os processos de realização da nasalidade em Fortaleza dos Nogueiras, quais os ambientes fonético-fonológicos em que ela ocorre, a produtividade desses fenômenos e o que há de inovação e/ou conservação nos fenômenos nasais da fala dos informantes fortanogueirenses.

Realizamos este estudo com base nas teorias estruturalista, com os postulados de Camara Jr. (1970), e gerativista com autores como Moraes e Wetzels (1992) e Chomsky e Halle (1968). Entre as várias concepções de nasalidade na língua portuguesa apresentadas por autores dessas correntes, optamos pelos postulados de Camara Jr. (1970) acerca dos fonemas nasais, em que ele afirma que no português não há fonema vocálico nasal puro, apenas nasalizado pela presença do elemento consonântico nasal, denominado arquifonema nasal; e que a nasalidade é propriedade dos fonemas consonânticos /m/, /n/, e /ɲ/. Para o referido autor, há dois tipos de nasalização das vogais na língua portuguesa, a nasalização fonológica e por assimilação. A primeira é causada pelo fonema consonântico nasal em travamento de sílaba, o arquifonema, como em *campa*, *canto*, *sunga*. A nasalização desses fonemas vocálicos é denominada fonológica porque estabelece oposição com os fonemas orais de *capa*, *cato* e *suga*. A nasalização por assimilação não estabelece essa oposição; é causada pela presença de um elemento consonântico nasal que está em uma sílaba diferente do fonema nasalizado ou na mesma sílaba, como em *ãnã* > *ana*; *ãnimau* > *animal*; *ũã* > *uma*; *mũitu* > *muito*.

Respaldamos-nos também nas concepções de nasalização progressiva e regressiva apresentadas por Callou e Leite (2005), Camara Jr. (2008) e Castro (2008), entre outros, segundo os quais a ressonância do fonema nasal é espreada tanto para direita quanto para a esquerda, nasalizando os fonemas vocálicos vizinhos. Nesses casos, o abaixamento do véu palatino se antecipa ou se alonga na produção dos fonemas consonânticos nasais e produz os

fonemas vocálicos. Para a apresentação das regras de nasalização progressiva e regressiva, utilizamos o modelo de traços do padrão gerativo de Chomsky e Halle (1968), encontrados em Matzenauer (2005) e as regras baseadas em Mira Mateus (1975 apud MATZENAUER, 2005).

A partir da história dos fonemas nasais do latim ao português percebemos alguns casos de conservação e de inovação, entre os quais apresentamos:

- i) Conservação: a vocalização do fonema palatal em /i/ aproxima a palavra ao que era no latim vulgar: *cũcimentu* < *conhecimento*; a nasalização dos fonemas vocálicos que estão à esquerda do fonema nasal; o espraçamento regressivo da ressonância nasal que ocorre na junção de palavras gramaticais em palavras fonológicas, como ocorrera com *nec + unum* > *nenhum* e ocorre em *pra + mim* > *prãmim*; a nasalidade presente em *mũito*, em que a palavra volta ao que era no latim.
- ii) Inovação: preservação da ressonância nasal nos fonemas vocálicos, após a queda do fonema palatal, como em *galĩã* < *galinha*; o espraçamento progressivo da ressonância nasal, como em *lĩã* < *linha*.

Em relação ao espraçamento progressivo da ressonância nasal, foi observado que ele acontece com ou sem o valor consonântico do fonema nasal, pois em vários casos o fonema sofre síncope e espraia sua ressonância aos fonemas vocálicos vizinhos, sendo que há o alongamento compensatório, ou seja, intensificação da nasalidade do fonema que está à esquerda. Esse tipo de nasalização ocorre tanto na palavra fonológica como na palavra gramatical. Nesta, ocorre sempre na sílaba tônica ou na postônica, com maior incidência na postônica, como em: *ũã* < *uma*; *lĩã* < *linha*; *antõĩ* < *antonio*; *mũtu* < *multo*. Na palavra fonológica, ocorre em sílabas pretônicas imediatas e não imediatas: *bẽãĩ* < *bem ali*; *bẽãculá* < *bem aculá*. O espraçamento progressivo e regressivo em uma mesma palavra ocorre quando o fonema nasal está na última sílaba.

A partir da observação do espraçamento regressivo da ressonância nasal de /m/, /n/ e /ɲ/, percebemos que:

- i) A nasalização regressiva atinge fonemas vocálicos das sílabas pretônica imediata e não imediata de palavras paroxítonas;

- ii) Não foram registrados dados com mais de duas sílabas nasalizadas, quer com nasalização alofônica quer com fonológica, em palavras com quatro sílabas.
- iii) Em palavras de cinco sílabas podem ocorrer mais de duas sílabas nasalizadas, com nasalização fonológica e por assimilação, como por exemplo: *intindimentu* < *entendimento*.
- iv) Na maioria das vezes em que há um fonema consonântico nasal na sílaba seguinte, o fonema vocálico precedente nasaliza-se.
- v) O fonema /ɲ/ é apagado quando vem precedido de /i/ ou de /e/ e depois de /e/. Se precedido de /a/ e de /u/, ocorre a vocalização.

A nasalidade nos diminutivos sempre vem acompanhada da queda do grupo palatal *nh*, porém, os diminutivos femininos comportam-se de maneira diferente dos masculinos. Os sufixos *-inha* e *-zinha* perdem o fonema palatal e reduzem-se a *-ĩã* e *-zĩã*, com a ressonância nasal espreada para a direita e para a esquerda. Os masculinos *-inho* e *-zinho* perdem a última sílaba, reduzindo-se a *-ĩ* e *-zĩ*, com a ressonância nasal de /ɲ/ que recai sobre o /i/.

Em relação aos aumentativos, estes têm baixa produtividade no *corpus*. As ocorrências são com o sufixo *-ão* > *-ãũ*, em que a nasalidade se espalha ao ditongo inteiro, como ocorre também com outros nomes terminados nesse ditongo, mas que não indicam grau.

As regras aplicadas à nasalização progressiva e regressiva são baseadas no modelo de regras de Mira Mateus (1975 apud MATZENAUER, 2005), em que se considera o conjunto de traços distintivos propostos por Chomsky e Halle (1968). Ressaltamos que essas regras foram apresentadas com base nos dados da comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras. Nossa pesquisa não é suficiente para afirmar que elas podem ser aplicadas, nas mesmas condições, a outros dados.

Finalmente, a partir da análise realizada neste trabalho, levantamos algumas questões acerca da nasalidade no *corpus* analisado:

- i) Presença do fonema consonântico nasal no núcleo da sílaba: isso acontece quando o fonema perde seu valor consonântico e nasaliza os vocálicos adjungidos.
- ii) Existência de fonema vocálico nasal: com a síncope do fonema nasal a ressonância recai sobre o vocálico. Isso ocorre principalmente com o fonema /ɲ/, que não tem nenhum registro com valor consonantal no *corpus*.

iii) O grau de nasalidade causa diferença na nasalização dos fonemas vocálicos. O fonema vocálico que recebe o alongamento compensatório, pela síncope do fonema nasal, tem o grau de nasalidade maior que o nasalizado à direita do fonema nasal. Isso ocorre principalmente quando há nasalização progressiva e regressiva a partir de um mesmo fonema nasal em uma palavra.

Além desses questionamentos, discutimos brevemente sobre que língua influenciou o português brasileiro em relação à grande produtividade de nasalização dos fonemas vocálicos. A nasalização fonológica, como mostra a história da formação do português, conforme Williams (1994), é de influência celta, enquanto a nasalização por assimilação pode ser de origem árabe, indígena ou de outra língua sobre a qual não levantamos hipóteses. Em relação ao árabe, a hipótese foi negada porque, conforme Jubran (2004), não há fonemas vocálicos nasais nessa língua. Quanto às línguas indígenas, parece-nos que a influência é grande, pois o português brasileiro tem muito contato com línguas indígenas em vários estados, principalmente no Maranhão. Todavia, não podemos fazer essa afirmação porque carecemos de mais pesquisa. Ressaltamos que essas hipóteses levantadas neste trabalho e os questionamentos apresentados acima serão resolvidos em estudos posteriores.

Com as discussões apresentadas nesse estudo, esperamos contribuir com os estudos linguísticos do Brasil, principalmente com o mapeamento das comunidades de fala do Estado do Maranhão, tarefa ainda a ser realizada. Desejamos também que essa investigação acerca da nasalidade mostre a outros pesquisadores, que se interessam pelo assunto e que já trabalham com ele, que as questões relacionadas à nasalidade na língua portuguesa ainda não estão bem resolvidas, se levadas em consideração as inúmeras comunidades de fala existentes no Brasil e os diferentes usos que elas fazem da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- AGAR, M. H. **The professional stranger: an informal introduction to ethnography**. London: Academic Press, 1980.
- AIKHENVALD, A. Y. Typological distinctions in Word-formation. In: SHOPEN, T.; SCHACHTER, P. **Language typology and syntactic description**. 2 ed. V. III. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 1-75.
- ALMEIDA, N. M. de. **Gramática latina**. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- _____. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 39. ed. São Paulo: Saraiva, 1994.
- ANTTILA, R. **Historical and comparative linguistic**. Amsterdam: John Benjamins B. V., 1989.
- ARAÚJO, G. Truncamento de reduplicação no português brasileiro. **Linguagem: Revista de Estudos da Linguagem**, Faculdade de Letras da UFMG, n. 1, v. 10, jan./jul. 2002.
- ARAÚJO, G. M. L. de. Análise crítica do conceito de derivação. **Linguagem: Revista para estudos de língua e literatura**, n. 4/5/6, ano II e III. Rio de Janeiro: Presença, 1985.
- BASÍLIO, M. O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Camara. **DELTA**, n. 20, Especial, p. 71-84, 2004.
- BASSETO, B. F. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: UNESP, 2001.
- BATTISTI, E. **A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições**. 1997. 181f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- BAUER, L. **English word formation**. Cambridge: CUP, 2003.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- _____. **O que muda com o novo acordo ortográfico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005.
- _____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BUENO, F. S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1964.

BYNON, T. **Historical Linguistics**. London: Cambridge, 1979.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica introdução à teoria e à prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**. 5. ed. v. 1. São Paulo: Cortez, 2005. p. 105-146.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, [1970], 2000.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, [?]2008.

_____. **Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1977.

_____. **Problemas de linguística descritiva**. 19. ed. Rio de Janeiro: Vozes, [1971] 2002.

CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CASTRO, M. C. de. **Os aspectos das vogais na fala do sertanejo da região de Balsas-MA**. 2008. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

CASTILHO, A. T. O Português do Brasil. In: ILARI, R. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 237-269.

CAVALIERE, R. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, G. A.; ABAURRE, B. et al. **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

COSTA, S. A. R. **Uma abordagem linguístico-histórica da nasalidade em Corumbá de Goiás**. 2005. 57f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

COUTINHO, I. L. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, H. H. do. **Fonologia e fonologia do português**. Brasília: Thesaurus, 1997.

_____; SOUSA, U. R. de. As consoantes pré-nasalizadas no crioulo caboverdiano: por uma interpretação bifonemática. In: LANG, J. et al. (Orgs.) **Cabo Verde – origens de sua sociedade e do seu crioulo**. Tuebingen: Gunter Narr Verlag, 2006. p. 133-146.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciência e comportamento**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

CROWLEY, T. **An introduction to historical linguistics**. 3. ed. New York: Oxford University Press, 2003.

CRYSTAL, D. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.

DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Word a cross-linguistic typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

ELIA, S. **A unidade linguística do Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 2003.

_____. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

_____. **Orientação da linguística moderna**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

ELSON, B. F.; PICKETT, V. **Introdução à morfologia e à sintaxe**. Trad. de Aryon D. Rodrigues. Petrópolis: Vozes, 1973.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARIA, E. **Fonética histórica do latim**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

FERREIRA, M. **Aprender e praticar gramática**. Ed. renovada. São Paulo: FTD, 2003.

FERREIRA NETTO, W. **Introdução à Fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

HAYES, B. **A metrical theory of stress rules**. Tese de Doutorado, PhD. Cambridge: MIT, 1980.

HOUAISS, A. VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R. **Linguística românica**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

JENSEN, J. T. **Morphology: word structure in generative Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1990.

JOHNSTONE, B. **Qualitative Methods in Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

JUBRAN, S. A. C. **Árabe e português: fonologia contrastiva**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp/CEAR, 2004.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. M. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas: EDUC/Mercado de Letras, 2002.

LEE, S.-H. Sobre a formação do diminutivo no português brasileiro. **Linguagem: Revista de Estudos da Linguagem**, Faculdade de Letras da UFMG, n. 1, v. 8., jan./jul. 1999.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix. 1997.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. Trad. de Rosa Virgínia de M. e S. e Hélio Pimentel. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

_____. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1992.

_____. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MACAMBIRA, J. R. **A estrutura morfo-sintática do português**. 9 ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

MALBERG, B. **A fonética: no mundo dos sons da linguagem**. Trad. de Oliveira Figueiredo. Lisboa: Ed. Livros do Brasil – Lisboa, 1998.

MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINET, A. **Elementos de linguística general**. Version española de Segundo Álvarez. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

MASSINI-CAGLIARI, G., CAGLIARI, L. C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**. v.1. São Paulo: Cortez, 2005. p. 105-146.

MATEUS, M. H. **Aspectos da Fonologia do português**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1975.

- MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. **Introdução aos estudos de Fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-81.
- MELO, G. C. de. **Iniciação à filologia e à linguística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
- MILANI, S. E. **Historiografia linguística**: Ferdinand de Saussure. Goiânia, 2008.
- MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. da. As consoantes do Português. In: BISOL, L. **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- MORAES, J. A. de e WETZELS, Leo. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 23, jul/dez. Campinas, 1992. p. 153-166.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**. v. 1, 2 e 3. São Paulo: Cortez, 2005.
- NASCENTES, A. **Dicionário etimológico resumido**. Brasília: Instituto Nacional do Livro/Ministério de Educação e Cultura, 1966.
- NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. 9. ed. Porto: Clássica, 1989.
- RIOS, L. M. **Cadernos de pesquisa do ICHL**. Universidade Federal do Goiás, n. 07, 1996.
- ROCHA, E. P. G. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RODRIGUES, A. D. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 11-24, 2003.
- ROSA, M. C. **Introdução à morfologia**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- SANDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**. v. 1. São Paulo: Cortez, 2005. p. 181-206.
- SANTIAGO, E. C. **Alteração segmental em sequência de vogais altas no português de Belo Horizonte**. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado em linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2005.
- SAPIR, E. **A Linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo-SP: Cultrix, 2006.
- SCHACHTER, P.; SHOPEN, T. Topological distinctions in word-formation. In: SHOPEN, T. (Org.). **Language typology and syntactic description**. 2. ed. v. III: Grammatical Categories and the Lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SCHANE, S. **Fonologia gerativista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

SILVA NETO, S. **A língua portuguesa no Brasil**. Lisboa, 1960.

_____. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA, R. V. M. **Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **O português arcaico: Fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Orientações atuais da Linguística Histórica Brasileira. **DELTA**, São Paulo, n. Especial, v. 15, p. 147-166, 1999.

SILVEIRA, R. C. P. **Estudos de Fonologia portuguesa**. São Paulo-SP: Cortez, 1986.

SOUSA FILHO, S. M. **Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê)**. 2007. 331f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

SPENSER, A. **Phonology**. Massachusetts: Blsckwell, 1997.

TARALLO, F. **Fotografias sociolingüísticas**. São Paulo: Pontes, 1989.

_____. **Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, R. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TODOROV, T. e DUCROT, O. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. Trad. de Marcos Bagno. 4. ed. São Paulo-SP: 2002.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. 6. ed. Rio de Janeiro-RJ: Tempo Brasileiro, 1994.

Angela C. S. Rodrigues e Waldemar Ferreira Netto. Em:
<http://fflch.usp.br/dlc/lport/pdf/criterio.pdf>.

http://www.tiosam.com/?q=Imagem:Brazil_State_Maranhao.svg

<http://www.sil.org/sitemap.html>

IBGE. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default>.

<http://www.filologia.org.br/soletras/14/05.htm>. A nasalidade das vogais em português. José Mario Botelho (UERJ e ABRAFIL).

ANEXOS

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelo telefone (62) 3521-1075 ou 3521-1076.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: A nasalização no dialeto de Fortaleza dos Nogueiras

Pesquisadora responsável: Gisélia Brito dos Santos

Telefone/e-mail para contato: (62) 3255 3367 e (62) 96861819 britogisa@hotmail.com

Justificativa: a pesquisa se justifica pela necessidade de se investigar os aspectos linguísticos fonético-fonológicos referentes à nasalidade característicos da região de Fortaleza dos Nogueiras-MA, em virtude desta ser uma cidade tipicamente interiorana e passível de grandes desenvolvimentos, o que ocasiona a preservação de palavras antigas (algumas arcaicas) ou mesmo palavras latinas e a aproximação deste falar com os primeiros estágios da língua portuguesa e com a própria história dos fenômenos nasais desta língua, como também por não haver nenhuma pesquisa científica nessa área realizada em Fortaleza dos Nogueiras, pelo menos de que se tenha conhecimento.

Objetivo geral: Mostrar os traços fonético-fonológicos de nasalidade que estão presentes no falar de Fortaleza dos Nogueiras, bem como quais os ambientes nos quais ela acontece.

Benefícios decorrentes da participação na pesquisa: os(as) participantes da pesquisa darão uma grande contribuição cultural à pesquisa linguística local, o que servirá para estudos futuros da comunidade local.

Prejuízos decorrentes da participação da pesquisa: não estão previstos prejuízos de nenhuma ordem aos colaboradores, apenas a dispensa de tempo para a entrevista.

Procedimentos:

1. **Contato inicial:** A pesquisadora deverá estabelecer um contato inicial com os(as) colaboradores(as) a fim de propiciar um clima de familiaridade que resulte num trabalho o mais espontâneo possível. Procurará, pois, para isso, o apoio de lideranças dessas comunidades.

2. **Entrevista face-a-face:** a entrevista ocorrerá preferencialmente nas localidades naturais dos(as) colaboradores(as), com perguntas relacionadas à genealogia familiar, à história pessoal e do lugar, aos meios de produção, à cultura local.

3. **Filmagem e/ou gravação:** os(as) selecionados(as) que concordarem em participar da pesquisa e a entrevistadora poderão ser filmados e/ou terão suas vozes gravadas para uma futura análise dos dados coletados.

4. **Sessões de esclarecimentos:** nessas sessões será esclarecida a relevância do trabalho para a pessoa entrevistada e/ou comunidade local, bem como os critérios que serão usados para entrevistar cada informante. 169

Duração: a coleta de dados terá início em julho de 2008 e terminará em julho de 2009.

Produtos da pesquisadora: os resultados serão apresentados na dissertação de mestrado a ser defendida até março de 2010. A pesquisadora pretende publicar um ou mais artigos em revista especializada da área de linguística histórica e apresentar a pesquisa em eventos dessa mesma área.

Produtos dos(as) participantes: como a entrevistadora propõe-se a escrever um artigo, caso seja do interesse deles(as), poderá encaminhar-lhes cópias sobre as contribuições da pesquisa.

Prerrogativas do(a) participante: mesmo assinando este termo, o(a) participante tem a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem penalidade alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

Sigilo: para assegurar o sigilo sobre a identidade dos(as) participantes envolvidos(as), serão utilizados os pseudônimos escolhidos em comum acordo com os(as) participantes.

Despesas: não haverá qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa.

GISÉLIA BRITO DOS SANTOS
PESQUISADORA

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, portador de RG/ CPF/ CT _____, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa A NASALIZAÇÃO NO FALAR DE FORTALEZA DOS NOGUEIRAS-MA, como colaborador(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Gisélia Brito dos Santos sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Fortaleza dos Nogueiras, _____, ____/____/____.

Nome do(a) colaborador(a): _____
Assinatura/impressão digital: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar.

Testemunhas (não ligadas à equipe da pesquisadora):

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

ANEXO 2**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA****FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO COLABORADOR**

Nome: _____

Data de nascimento: _____ idade: _____

Local de nascimento: _____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

Instrução escolar: _____

Profissão: _____

Tempo que vive na localidade: _____

Origem dos pais: _____

Cônjuge: _____

Data de nascimento: _____ idade: _____

Local de nascimento: _____

Instrução escolar: _____

Profissão: _____

Tempo que vive na localidade: _____

Origem dos pais: _____

ANEXO 3

INFORMANTE C (J. M. S.)

Eeu nasci bẽim na Gãmelêra. Nasci i cabei de mi criá bẽim nu Riachu Fundu. Ói, seu pessoali todu, seu pai, seur tii tudĩ mĩ cũiece, aqui desdi eu nacida cumadiã. Pois... você acridita nunca meu apuzento deu certu?!

... ..

Pois dessi jeifĩ. Eli mandô, eli mandô iô pegá unr documentu i u cps pa eu levá... I dissi qui cuncertava meur, meur papeli. Marraí a Rosa du finadu ... Majó, qui trabaia lá nu sindicatu, ela tomava di conta du meur papeli. Ela foi maizeu nou Baussa. Ela falô nu NS, pu Fernandu lá nu NS. Ela falô: “seu Fernandi vamu vê. Eu vim aqui pelu apuzentu dessa véa, que u apuzentu dessa véa nũ tá indu pa frenti. Qui ingancho é essi?” Aí eli dissi: pegui u cps dela beãĩ i traga aqui. Só u documentu qui eli mĩ procurô. Aí já foi mĩ pidindu u cps i eu dei. Eli meteu lá nu computadô i dissi: “oi, cadê? Issu num valeu nada!” Mais tambẽim eli num mĩ ispricô pru qual mutivu era, nem prãmim nem pra ela, quali era u mutivu. Aí eli separô uns trêr papeli i intregô pra ela. Muié, aí eu levei foi monti di papeli, onti pu cartóriu, me... Nu dia quatu di abrili du anu passadu, agora in abrili, agora nu dia quatu, feiz um anu quu eu levei meus papeli pra lá. Ainda hoji tá inganchadu ainda. Aí uns diz que iô tô devendu nu sindicatu, ôtus diiz qui nãũ, que é u cps qui nũ tá comu lavradora, tá comu nulá.

... ..

Eu queru í hoji... prá lá... Eu falei cum a mĩnina bẽi tomá di conta di mĩã coizĩã aí, botá dicumê pus pinfĩ i água, qui eu queru durmi na rua, qui eu queru falá cum mĩã fia hoji nu telefoni. A Maria Raimunda mĩã, lá nu Projetu Vera Cruz. Aí lá é obrigadu eu í amãĩã, lá ondi a Rosa... Ela foi maizeu, cũmigu. Siazĩã, agora u qui ceis vão fazê pa modi nois í. Só na segunda-fêra puque eu vô pu Baussa. ... Pá nós í lá nu cartóriu passá essi papeli pa intregá pa adivogada. Cumadi, marrintirtida cum mĩã roça, pãĩandu mĩãs coisa cumadiã, aí até eu misquici dur meu papeli pa í agora essa semana.

... ..

Você pensa nũã pessoa... Num fiã mĩã siora... oi, fiã trêis casa cum essa... i agora eu vô saĩ daqui... Eli ficô até má sartirfeito... dissi qui eu vô saĩ daqui... Siazĩã, eu tẽũ qui procurá u qui é meu, siazĩã. Mĩã mĩnina mĩ convidô pa morá pa lá... eu compei lá dois loti, um tẽim uma casa réa, inriba, di paia di cocu pu cima e pur baxu. As paredi di taipu cheia di barru. Até assim... tẽim ãã cuzĩãzĩã, tẽim um fugãzĩ na cuzĩã. Tẽim ôtu loti nu rabu dessi loti pa cima qui eu compei. Pura casa tẽim energia i tẽim água, cumadiã, fica afastada assim di genti. Aí cumadiã, essi qui compei lá, tẽim enegia, tẽim água. Compei pu mili contu e u ôtu foi trezentu reau, u ôtu loti. Eu vendi u meu aqui na Fortaleza, aqui pu trêis mili contu. E eu ainda tẽũ seticentu reali dessi dĩêru, ainda tẽũ, ainda. Vô recebê nu fim du meis qui eu vô recebê... “Seu Nascimento eu vô vendê, mais num queru u dĩêru todu dũã vez. Eu queru dois reali, dois mili de entrada nu chequi, pa mim mandá pa mĩã mĩnina, pa resolvê meu negoçu”.

INFORMANTE E (E. N. O)

Purque nóis... u meu pai feiz cuma Abraãũ. Cê cũieci a leitura di Abraãũ? ... Qui Deus prometeu um povu pra eli, mais u terrenu deli era piquẽnũ... Aí eli saiu di lá pa colocá essi povu aqui. Comprô essi sítiu qui tava abandõnadu. Eli fiã, dozi filhu, u meu pai. Dozi filhu. I aí, nóis vñẽmu pra cá, nóis vñẽmu cum carga di jegui, vinti i ãã carga, mã fia. Issu tẽim ãã história, cumu diz u Pedu Malaquia, “se vocẽis tivessim botadu toda história, oh vocẽis fũũ coisa pa contá num é?”

Oh, eu vñã cum buchu. Cheguemaqui nu dia novi, quandi foi nu dia vinti i trẽis eli nasceu. Issu era um buchu!

... ..

Quato filhu. Treizõmi i ãã muié. Mora, ãã, ãã, um homi mora in Goiania, um filhu meu mora in Goiania, é casadu. Ôtu mora in Bausa i essi mora cumigu, e ãã minina, ãã fia qui eu tẽũ mora lá naquela casa di tẽa lá na frenti.

... ..

Vivemu mũtu, graças a Deus, batalhandu pa criá a família, mais foi ãã vida feliz, nor nunca vivemu assim, in disacordu. Toda vida vivendu alegri, satisfeito, tocandu, passandu pôra vida.

... ..

Sô católica. Nũ sô mũtu católica porque ocê sabi qui a genti nũ farnunca direifĩ cumu Deur manda, mais eu queru sê, sô ãmenũ ãã imitadora. Eu nũ, nũ mexu cu uzotu, i nũ róbu, eu nũ matu, eu nũ andu falandu mau da vida alêa, eu ficu sempri impregada im mã casa.

... ..

Quinze reais pa í i vim. Mais eu achu, eu concordu, mã fia, qui di prẽmêru nóis ia na Fortaleza cum trer dia di pé, óia, cãmãandu e agora, u carru vẽim i pega cincu hora. Quandé quatu hora nói chega aqui cum a carni, cum tudu qui nóis podi comprá. Ainda dá pa fazê a janta, bãã nu rii...

... ..

Poisé dona, óia, nóis tãmu aqui. Meu pai, eli morreu aqui. Mã mãe morreu in Mangabêra, nu mũnicipi di Mangabêra. Ela adueceu e nóis fiã mais concorrẽça era pra lá, e levemu pra lá. Ela morreu. Ficô lá nu, mais ãã fia dela. Tẽim ôta. Óia, essa fãmia é grandi qui eu nem ti digu. Nóis tẽim genti in São Paulu, tẽim ãã fãmia dãã irmã mãã; in Brasilia tẽim ãã fãmia dãã irmã mãã; in Goiãnia eu tẽim um fiiu i um horrô de subrĩ; e na Mangabêra tẽim ãã irmã cũã fãmilia. Só mermu nũ tẽim irmãũ, assim na Imperatriz, in Sãũ Luís, pralí nor nũ tẽim nãũ. Mais pra cá, tẽim mũta gente, mũta, mũta, mũta. Pra ondi nóis fô, tẽim genti.

INFORMANTE F (D. R. C.)

Eu vĩa vindu daqui marrum rapaiz meu, bêãculá fĩa um hõmĩ cum carru atoladu. E aí noi vĩa cunr boi i eli mim pidiu: moçu mĩ dê um jeitu aqui, meta essir boi nessi carru pa vê se nóis tira. Aí... Oh diabu: poi ramu vê rapaiz. Eu vĩa cum fii meu. Metemur boi. Lá, u carru sempri... Peguemur boi véi, ur boi puxaru u carru dentu da lama. Truxemu lá. Eu num cũicia essi hõmĩ nãũ. Eli dissi: moçu, quantu é essi seu trabai?. Eu digu: nãũ, eu num façu issu di graça pa pagamentu nãũ sĩô, é de graça mermu, num vale nada nãũ. Pois oi: Deur li dê mũitur zanur di vida. Eu digu: nãũ sĩô, vá dá essi pagamentu paqueli rapaiz. Pa mim, eu num queru nãũ. Quieu du jeitu quieu já vivi i mais qui você inda mi dá! Mais, eu num queru nãũ. Sofrendu demais, num queru nãũ.

... ..

Nãũ puque véi, oia, véi é a coisa qui mai sofri nu mundu, é a pessoa véi. Aquilu dói dô, dona, quieu num sei nem donde é. U corpu tođĩ, dói tudu, tudu, tudu, dessi jeitu. Mĩnĩnũ, é rũim a vida dum véi. Marreu inda tô vivendu, que tô camĩandu. Na hora quieu mim achá paradu quié terrivi.

... ..

Eu sintu é ããs coisa assim nim mim, assim, ói. Um, um achaqui nas perna, assim ãã dô assim nur nervu, ãã coisa. Eu já andei caindu aqui ãã vez puru matu. Andarra nu campu quandi dei fé, mĩ deu ãã tontura “vuuuuuuuu”, escapuliu u gai, rogô.

Aí eu peguei gritá. Sempri um rapaizĩ, meu subrĩ, saiu lá. Aí o rapaizĩ. Digu: “tô mortu aqui meu fii, tô mortu”. Aí foi quieli correu aqui pra cá, chegô aqui na casa, foi qui ajeiru u carru, foi qui mi levaru pa rua. Eu quaji morru. Poir num tornei vivê, mĩnĩnũ!

... ..

P: Seu Damiãũ, cê lembra da história daquelis revoltosus qui passaru puraqui?

... ..

Elir chegarru era nãã casa assim. Bẽim, si u donu da carra sabia qui fĩa dieru, já vium informadu. Elis percorrarru puru ãĩêru. Si elir dissessi que nãũ, num tẽim nãũ, elis evadium entrarrum, abria as caxa tuđĩ, pãĩarra u ãĩêru qui fĩa. Chegarru bĩái, fĩa um animal bom, elir riam cum animal réi cansadu. Quem fĩa um gordu, elis pãĩarru essi i soltarru aqueli magu réi bẽái. Chegarru biái, fĩa um magotãũ de gadu, elir vĩum cum fomi, puchavu ãã vaca daquelar, passavu u caceti, matarra, tirarrus pedaçu qui fĩa, uzotu ficarru bĩái. I fossi um falá. Istudu armadu aí, terrívi aí. U jeitu qui fĩa era si aquetá, ficá quefĩ, num dizê nada. Issu, nessi tempu, siscondeu mũta genti, issaqui era vastu, num fĩa... Icurrria genti, largarras casa, curria tudu aí. Passarra... apregarrur bicu di galu di cera. (Risos) Qui era pur galu num cantá. Ficarru tudu iscundidu nessa zagua di terra.

Marravum tomẽim pedra nu rabu dus cavalu pus cavalu num rinchá, ô amarravum a boca.

Er tavum purai, era ãã turma di genti, eu num vi nãũ, mas dis qui era mũta genti, tudarmadu, tudarmadu aí, pãĩãndu as corra nas casa.

INFORMANTE L (J. V. S.)

Plantei feijão, qui meu vizinho me deu ali a terra pra mim plantar feijão, a terra não era gradada e... Pronto pra trabalhar... é serviço assim de pessoas mermas já de... certa idade, não pode si avança com o novo, não é?

... ..

Gosto de morar aqui na Taboca, eu acho bom demais aqui. Agora só que é muito dependente pra nós aqui, porque falta... No verão a falta de água é muito dificuldade mostra aqui, pra nós aqui. No verão acaba... Aí aumentou as pessoas aqui, do povoado aqui. Aumentou, e aí a água não dá.

... ..

A gente fica assim, lutando aqui com o zêzoto. A água vem um dia, aí passa... A gente tranca, aí acaba, aí a gente tranca a água lá em cima, aí deixa juntar... passa uma semana.

... ..

Temos um tempo que moro aqui, já tá com trinta e pouco anos e não tenho nem uma inutilidade ali aqui, nunca briguei com ninguém... Aqui todo mundo gosta de mim, aqui... Meus vizinhos e vizinhos pur fora... Acho que não tenho onde ficar aqui, graças a Deus, eu não tenho onde ficar aqui.

Todo lugar que chego ao povo me dá um abraço... Eu passo às vezes quatro, cinco dias em um lugar, e quando eu saio do povo fica doído pra mim passar a tarde, um tempinho mais, né?

... ..

Aqui... porque era tabocada horrível, tinha muita taboca mermas. Agora não temos mais não, porque as pessoas vão devorar tudo plantando roça... Aí tá mais pouca, mais aqui era tabocada mermas que antigamente, e do povo só trabalhava com o incêndio de madeira, não trabalhava pra... que as tabocas ficam assim na beira do carrasco.

... ..

Agrosserra ajuda demais aqui. Pra nós aqui é... foi uma bênção a Agrosserra também... Porque aqui, na hora que adoeci um, só faz ligar pra lá, passa um raio também que o rapaz também tem, coisa um raio, passa um raio pra lá, que a ambulância chega na merma da hora.

... ..

E aí eu, quando chega o final de semana, sempre a celebração aqui é no final de semana, não é? Aí quando chega o final de semana eu sou, só eu que mando mermas no povo, não é?

... ..

Temos apititi bom pra comer. Teve um tempo aí que eu tive assim meu, meu duenti, aí num tive apititi bom pra comer, assim fraco, não tinha apititi pra comer, mais depois voltou ao normal mermas.

INFOMANTE M (A. R. A.)

Trabaiandu puque trabaiu mermu e nũ tẽũ condiçãũ de agi sẽim trabaiá. Tẽũ qui trabaiá até u dia qui Deus determiná. Qui sô evangeli, trabaiu na roça, mais trabaiu na roda di Deus tambẽim.

... ..

Tô capinandu aqui a roça. Prantu arroiz, prantu milhu, prantu fava, prantu fejjãũ i prantu mandioca. I mĩã roça é duar lĩã. Mai pra traiz quan fĩã fõça, era três, agora é duas i tô dandu u que fazê pa prantá, qui nũ tẽũ ajuda dũã... nũ tẽũ assim pa bẽim dizê um... Eu nũ sô, cumé qui diz? Eu nãũ sô... perainda, u véi tá cumeçandu errá, marru véi cunserta traveziz (risos).

Eu nũ tẽũ ajuda assim dũã coisa, eu nũ compru ã adubu. Meur ligumi sãũ fracu, eu nũ tẽũ com quẽ. Nũ vẽim um tratô trabaiá prãmim porque nũ tẽũ condiçãũ di pagá u tratô. Nũ põĩũ adubu. Meur ligumi sãũ fracu. Mar dá prãmim cumê ã tiquĩ delis.

... ..

Prantei ãã parte, rá tá nacida, rá tá até mũtu isperançosa i tẽim ôtas partiziã quinda nem nasceu qui é essar bẽim purá. Marrotus tẽim nacidu purá. Vô prantá ainda. Puque esperu qui Deus vai mĩ ajudá qui io coiu mĩã roçaa toda.

... ..

Nãũ. Marreu sô acostumadu vê. Eu sô véi, tô acostumadu vê. Us mar novu puraqui mĩ dizẽim: “Oh, seca grandi!” Se admirum. Nũ mĩ admiru puque já tẽũ vistu. Já tẽũ perdidu roça totali qui nũ pãĩũ nem ãã abobra di dentu, caur dai seca.

... ..

Tẽim mũta água. Us poçu dui vizĩ quar secum tudu, qui até u du coleju ficô fracu di água qui vĩum pãĩá aqui nessi meu. Nũ era todum mundu qui vĩa, mais vĩa sempri genti vĩa tomá bãĩ di tardiziã. As professora qui tarralĩ vĩaum tomá banhu nu poçu daqui di casa. Sempri deu. I agora depois qui pegô chuvê, pegô aumentá a água.

... ..

Até qui nũ tẽim, qui ãim rapaiz qui trabaia cum carru di lĩã tudu sãũ meus parenti. Sãũ cũicidu. A veiz qui u Ontõĩ Raimundu bãĩãĩ, qui nũ tá indu, io vô mairrotu. Marru Ontõĩ Raimundo pegô i, agora, di pôcus tempu qui eli pegô fazê lĩã. Eu sempri vô maiseli, qui eli todum dia vẽim aqui na nossa casa percurá.

... ..

É porque aqui era um tabuleru, biãqui. Um tabulerim limpu, i as vagi era contrãmĩnada di piaçaba. Piaçaba é aqueli coquĩ rasteru, sabe?

Era contrãmĩnada di piaçaba, quiera on todum mundu tirava paia pá botá... pá fazê casa. Aĩ botaru u nomi di Tabuleru di Piaçaba. Qui a piaçaba era nu fundu i u tabuleru era aqui. Tabuleru di Piaçaba, mar nãum chamu pur tabuleru, u nomi... U terrenu qui tẽim aĩ só é Piaçaba.

Acabô. Uzomi, us grileru (risos), cabaru cum... fazendu pastu. Aĩ acabô. Meteru tratô, purondi era, cabô a piaçaba. Piaçabiã véa pôca, aĩ dentu dëssis carrascu, mũtu pôca. Nũ dá mar nem pa genti fazê casa. Eu tava quaji morandu, ia morá nu, nu, na chuva, dibar da moita, que nũ fĩã mais casa, nũ fĩã mai foça di tirá corra. Marraĩ, quando foi agora puressas pulítica mĩ arranjarum ããs tẽa, ãã tẽa, e aĩ eu cubri mĩã, mĩã casa.

INFORMANTE N (V. R. A.)

Toda vida trabaiei na roça, desdi mĩnĩnũ até agora, meu pai morreu i eu fiquei cuidandu da mĩã mĩã cum mĩãs irmãs, qui nóis era cincu irmãũs, ajudei elas até agora. Até um tempãũ dessoris.

... ..

Eu vô procurá um médicu... Eu nũ cũieçu ninguẽim lá, eu vô procurá um médicu di coraçãũ pá botá u aparelhu aqui, pá botá u eletrú nu meu peitu, pá olhá...

Eu tivi ãã duença um tempu, nu tempu qui eu troxi pá cá na Fortaleza, eu peguei ãã ãnẽmia mais doida nu mundu, quaji ia morrendu, fui hospitalizadu... Eli passô pra mim tomá quatu bouça di saingui, nu casu só tomei duas, quando passasse assim, disse que era pá mim í, é qui eu pensei qui tava bom i quando eu dei fé, tornei a pegá a duença e, graças a Deus, eu nunca fui... Até hoji eu nunca mais vi a mãũ dum médicu... Já tẽim uns dozi anu issu.

... ..

Eu vim pra cá e elis é qui já tavaum aqui, a mulhé qui morava aqui. Nãũ! a mulhé nũ morava aqui nãũ, mas quando eu morava na Piaçaba, a mãĩ dela fĩã ãã terra aqui e a mãĩ dela era viúva e ninguẽim cuidô, só fĩã us fii. A mãĩ dela fĩã uns direitu i ela mĩ chamô pra mim vim pra cá i eu achei pur bẽim... Larguei a mĩã lá i vim. Cheguei, eu comprei mais um direitu aqui i elis qui fĩã mais as coisa du qui eu nũ quiriãum porque a terra num era dividida, i elis intendiãum qui eu nũ fĩã nada aqui. Eu fui fazê essi açudi bẽãqui puru bancu du Nordeste, nũ sabi, nũ mĩ derãum parti di mim? Nóis fizemu, u açudi secô, depois u açudi quebrô, u prefeito, foi u dôtô Gidá remodelô, u açudi quebrô di novu. Essi açudi tá mĩ fazendu ãã bixura cumigu. Até agora foi qui acabô di pagá pelu bancu du Nordeste... I a Agrosserra veiu tirá essa paredi qui foi qui segurô essas obra qui a genti feiz, i aí oh, u cumpãêru qui tẽim aí... Quando us meur bichu iscapoli elis mata. Quando um bichu meu fica pertu delis, elis iscurracha... I aí que elis acha qui eu nũ tẽiũ nada aqui, i eu cum us documentu delis na mala, tá bẽim aí.

... ..

I cum issu elis foi i, obrigatoramenti faiz tudu pu povu aqui. Qui tẽim tudu! Oh, elis dãũ a roça pra cortá a terra, elis dãũ u adubu, elis dãũ u ólhu, i essi motô qui tẽim bẽãí, qui alumêa essi patrimõniu, aí quebra... Vai dois, treis mil contus pra arrumá... Elis arruma tudĩ i nũ cobra nada. É pai dissu aqui! Se nũ fossi a Agrosserra... Todu mundu tẽim seus duzentus gadu, foi a Agrosserra qui ajudô elis. Agora, eu nãũ, Agrosserra mermu assim, pra mĩ ajudá nessa parti Nunca trabaieimu lá, nunca pedi a Agrosserra, sempri gostei di trabaiaá por mĩã conta, pra mim nũ vivê assim, pidindu uzôtu. Sempri façu du meu jeitu mais ur minini aqui.

... ..

Eu fĩa, eu fĩa um hõmĩ alí qui eli nãũ era nada meu, mais u hõmĩ era quaji meu pai, podia dizê, nóis era quaji todur dois duma idade, mais u hõmĩ era mũtu bom pra mim. Tudu qui eu precisava du hõmĩ, u hõmĩ arrumava pra mim, eu trabalhava i eli mĩ ajudava. U hõmĩ qui eu consideru mũtu eli. Foi mũtu ruim pru povu, u mais ruim qui deu pru povu foi eli, mais pra mim, era meu pai, era meu irmãũ, era meu cumpadi.

ANEXO 4



Ilustração 1 – Informante A (G. C. S.) e sua família. Em Alto Lindo.



Ilustração 2 – Informante B (B. F. S.) com alguns de seus filhos e netos. Em Matinha.



Ilustração 3 – Informante C (J. M. S.) na hora da entrevista. Em Alto Lindo.



Ilustração 4 – Informante D (M. C. S. R.) na cozinha de sua casa. Em Gameleira.



Ilustração 5 – Informante E (E. N. O) com o marido, o filho e um visitante. Em Cachimbo.



Ilustração 6 – Informante F (D. R. C.) na cozinha de sua casa. Em Piaçaba.



Ilustração 7 – Informante G (M. N. S. C.) no interior de sua casa. Em Piaçaba.



Ilustração 8 – Informante H (M. A. F. S.) na porta de sua casa. Em Taboca.



Ilustração 9 – Informante J (M. F. C.) no quintal de sua casa. Em Taboca.



Ilustração 10 – Informante J (J. V. S.) no quintal de sua casa. Em taboca.



Ilustração 11 – Informante M (A. R. A.) em sua roça. Em Piaçaba.



Ilustração 12 – Informante N (V. R. A.) na porta de sua casa. Em Piaçaba.



Ilustração 13 – Informante O (L. R. A.) fazendo comida. Em Poço.



Ilustração 14 – Informante P (C. A. M. R) com sua esposa e netos. Em Taboca.



Ilustração 15 – Informante Q (J. L. R. C.) na varanda de sua casa. Em Taboca.



Ilustração 16 – Informante R (M. P. A. R.) no quintal de sua casa. Em Taboca.



Ilustração 17 – fonte (córrego que abastece a comunidade) da comunidade Gameleira.



Ilustração 18 – palmeira de buriti, planta nativa da região.



Ilustração 19 – palmeira de bacaba, planta nativa da região.



Ilustração 20 – pasto nativo em meio ao coqueiral.



Ilustração 21 – pasto mecanizado da comunidade Taboca.



Ilustração 22 – jumento e cangalha, meio de transporte muito utilizado na região.



Ilustração 23 – criação de porcos.



Ilustração 24 – plantação de inhames.

ANEXO 5**MAPA ESTADUAL**

Fonte: disponível no site

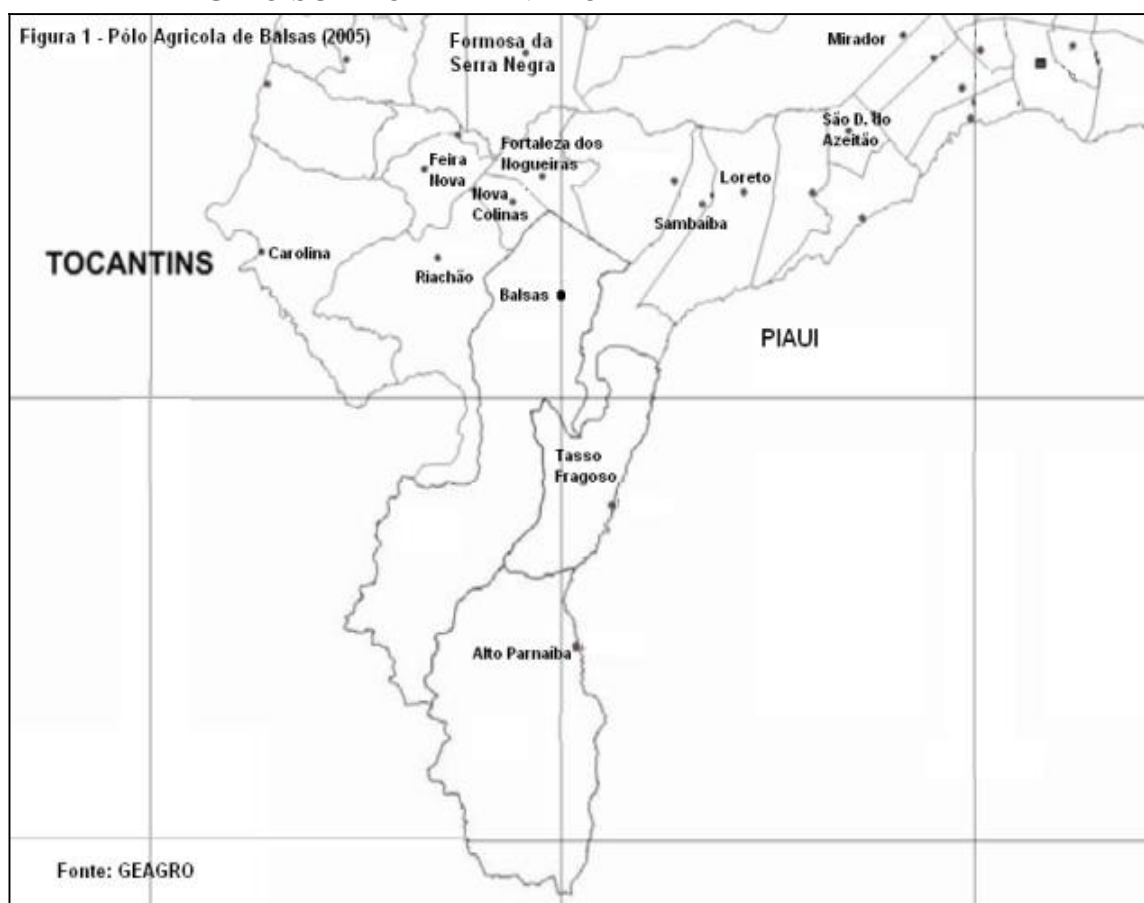
http://www.tiosam.com/enciclopédia?/=imagem~Brazil_Estado_Maranhão.svg

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA DOS NOGUEIRAS



Fonte: disponível no site
http://www.tiosam.com/?q=Fortaleza_dos_Nogueiras

MAPA DA REGIAO SUL DO MARANHÃO



Fonte: Ceagro (apud CASTRO, 2008).